

CICLO DE ESTUDOS
COMUNICAÇÃO E GESTÃO DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS

Ob.EMMA

Relatório de Projeto

Júlia Reis Silva

M

2025



Júlia Reis Silva

Ob.EMMA

Relatório de Projeto

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, orientado pelo Professor Doutor Armando Malheiro da Silva e pela Professora Doutora Emília Simão.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025



Este trabalho está licenciado ao abrigo de uma licença CC BY 4.0

Sumário

Sumário	3
Declaração de honra / Declaration of Honour	6
Agradecimentos	7
Resumo	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas	11
Índice de Gráficos	12
Lista de abreviaturas e siglas	15
Introdução	16
1 Enquadramento Teórico	17
1.1 Indústrias Criativas	17
1.2 Observatório	18
1.2.1 Observatório Cultural (OC)	20
1.2.2 OCs em Portugal	22
1.3 Ob.EMMA	23
1.4 Música Eletrónica	25
1.5 Media Arts	29
1.6 Festivais e eventos	30
2. Componente Metodológica	32
3. Apresentação e análise da primeira fase de mapeamento	35
4. Apresentação dos CE	38
4.1 Festival Semibreve	38
4.2 Festival Tremor	39
5. Apresentação dos dados recolhidos	40
5.1 Mapeamento do Festival Semibreve	40
5.1.1 Primeira edição (2011)	40
5.1.2 Edição intermédia (2017)	41
5.1.3 Última edição (2024)	41
5.2 Mapeamento do Festival Tremor	41
5.2.1 Primeira edição (2014)	41
5.2.2. Edição Intermédia (2022)	42
5.2.3 Última edição (2025)	42

5.3 Inquéritos por questionário- Festival Semibreve	42
5.4 Inquéritos por questionário - Festival Tremor	43
5.5 Inquérito por entrevista - Festival Semibreve.....	45
5.6 Inquérito por entrevista - Festival Tremor	48
6. Análise comparativa	52
6.1 Festival Semibreve.....	52
6.1.1 Análise comparativa dos dados mapeados.....	52
6.1.2 Análise dos dados adquiridos através de inquéritos por questionário	55
6.2 Festival Tremor.....	58
6.2.1 Análise comparativa dos dados retirados por mapeamento	58
6.2.2 Análise dos dados adquiridos através de inquéritos por questionário	62
6.3 Festival Semibreve VS Festival Tremor	67
6.3.1 Género	67
6.3.2 Individuais vs. Coletivos.....	69
6.3.3 Nacional vs. Internacional / Nacionalidades	71
6.3.4 Tipologias.....	76
6.3.5 Presença Online	78
6.3.5 Biografias	80
6.3.6 Escopo de idades e Data de nascimento	82
6.3.7 Inquéritos por questionário	85
6.3.8 Inquéritos por entrevista	86
Considerações finais.....	89
Referências Bibliográficas.....	92
Anexos:.....	97
Anexo 1.....	97
<i>Links para Sheets de mapeamento</i>	97
"mapeamento de eventos regulares ME & MA"	97
https://docs.google.com/spreadsheets/d/1cABe7idUkjeXYmdsmQJ05xs8ZQkaR7ly2xe2GOJy4SU/edit?usp=sharing	97
"estudos de caso mapeamento"	97
https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MzEjBDyWmEgbYe8m33Rtr6F7BD_-pxcqVGE4lsy9ErA/edit?usp=sharing	97
"Inqueritos Semibreve 2024(Respostas)"	97
https://docs.google.com/spreadsheets/d/1V6D9tTkLWBsOHqK4EPTVIdRCUO3--6a6YQTTEgsWrtA/edit?usp=sharing	97
" Inquéritos Tremor 2025 (Respostas)"	97

https://docs.google.com/spreadsheets/d/19PVTh1fa5tbkBBdaFqPEy8Rx8yV4VCN6x081HF6KsTY/edit?usp=sharing	97
Anexo 2.....	98
Mapeamento das 3 edições do Festival Semibreve	98
Anexo 3.....	103
Mapeamento do Festival Tremor.....	103
Anexo 4.....	109
Inquéritos por questionário- Festival Semibreve	109
Anexo 5.....	113
Inquéritos por questionário- Festival Tremor	113
Anexo 6.....	119
Transcrição da entrevista a Rafael Machado, Festival Semibreve.....	119
Anexo 7	132
Transcrição da entrevista a Márcio Laranjeira, Festival Tremor.....	132
Anexo 8.....	151
Consentimentos informados	151
Anexo 9.....	153
Prompts Chat GPT	153

Declaração de honra / Declaration of Honour

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

I hereby declare that this report is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at this or any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offence.

Declaro, ainda, que utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para a elaboração dos gráficos presentes no relatório, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo ao trabalho.

I further declare that I have used) generative artificial intelligence tools (chatbots based on large language models) to the graphics displayed in this report, and that all interactions (prompts and responses) have been transcribed in the annex to this work.

Porto, 2025

Júlia Reis Silva

Agradecimentos

No final desta etapa da minha vida acadêmica gostaria, antes de mais, de agradecer aos meus pais pela educação, força e sabedoria que me transmitiram ao longo da vida.

À minha família e amigos pelo apoio e incentivo constantes.

Aos meus orientadores Professor Doutor Armando Malheiro da Silva e Professora Doutora Emília Simão, o meu profundo reconhecimento pela orientação, apoio e incentivo constantes, e por terem guiado este trabalho com muita dedicação.

A todos os que me participaram com testemunhos, doando o seu tempo e que tornaram possível a recolha de dados para a esta investigação.

Aos colegas, agora amigos, que estiveram sempre ao meu lado durante esta caminhada, partilhando angústias e alegrias (e muitas gargalhadas). Em especial, agradeço à Viviane e, Gil as trocas, a amizade e por tornarem este caminho bem mais leve.

Um enorme bem-haja!

Resumo

O relatório em apresentação compila o trabalho desenvolvido no estágio integrado no Mestrado de Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, realizado no Observatório de Música Eletrónica e *Media Arts* (Ob.EMMA), pertencente ao CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, unidade de I&D sediada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O estágio focou-se na operacionalização do Ob.EMMA, essencialmente em duas frentes: uma para a criação de uma plataforma interativa cujo funcionamento se assemelha a um motor de busca para a Música Eletrónica e a *Media Arts* produzidas em Portugal, motivando um mapeamento extensivo de vários indicadores e atributos; a segunda frente, diz respeito à criação de uma narrativa analítica baseada na exploração conceptual de dinâmicas relacionais das estéticas visuais (Media Arte) e sonoras (Música Eletrónica) em Portugal tendo por base dois casos de estudo: o Festival Semibreve e o Festival Tremor.

Palavras-chave: Ob.EMMA, Música Eletrónica, *Media Arts*, Estudo Indicativo

Abstract

The report presented here compiles the work carried out during the internship integrated into the Master's Degree in Communication and Management of Creative Industries, held at the Observatory of Electronic Music and Media Arts (Ob.EMMA), belonging to CITCEM, centre for Transdisciplinary Research on Culture, Space and Memory, an R&D unit based at the Faculty of Arts of the University of Porto.

The internship focused on the operationalisation of Ob.EMMA, essentially on two fronts: one for the creation of an interactive platform that functions similarly to a search engine for Electronic Music and Media Arts produced in Portugal, motivating an extensive mapping of various indicators and attributes; the second front concerns the creation of an analytical narrative based on conceptual exploration, the relationship and dynamics of visual and sound aesthetics in the field of Electronic Music and Media Art in Portugal. To this end, two case studies were chosen: the Semibreve Festival and the Tremor Festival.

Keywords: *Ob.EMMA, Electronic Music, Media Art, Indicative Study*

Índice de Figuras

Figura 1 website ObEMMA.....	25
Figura 2 Alchemy stage, Boom festival 2025	31
Figura 4 Mapeamento de eventos regulares (1).....	35
Figura 5 Mapeamento de eventos regulares (2).....	35
Figura 6 website Festival Semibreve	38
Figura 7 website Festival Tremor	39

Índice de Tabelas

Tabela 1 Definição Indústrias Criativas.....	17
Tabela 2 Gênese e Identidade do festival Semibreve - Entrevista	45
Tabela 3 Estética Sonora e Visual do festival Semibreve - Entrevista.....	45
Tabela 4 Curadoria e Programação do festival Semibreve- Entrevista	46
Tabela 5 Público e Experiência do Festival Semibreve - Entrevista.....	46
Tabela 6 Relação com o Território e Comunidade do Festival Semibreve - Entrevista.....	47
Tabela 7 Desafios e Futuro do Festival Semibreve - Entrevista.....	47
Tabela 8 Gênese e Identidade do Festival Tremor - Entrevista.....	48
Tabela 9 Estética Sonora e Visual do Festival Tremor - Entrevista	49
Tabela 10 Curadoria e Programação do Festival Tremor - Entrevista.....	49
Tabela 11 Público e Experiência do Festival Tremor - Entrevista	50
Tabela 12 Relação com o Território do Festival Tremor- Entrevista	50
Tabela 13 Desafios e Futuro Festival Tremor- - Entrevista	51
Tabela 14 Comparação geral entre as 3 edições do Festival Semibreve	52
Tabela 15 Comparação geral entre as 3 edições do Festival Tremor	58
Tabela 16 Comparação por categorias, subtemas e excertos (Festival Semibreve VS. Festival Tremor).....	86

Índice de Gráficos

Gráfico 1 Distribuição de categorias de eventos.....	36
Gráfico 2 Cidades com mais eventos	36
Gráfico 3 Top 15 de zonas com + eventos	37
Gráfico 4 Eventos por mês.....	37
Gráfico 5 Comparação da Distribuição por Género nas 3 edições do Festival Semibreve	53
Gráfico 6 Comparação de Artistas Nacionais vs. Internacionais nas 3 edições do Festival Semibreve.....	54
Gráfico 7 Comparação das Tipologias Artísticas nas 3 edições do Festival Semibreve	54
Gráfico 8 Comparação da Presença Online nas 3 edições do Festival Semibreve	55
Gráfico 9 Comparação Geral das 3 edições do Festival Semibreve.....	55
Gráfico 10 Idades dos Inquiridos do Festival Semibreve	56
Gráfico 11 Top 10 das Profissões dos Inquiridos do Festival Semibreve	56
Gráfico 12 Top 10 locais de proveniência dos Inquiridos do Festival Semibreve.....	57
Gráfico 13 Sim (1.ª vez) Não (já participou) - Festival Semibreve	57
Gráfico 14 Nº de edições frequentadas- Festival Semibreve.....	58
Gráfico 15 Comparação da Distribuição por Género nas 3 edições do Festival Tremor	60
Gráfico 16 Comparação de Artistas Nacionais vs. Internacionais nas 3 edições do Festival Tremor	60
Gráfico 17 Comparação das Tipologias Artísticas nas 3 edições do Festival Tremor	61
Gráfico 18 Comparação da Presença Online dos Artistas nas 3 edições do Festival Tremor	62
Gráfico 19 Comparação Geral das 3 edições do Festival Tremor	62
Gráfico 20 Idades dos Inquiridos do Festival Tremor	63
Gráfico 21 Top 10 das Profissões dos Inquiridos do Festival Tremor	63
Gráfico 22 Top locais de Proveniência dos Inquiridos do Festival Tremor	64
Gráfico 23 Distribuição por Género dos Inquiridos do Festival Tremor	64
Gráfico 24 Nº de edições frequentadas pelos Inquiridos do Festival Tremor	65
Gráfico 25 Motivações para participação dos Inquiridos do Festival Tremor.....	65
Gráfico 26 Preferência Musical dos Inquiridos do Festival Tremor	66
Gráfico 27 Evolução da presença da ME segundo os Inquiridos do Festival Tremor	66
Gráfico 28 1ª edição- Género dos Artistas Festival Semibreve VS Festival Tremor.....	67
Gráfico 29 Edição Intermédia- Género dos Artistas Festival Semibreve VS Festival Tremor	68
Gráfico 30 Última edição- Género dos Artistas Festival Semibreve VS Festival Tremor	68
Gráfico 31 Média das 3 edições - Género dos Artistas Festival Semibreve VS Festival Tremor...	69
Gráfico 32 1ª edição- Individuais vs. Coletivos- Festival Semibreve VS Festival Tremor	69

Gráfico 33 Edição Intermédia - Individuais vs. Coletivos- Festival Semibreve VS Festival Tremor	70
Gráfico 34 Última Edição - Individuais vs. Coletivos- Festival Semibreve VS Festival Tremor	70
Gráfico 35 Média das 3 edições - Individuais vs. Coletivos- Festival Semibreve VS Festival Tremor	71
Gráfico 36 1ª edição- Nacionais vs. Internacionais -Festival Semibreve VS Festival Tremor	72
Gráfico 37 Edição Intermédia Nacionais vs. Internacionais -Festival Semibreve VS Festival Tremor	72
Gráfico 38 Última edição- Nacionais vs. Internacionais -Festival Semibreve VS Festival Tremor	73
Gráfico 39 Média das 3 edições - Nacionais vs. Internacionais -Festival Semibreve VS Festival Tremor	74
Gráfico 40 1ª edição - Nacionalidades presentes -Festival Semibreve VS Festival Tremor	74
Gráfico 41 Edição Intermédia -Nacionalidades presentes -Festival Semibreve VS Festival Tremor	75
Gráfico 42 Última edição- Nacionalidades presentes -Festival Semibreve VS Festival Tremor	75
Gráfico 43 1ª edição - Tipologias artísticas -Festival Semibreve VS Festival Tremor	76
Gráfico 44 Edição intermédia - Tipologias artísticas -Festival Semibreve VS Festival Tremor	76
Gráfico 45 Última edição - Tipologias artísticas -Festival Semibreve VS Festival Tremor	77
Gráfico 46 Média das 3 edições - Tipologias artísticas -Festival Semibreve VS Festival Tremor	77
Gráfico 47 1ª edição Presença online -Festival Semibreve VS Festival Tremor	78
Gráfico 48 Edição Intermédia - Presença online -Festival Semibreve VS Festival Tremor	79
Gráfico 49 Última edição -Presença online -Festival Semibreve VS Festival Tremor	79
Gráfico 50 Média das 3 edições- Presença online -Festival Semibreve VS Festival Tremor	80
Gráfico 51 1ª edição- Biografia (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	80
Gráfico 52 Edição intermédia -Biografia (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	81
Gráfico 53 Última edição- Biografia (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	81
Gráfico 54 Média das 3 edições - Biografia (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	82
Gráfico 55 comparação do Escopo de idades presentes nas 3 edições dos festivais Semibreve e Tremor	82
Gráfico 56 1ª edição- Data de nascimento (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	83
Gráfico 57 Edição intermédia - Data de nascimento (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	83
Gráfico 58 Última edição- - Data de nascimento (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	84

Gráfico 59 Média das 3 edições - Data de nascimento (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	84
Gráfico 60 Primeira vez no festival (sim vs. não) - Festival Semibreve VS Festival Tremor	85
Gráfico 61 Média do nº de edições frequentadas Festival Semibreve VS Festival Tremor	85
Gráfico 62 Motivações para a participação Festival Semibreve VS Festival Tremor	86
Gráfico 63 Comparação de ênfase por tema transversal (Festival Semibreve VS Festival Tremor)	88

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
CITCEM	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIAS
IC.....	INDÚSTRIAS CRIATIVAS
OBCREI.PT	OBSERVATÓRIO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVA-PORTUGA
OPAC.....	OBSERVATÓRIO PORTUGUÊS DAS ATIVIDADES CULTURAIS
OC.....	OBSERVATÓRIO CULTURAL
POLOBS.....	OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E CULTURA
FCS.....	FRAMEWORK FOR CULTURAL STATISTICS
IFCD	CULTURAL AND CREATIVE CITIES MONITOR
ME.....	MÚSICA ELETRÓNICA
MA	MEDIA ARTS
MAD	MÉDIA-ARTES DIGITAIS
CE.....	CASO (S) DE ESTUDO

Introdução

O presente relatório reflete o trabalho desenvolvido no estágio no Observatório de Música Eletrónica e *Media Arts* (Ob.EMMA)¹, pertencente ao CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, unidade de I&D sediada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, realizado para conclusão do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas.

O estágio focado na operacionalização do Ob.EMMA, concentrou-se em duas frentes de ação, a primeira com o objetivo de criar uma plataforma interativa cujo funcionamento se assemelha a um motor de busca para a Música Eletrónica (ME) e a *Media Arts* (MA) produzidas em Portugal, por meio do uso de filtros. Este processo exigiu o levantamento e mapeamento extensivo de vários indicadores e atributos que permitissem documentar e caracterizar eventos de ocorrência regular de ME e MA em Portugal. A segunda frente, desenvolvida em paralelo ao trabalho acima descrito e no âmbito do programa de bolsas para mestrandos oferecido pelo CITCEM, diz respeito à criação de uma narrativa analítica baseada na exploração conceptual, na relação e na dinâmica de estéticas visuais e sonoras no âmbito da Música Eletrónica e da *Media Arte* em Portugal. Com esta finalidade foram escolhidos dois eventos de carácter periférico para casos de estudo (CE), o Festival Semibreve, em Braga e o Festival Tremor, em São Miguel, Açores.

No contexto das Indústrias Criativas (IC) e do seu contributo para o desenvolvimento económico e social, a notabilidade de eventos de ME e de MA é cada vez maior, afirmando-se assim a pertinência do estudo dos mesmos e do impacto destes no panorama nacional.

¹ <https://site.O.pt/>

1 Enquadramento Teórico

1.1 Indústrias Criativas

O conceito de IC surgiu nos anos 90 relacionado às mudanças económicas e sociais ocorridas em certos países industrializados que “fizeram com que se deslocasse o foco das atividades industriais para as atividades intensivas em conhecimento, localizadas no setor de serviços.” (Bendassolli et al., 2009, p. 2). Apesar do conceito *per se* surgir na Austrália, o caso Inglês é o habitualmente apresentado como sendo de maior relevância, pois o país foi pioneiro no mapeamento das atividades criativas do seu território (DCMS, 2005) e criou o Ministério das Indústrias Criativas utilizando as IC como parte da agenda política e económica (Bendassolli et al., 2009). Bendassolli, Wood, Kirschbaum e Cunha compilam um quadro com diversas definições e perspectivas, de diversos autores, do que são as IC (V. Tabela 1):

Tabela 1 Definição Indústrias Criativas

DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
“Atividades que têm a sua origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza por meio da geração e exploração de propriedade intelectual [...] As indústrias criativas têm por base indivíduos com capacidades criativas e artísticas, em aliança com gestores e profissionais da área tecnológica, que fazem produtos vendáveis e cujo valor económico reside nas suas propriedades culturais (ou intelectuais).”	DCMS (2005, p. 5)
“A ideia de indústrias criativas busca descrever a convergência conceitual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala de massa), no contexto de novas tecnologias midiáticas (TIs) e no escopo de uma nova economia do conhecimento, tendo em vista seu uso por parte de novos consumidores-cidadãos interativos.”	Hartley (2005, p. 5)
“Em minha perspectiva, é mais coerente restringir o termo ‘indústria criativa’ a uma indústria onde o trabalho intelectual é preponderante e onde o resultado alcançado é a propriedade intelectual.”	Howkins (2005, p. 119)
“[Indústrias criativas] produzem bens e serviços que utilizam imagens, textos e símbolos como meio. São indústrias guiadas por um regime de propriedade intelectual e [...] empurram a fronteira tecnológica das novas tecnologias da informação. Em geral, existe uma espécie de acordo que as indústrias criativas têm um <i>core-group</i> , um coração, que seria composto de música, audiovisual, multimídia, <i>software</i> , <i>broadcasting</i> e todos os processos de editoria em geral. No entanto, a coisa curiosa é que a fronteira das indústrias criativas não é nítida. As pessoas utilizam o termo como sinônimo de indústrias de conteúdo, mas o que se vê cada vez mais é que uma grande gama de processos, produtos e serviços que são baseados na criatividade, mas que têm as suas origens em coisas muito mais tradicionais, como o <i>craft</i> , folclore ou artesanato, estão cada vez mais utilizando tecnologias de <i>management</i> , de informática para se transformarem em bens, produtos e serviços de grande distribuição.”	Jaguaribe (2006)
“As indústrias criativas são formadas a partir da convergência entre as indústrias de mídia e informação e o setor cultural e das artes, tornando-se uma importante (e contestada) arena de desenvolvimento nas sociedades baseadas no conhecimento [...] operando em importantes dimensões contemporâneas da produção e do consumo cultural [...] o setor das indústrias criativas apresenta uma grande variedade de atividades que, no entanto, possuem seu núcleo na criatividade.”	Jeffcutt (2000, p. 123-124)
“As atividades das indústrias criativas podem ser localizadas em um <i>continuum</i> que vai desde aquelas atividades totalmente dependentes do ato de levar o conteúdo à audiência (a maior parte das apresentações ao vivo e exposições, incluindo festivais) que tendem a ser trabalho-intensivas e, em geral, subsidiadas, até aquelas atividades informacionais orientadas mais comercialmente, baseadas na reprodução de conteúdo original e sua transmissão a audiências (em geral distantes) (publicação, música gravada, filme, <i>broadcasting</i> , nova mídia).”	Cornford e Charles (2001, p. 17)

As IC têm um expressivo impacto na riqueza de países, regiões e municípios. “Uma das dimensões mais importantes através da qual se avalia a riqueza, o valor económico e o bem-estar é o rendimento per capita (Citações da OCDE2018), geralmente medido através do produto interno bruto (PIB) per capita” e “o impacto total médio das IC no PIB per capita é positivo e economicamente significativo a todas as escalas territoriais” (Boix Domenech et al., 2021).

As IC ao gerarem vultuosos rendimentos e consequentemente um ambiente competitivo, requerem das organizações uma forte inteligência organizacional, “[...]uma capacidade organizacional, desenvolvida por meio de aprendizado sistemático, que permite à organização perceber adequadamente o seu ambiente externo e interno por meio do processamento e uso de informações e da geração de novos conhecimentos organizacionais que contribuem para a tomada de decisões eficaz para a solução de problemas e orientação estratégica em ambientes em constante mudança” (Cruz & Domínguez, 2007, s/p. tradução Alvares et al., 2021, p. 4)

Pinto, Martins e Malheiro da Silva na apresentação do OBCREI.PT, realçam a importância dos indicadores como instrumentos basilares para acompanhar, avaliar e promover o desenvolvimento das Indústrias Criativas em Portugal, subsidiando a tomada de decisões estratégicas e a formulação de políticas públicas mais direcionadas e eficazes para o setor (Pinto et al., 2020).

Os campos de atividade das IC são as “artes performativas e visuais, o património cultural, o artesanato e a joalharia, o cinema, a fotografia, a rádio, a televisão, a música, a edição, o software educacional e de entretenimento (vídeos jogos) e outro software e serviços de informática, os novos Média, a arquitetura, o Design, a moda e a publicidade” (DGAE, n/d).

1.2 Observatório

O conceito de observatório na atualidade carece ainda de uma definição simples e uníssona, por isso apresentam-se várias definições, no intuito de se adquirir uma compreensão mais ampla e aprofundada sobre o seu significado e aplicação.

O artigo de apresentação do Observatório USP CONTECSI refere que a “noção

filosófica de “observação” implica, desde Aristóteles, a ideia de controle e direção” e que o” termo grego para observação “significa vigiar, o que se faz atentamente e com vistas a certos fins” (Sakata, Silva, Riccio, & Capobianco, 2013), portanto “olhar algo com uma atenção especial” (Estivill, 2007).

A própria origem etimológica da palavra "observatório", do latim *ob* (sobre) + *servare* (cuidar, salvar, guardar) + *tório* (local), encaminha-nos, na sua essência, para um local de observação e cuidado direcionado. (Macêdo & de Melo Maricato, 2022).

Esta noção de espaço de observação de determinados fenômenos e/ou informação é sustentada por Ferreira (2010) e Espasa (1995) com a compreensão de que tais espaços são dotados de uma equipa e de instrumentos adequados para a execução da dita observação.

Segundo Ortega & Del Valle (2010) o observatório surge da necessidade de organizar de forma sistemática diversas fontes de informação disponíveis e oferecer uma referência abrangente sobre um tema ou área de atuação específica.

A evolução do conceito de observatório, de acordo com Husillos (2006,) tem assumido duas abordagens principais: uma mais circunscrita, centrada no armazenamento de dados e na produção de relatórios e outra mais abrangente, que valoriza dinâmicas colaborativas, fomenta a comunicação entre diferentes atores e incentiva a reflexão crítica.

Patiño e Peláez (2006) distinguem duas variáveis interessantes: o que é observado, destacando a necessidade da definição do objeto de estudo e das intenções da observação e, como se observa, argumentando que os observatórios contribuem para um reconhecimento da realidade de uma forma mais “clara, mensurada e controlada”. Assim como Barré et al. (1995) que consagram o observatório como espaço privilegiado para a “construção de indicadores confiáveis, relevantes e sustentáveis” fundamentados em “metodologias de cálculo” e assentes em progressos tecnológicos e científicos. (trabalhar esta ideia mais vinculada à entrega do banco de dados)

Soy e Ursa (1991) defendem que o observatório como ferramenta que ajuda a traduzir a realidade e as suas mutações servem como instrumento para o apoio à tomada de decisão. O mesmo defendem Testa (2002) e Trzeciak (2009). Para estes, sendo o

observatório um sistema ordenado concebido para a procura, a deteção, a análise e monitorização de informações relacionadas a um setor específico, o seu objetivo é o de gerar estratégias que extraiam o valor dessa mesma informação, transformando-as em oportunidades que consolidem e fortaleçam o sector em questão.

Gusmão (2005) considera o observatório como algo verdadeiramente inovador, pelo fato de não ser um produtor de dados primários, mas um agregador, sistematizador de dados que depois os processa inteligentemente, de forma “original e integrada”. Esta ideia é também sustentada por Phélan C. (2007) identificando a interpretação e reflexão sobre a informação como principais funções do observatório.

Köptcke (2007) acrescenta que o observatório deve facultar a extração de conhecimento crítico sobre certo fenómeno, e de conclusões. Afirma que “observar é interagir” e vê o observatório como “tecnologia social de gestão de informação e de conhecimento”. (o valor da ida à campo)

Semanticamente, Silva et al. (2013) condensam, assim, no conceito de observatório os seguintes termos: “dados, informação e conhecimento; produção, análise e difusão; coordenação, integração e intermediação; construção, educação e facilitação; diálogo, debate e consenso; técnico, político e social; excelência, referência e inovação; ideia, reflexão e ação” e defendem que o mesmo deve ser estruturado a partir de uma base epistemológica, organizacional e operacional. A UNEP (1999) sugere que a criação de um observatório, desde a sua conceção deve responder a quatro questões essenciais: “para que” (finalidade do observatório); “para quem” (público-alvo e usuários em geral); “por quem” (mantenedores e promotores do observatório); e “como” (recursos, processos, metodologias, atividades).”

1.2.1 Observatório Cultural (OC)

Mantendo o carácter já acima descrito, um observatório cultural deve assim promover a pesquisa contínua e abrangente, a monitorização das atividades culturais, direcionar a pesquisa elaborada para o apoio à decisão e publicar informação categorizada de acordo com as necessidades dos diferentes grupos de “utilizadores” (Plebańczyk, 2014).

A pluralidade e diversidade de observatórios culturais (OC) devem ser vistas com um exemplo de vigor democrático, na medida que atendem a uma ampla gama de necessidades e expectativas das comunidades locais, dos agentes culturais e das administrações públicas. Os OCs têm a capacidade de atuar de forma eficaz como mediadores minuciosos e essenciais, conectando a sociedade e a comunidade cultural com os responsáveis pelas decisões públicas (Neure & Claudio-González, 2012).

A informação é disponibilizada com o intuito de apoiar a gestão cultural, a formulação de políticas culturais e a promoção da cooperação cultural em todas as suas frentes, desempenhando assim os OCs um papel ativo no mercado cultural. As suas metas, alcance e formas de atuação variam, abrangendo desde o regional até o internacional e envolvendo tanto a análise de fenómenos quanto a participação direta na criação consciente de políticas culturais (Plebańczyk, 2014).

Segundo Plebańczyk (2014) as funções e objetivos principais dos OCs são: 1) monitoramento de processos culturais: acompanhando as tendências culturais, redes de cooperação internacional e novas tecnologias; uso de indicadores e sistemas de dados para analisar o estado da cultura em nível local e global. 2) gestão cultural: apoio ao desenvolvimento de políticas culturais regionais e nacionais; análise do mercado cultural, incluindo financiamento, infraestruturas e emprego no setor cultural.; gestão de projetos culturais. 3) investigação científica e disseminação de conhecimento: condução de investigação científica aplicada ao campo da cultura; organização de conferências, workshops e debates para promover o diálogo cultural.; publicação de estudos, livros e materiais académicos. 4) educação e cooperação cultural: promoção da cooperação entre diferentes setores da cultura, instituições educativas, criando redes de colaboração; incentivo à mobilidade de artistas e profissionais do setor.

Os OCs enfrentam o desafio de responder à dinâmica do mercado cultural, marcada pela convergência tecnológica, cortes nos orçamentos públicos e a crescente importância das indústrias criativas (IC). Com uma ampla e diversificada área de intervenção os OCs fortalecem a economia criativa, a identidade cultural e a sustentabilidade das atividades culturais, ao mesmo tempo em que podem servir como catalisadores de mudanças no setor cultural global.

1.2.2 OCs em Portugal

Apesar de existirem várias identidades que se dedicam a observar e relatar o que é feito culturalmente em Portugal, observatórios, tal como foi conceptualizado acima encontramos atualmente apenas os seguintes:

O OPAC

O Observatório Português das Atividades Culturais foi criado em dezembro de 2018 no Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, no âmbito do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE), instituição responsável pela coordenação científica e funcionamento do OC. A sua missão é “o estudo, produção e disponibilização pública de informação rigorosa e atualizada nos diversos domínios culturais visando desta forma contribuir para os debates atuais na sociedade portuguesa e para a formulação, acompanhamento e avaliação das políticas públicas” (OPAC, 2018).

POLObs

O Observatório de Políticas de Comunicação e Cultura (POLObs) está integrado nos três grupos de investigação do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Este projeto dedica-se à monitorização das principais iniciativas que, em Portugal, impactam os campos da comunicação e da cultura. Alinhado com a abordagem tradicional de investigação desta unidade de pesquisa, o observatório tem como objetivo acompanhar as políticas públicas em áreas fundamentais dos média e da comunicação, entendidos enquanto domínios científicos e educacionais. visa igualmente promover a implementação, em Portugal, de uma política cultural com um enquadramento internacional, baseada numa rede articulada de políticas culturais públicas e privadas. O foco é desenvolver medidas setoriais que contribuam para o desenvolvimento integral de pessoas e comunidades. (blisq.pt, 2019)

Obcrei.pt

O Observatório das Indústrias Criativas em Portugal (ObCrel.pt) é uma plataforma infocomunicacional que oferece acesso a dados, análises e indicadores sobre o setor criativo no contexto nacional. Trata-se de um projeto experimental que visa ser reconhecido como uma fonte aberta, interativa e próxima dos profissionais do setor, que pretende, igualmente, assistir as comunidades educacionais, científicas, culturais, económicas e políticas.

Desde a década de 1970, a UNESCO tem trabalhado na definição de indicadores culturais e criativos. Em 1979, estabeleceu um modelo bidimensional baseado nas categorias culturais e nas dimensões funcionais do ciclo cultural (criação, transmissão, consumo, preservação e participação). Posteriormente, novas propostas foram desenvolvidas, como o Framework for Cultural Statistics (FCS) da UNESCO em 2009, o Indicator Framework on Culture and Democracy (IFCD) do Conselho da Europa em 2016 e o Cultural and Creative Cities Monitor da União Europeia em 2017.

Neste contexto, o ObCrel.pt procura atuar como um ponto de articulação que disponibiliza indicadores culturais e criativos e relevantes a públicos variados, como estudantes, professores, investigadores, organismos públicos e agentes do setor. Para a apresentação, análise e interpretação dos dados o Obcrei.pt construiu e implementou um *dashboard* interpretativo.

1.3 Ob.EMMA

Em 2019, integrado no centro de investigação CITCEM(Centro de Investigação Transdisciplinar em Cultura, Espaço e Memória), surge o Observatório de Música Eletrónica e *Media Arts* (Ob.EMMA), uma iniciativa pioneira para acompanhar, mapear, analisar e promover a pesquisa nas áreas de Música Eletrónica e *Media Arts* em Portugal. Visando a compreensão deste universo sob perspetivas artística, tecnológica e sociológica (Soares et al., 2021) os objetivos do Ob.EMMA são:

Música Eletrônica (ME)

- 1) Mapeamento de artistas nacionais com criação artística no âmbito da ME e divisão por categorias (recolha de dados/informação)
- 2) Elencagem de espaços (clubs/outros) e eventos(festivais/outros) de exibição e fruição (disseminação/divulgação)
- 3) Saber como/onde são preservadas as músicas/projetos (preservação)

Media Arte (MA)

- 1) Mapeamento de artistas nacionais com criação artística no âmbito das MA e divisão por categorias (recolha de dados/informação)
- 2) Elencagem de espaços (museus/outros) e eventos(festivais/outros) de exibição e fruição (disseminação/divulgação)
- 3) Saber como/onde são preservadas as obras/projectos (preservação)

Numa abordagem heterogênea e híbrida, o Ob.EMMA reúne artistas e acadêmicos de diferentes instituições e disciplinas, como ciências da comunicação, ciências sociais, tecnologias, humanidades e artes (Soares et al., 2021).

As atividades do Ob.EMMA estão organizadas em quatro grupos de intervenção: 1) Artista | Obra | Criação; 2) Indústria | Produção | Consumo | Exibição; 3) Disseminação | Preservação; 4) Mapeamento | Reflexão | Investigação e a sua premissa central é a de gerar conhecimento (Soares et al., 2021).

No que diz respeito à metodologia o Ob.EMMA realiza pesquisas transdisciplinares, combinando análises qualitativas e quantitativas, interações com artistas e profissionais, e investigação aplicada. (Soares et al., 2021).

Uma vez que não pretende apenas coletar e organizar dados, mas também e, essencialmente, promover a disseminação e eficaz interpretação destes, o Ob.EMMA propõe a integração de narrativas textuais com elementos visuais, como gráficos, tabelas, vídeos e imagens, facilitando a compreensão e interação com os dados coletados.(Soares et al., 2021).

Figura 1 website ObEMMA



Fonte: <https://site.obemma.pt/>

1.4 Música Eletrónica

“As origens da ME estão enraizadas na imaginação criativa. As tecnologias empregadas na criação desse tipo de música são uma manifestação do desejo humano de criar, gravar e manipular sons (...)” e, “as possibilidades musicais abertas por essas tecnologias têm sido frequentemente exploradas na literatura, na arte, na engenharia e na filosofia” (Hugill, 2007).

A terminologia utilizada para a descrição de ME foi diferindo e evoluído segundo a evolução tecnológica, e as necessidades de descrever um novo género ou estética (Holmes 2020):

- Telegráfica ou telefónica (finais do sec XIX inícios do sec XX, referindo-se aos meios elétricos para a distribuição das primeiras experiências de ME);
- Música telharmónica (derivada do uso do instrumento Telharmonium);
- Som organizado (designação dada por Varèse às suas composições de música destinada para ser ouvida por uma audiência numa sala de concertos);

-Música concreta (“termo utilizado por Schaeffer para designar uma obra concebida com o suporte de gravação em mente, que foi composta diretamente nesse suporte e foi reproduzida através do suporte como uma obra acabada (...)frequentemente sinónimo de música de fita antiga” (Holmes, 2020));

-Acousmática (sinónimo de música concreta, mas utilizado para se referirem a música contemporânea a esta que utiliza meios digitais e cujo material de origem consiste principalmente em sons pré-gravados);

-Radiofónica (referente a efeitos sonoros eletrónicos e música para programação de rádio e televisão);

-Arte sonora (não estritamente destinada à sala de concertos, mas que pode ser utilizada como instalação áudio em qualquer contexto ambiental);

-Música de computador (feita com o auxílio de computadores, “antes da disponibilidade de computadores portáteis, a ME baseada em computador era feita utilizando grandes sistemas de mainframe e minicomputadores, geralmente nos laboratórios de áudio de empresas de telecomunicações (por exemplo, Bell Labs, Siemens) ou em centros de processamento de dados baseados em universidades (por exemplo, Universidade de Illinois, MIT)”(Holmes 2020);

-Eletrónica (termo atual que engloba uma ampla variedade de estilos de ME, por norma refere-se a géneros populares que fazem uso intensivo de sons eletrónicos, batidas e manipulações de áudio, podendo ser criados tanto para dança quanto para audição privada, podendo a sua componente eletrónica ser combinada com estilos como o rock e o pop);

Para chegar, finalmente, a uma definição completa e abrangente de ME é necessário compreendê-la, então desde várias perspetivas, desde a “matéria prima” de onde nasce, desde os meios e ferramentas que utiliza, até às novas, quase infinitas possibilidades que aporta ao contexto musical.

Segundo Simoni (2017) a ME é "som organizado que utiliza a eletricidade como material essencial, seja na criação da composição, na execução ou na experiência auditiva" e para Roads (1996), que utiliza tecnologia eletrónica, para aceder, gerar,

explorar e configurar materiais sonoros, e para fornecer meios de interação com esses materiais.

Manning (2004) descreve a ME com um aglomerado de todas as formas de arte sonora em que a produção ou manipulação do som é realizada utilizando tecnologia áudio.

Já para Emmerson (1986) envolve toda a gama de timbres disponíveis aos compositores para além da gama limitada dos instrumentos acústicos tradicionais, e Puckette (2007), dentro da mesma linha de pensamento descreve a ME como "uma fonte de informação única e completa para a síntese computacional de timbres ricos e interessantes."

Holmes (2020) defende que falar de ME não é falar sobre um estilo musical, mas sobre técnicas e instrumentação utilizadas. Apresenta assim sete características essenciais, que resumem as perspetivas acima apresentadas:

1. Recursos sonoros ilimitados: Permite a construção de novos sons a partir de formas de onda eletrónicas.
2. Expansão da perceção da tonalidade: "A música microtonal é mais facilmente criada por um compositor que consegue subdividir uma oitava utilizando software e um teclado de música digital do que por um construtor de pianos. Por outro lado, a ME também alarga o conceito de altura na direção oposta, em direção a uma tonalidade menos definida, no domínio do ruído. Todos os sons podem ser considerados incrementos igualmente importantes no espectro eletromagnético" (Holmes 2020).
3. Existência num estado de realização: "No mundo da ME há muitas obras que não podem ser transcritas e reproduzidas com precisão a partir de uma partitura impressa. A razão subjacente a este facto é que a ME é um meio em que o compositor cria diretamente a performance, quer seja uma gravação ou uma performance ao vivo. A experiência da ME faz parte da sua atualização. O termo realização foi adotado pelos pioneiros da ME para descrever o ato de montar uma obra acabada" (Holmes 2020).

4. Relação com o tempo: Sons podem ser reorganizados temporalmente com precisão e flexibilidade.
5. Som como material de composição: “A capacidade de entrar na física de um som e manipular diretamente as suas características fornece um recurso inteiramente novo para a composição de música. A física unificadora por detrás de todos os sons - tanto os agudos como os não agudos - permite ao compositor tratar todos os sons como sendo materialmente iguais” (Holmes 2020).
6. Liberdade face à limitação humana: os sons podem ser sustentados ou repetidos além das capacidades humanas.
7. Experiência mental e imaginativa: A ME desconecta-se do mundo natural, envolvendo intelecto e imaginação para interpretação.

A “cultura da gravação, uma cultura em que a música e o som circulam como uma rede de objetos gravados, desligados da especificidade do tempo, do local e da autoria, e todos disponíveis para se tornarem matéria-prima para manipulação criativa” (Cox & Warner, 2017) permitiu o surgir da “cultura DJ” que alberga em si um conjunto de estilos musicais variados.

Nascida nos anos 70 derivada de uma mistura alargada da cultura disco, das distorções de estúdio do *dub reggae* e do nascimento do *hiphop* (Cox & Warner, 2017) , a “cultura DJ” fundamenta-se em dois conceitos essenciais: o *cut* e o *mix*. O ato de gravar é descrito como "cortar" (separar o significante sonoro, ou o *sample* à "amostra"), do seu contexto original), enquanto "misturar" é reinterpretar, reinserindo essa amostra numa nova cadeia de significados, onde sons diversos e distintos são combinados numa nova fluidez. (Cox & Warner, 2017).

A “cultura DJ” introduz também, uma nova abordagem à história e à memória sonoras. Em vez de seguir uma linha cronológica linear, a história musical transforma -se numa rede de segmentos móveis que podem ser acedidos e reconfigurados a qualquer momento, inseridos e transformados em novas misturas. (Cox & Warner, 2017) para uso, consagrando o seu carácter democratizador.

1.5 Media Arts

Cada era tecnológica criou contextos culturais onde a informação, o acesso, a gestão e o armazenamento se tornaram componentes ativos na conceptualização do trabalho artístico em ambientes tecnológicos, e estes foram sendo amplamente apropriados pelos artistas (Soreanu, 2021).

O Dadaísmo foi uma reação à industrialização e à reprodução mecânica de imagens e textos, com a sua preferência pelo experimento e pelo acaso, utilizava estratégias como a fotomontagem, a colagem, o *ready-made*, a ação e a performance, frequentemente recorrendo à ironia ou ao absurdo como formas de crítica sociopolítica (Soreanu, 2021; Veiga, 2020). A *Pop Art* refletia a cultura do consumo nos anos 1960, integrando misturas de imagens e vídeos (Soreanu, 2021).

Os aspetos dinâmicos e interativos da arte surgem também nos anos 60, sendo popularizados por Alexander Calder, criador dos *mobiles* e das esculturas cinéticas, influenciado por Mondrian. No final da década, a arte cinética já era uma tendência estabelecida, evoluindo naturalmente para a utilização de computadores (Veiga, 2020).

Ainda nos anos 60, a *mail-art* sugere uma rede artística, a *Eternal Network*, que unindo artistas apesar da distância, permitia que estes trocassem e recriassem peças pelo serviço postal, partilhando imagens recicladas e *assemblage* (Veiga, 2020).

As primeiras formas de arte computacional surgem em computadores analógicos, desenvolvidas por cientistas que viam as suas experiências como arte, à semelhança do *readymade* dadaísta. Um exemplo é o matemático Ben Laposky, com os seus *Oscillons*, fotografias de formas de onda reproduzidas num osciloscópio (Alves, 2020). Assim, a fronteira entre as diversas artes e as tecnologias tornou-se cada vez mais fluida, aproximando áreas como as artes gráficas, a escultura, a instalação, a fotografia e a performance das novas tecnologias. (Soreanu, 2021).

Da mesma forma, as práticas artísticas específicas da *new media* são um resultado natural das mudanças culturais e tecnológicas do século XX, nomeadamente à revolução da tecnologia da informação e à digitalização da cultura das últimas décadas.

“O termo média entra no léxico corrente para designar qualquer tipo de conteúdo sensorial e cognitivo, passível de reprodução através de meios digitais” (Veiga, 2020).

Para nos aproximarmos, então, de uma definição de *new media* ou ou média-arte digital (MAD) vejamos as seguintes definições primeiro:

A arte digital é uma forma de expressão artística que utiliza o meio digital, seja como ferramenta de criação, processo criativo, produto final ou temática explorada, abrangendo tecnologias, suportes e conteúdos digitais (Marcos, 2017);

A média-arte refere-se à arte que é criada com base no tempo, utilizando a gravação e reprodução de som e/ou imagens ao longo de um período específico. Diferente das formas de arte tradicionais e estáticas, como a pintura, a fotografia e grande parte da escultura, uma obra dependente do tempo está em constante transformação e movimento (NIMK, 2015).

Finalmente, e juntando conceitos, segundo Pedro Alves Veiga (2020) “a média arte digital é toda a forma de arte que não pode ser idealizada e/ou materializada e/ou exibida sem a utilização de tecnologias digitais, e cujo conteúdo e apreciação estética e cognitiva variam em função do tempo.”

O termo *new media* ou MAD tem, assim, conotações mais tecnológicas do que culturais, definindo, mais concretamente, a multiplicidade de meios de comunicação baseados na tecnologia digital e nos seus campos de aplicação (Soreanu, 2021).

1.6 Festivais e eventos

Festivais e eventos regulares de ME e de MA têm ganho destaque no panorama cultural contemporâneo. Segundo Simão, Malheiro da Silva e Magalhães (2019), referente à evolução da ME de dança na cultura moderna, este(s) género(s) musicais não são apenas entretenimento, mas também práticas culturais que influenciam profundamente a sociedade contemporânea (Simão et al., 2019).

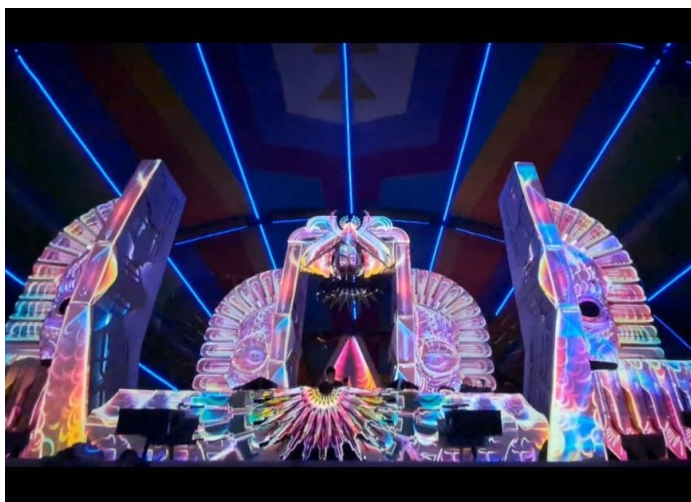
Em 2019, Portugal registou, segundo o INE, 37.042 eventos ao vivo, com 16.926.411 espectadores. Entre esses, 13.345 eram eventos de música ao vivo, classificados em diversos géneros. Dentro da categoria "outros estilos musicais", onde se acredita que a ME esteja inserida, foram contabilizados 2.530 eventos (Soares et al., 2021).

Guerra (2017) ao investigar as experiências imersivas proporcionadas pelos festivais de verão, enfatiza como esses eventos criam “cerimónias de prazer” que envolvem totalmente os participantes. Observa que a combinação de música, arte e interação social em ambientes festivos intensifica a experiência do público, tornando estes eventos algo mais do que espetáculos musicais. Em acréscimo, argumenta ainda, que a ME desempenha um papel crucial na construção de comunidades e na promoção de inovações culturais, refletindo um cenário vibrante e dinâmico no contexto português. (Guerra, 2010).

Correia, Castro e Tanaka (20015) destacam a importância dos visuais ao vivo na compreensão do público sobre performances de ME argumentando que os elementos visuais são cruciais para criar uma experiência de performance mais rica e imersiva, ampliando a percepção do público sobre a música. Em Portugal, diversos festivais de ME servem-se de sofisticadas projeções visuais como complemento à música, criando uma sinergia entre som e imagem enriquecendo a experiência do público.

Expressões artísticas e culturais como estas estimulam o território a nível local, cultural, socioeconómico, contribuem para as literacias artística e cultural das populações e agrupam sinergias. A investigação destas “esferas circunscritas de sociabilidade, criatividade e conexão” (Straw, 2012) apresenta-se cada vez mais pertinente para a percepção do presente e do futuro das Indústrias Criativas.

Figura 2 Alchemy stage, Boom festival 2025



Fonte: elaboração própria

2. Componente Metodológica

Partindo da perspetiva de Patiño e Peláez (2006), o “objeto de estudo” deste estágio são os eventos regulares de ME e de MA em Portugal e, a “intenção da observação” é a de construir um retrato abrangente do ecossistema dos eventos de ME e das MA em Portugal. No que diz respeito a “como se observa” optou-se por uma abordagem mista em termos dos métodos utilizados.

Métodos mistos, segundo Johnson e Onwuebuzie (2004), são *"the class of research where the researcher mixes or combines quantitative and qualitative research techniques, methods, approaches, concepts or language into a single study"* (Johnson & Onwuebuzie, 2004, p.17). Os argumentos utilizados para o uso desta abordagem mista são a confirmação e a complementaridade (Paranhos et al., 2016). A primeira refere-se à segurança em números, ou seja, quanto maior for a convergência dos resultados observados através da utilização de técnicas variadas, mais sólidos serão os mesmos considerados. A segunda refere-se a uma reflexão cuidada dos benefícios e limitações de cada uma das técnicas e ou tipo de dados, articulando assim uns e outros de maneira a potencializar as vantagens e a diminuir as limitações dos mesmos aquando dos resultados (Paranhos et al., 2016).

Assim, o primeiro eixo metodológico focou-se na recolha quantitativa de dados, através da identificação e organização sistemática de informação no *Google Sheets*, cujo formato permite que possa ser facilmente exportada para a elaboração de uma base de dados, alicerce para a criação de plataforma que permite aceder à informação de maneira interativa.

Procedeu-se então a um mapeamento detalhado de eventos com ocorrência regular em Portugal de ME e das MA, com recolha dos seguintes atributos:

- Nome e foco do evento (música, artes visuais digitais, cinema, etc.);
- Localização (cidade e região do país);
- Mês (meses) de ocorrência;
- Escopo e número de edições realizadas até à data.
- Contactos (website e email)

O resultado deste processo foi a construção de uma base de dados estruturada, que poderá no futuro sustentar análises comparativas e a criação de representações visuais do ecossistema.

Em paralelo ao trabalho acima descrito, aquando a integração do programa de bolsas para mestrandos oferecido pelo CITCEM, foi desenvolvido um trabalho de investigação com o objetivo de explorar as interações entre estéticas visuais e sonoras, e compreender as dinâmicas curatoriais e de público em contextos periféricos. Assim, após uma revisão de literatura para identificação e desenvolvimento dos conceitos de IC, observatório, OC, de ME e MA, visando estabelecer um estado da arte destes temas para base e impulso para a pesquisa, a segunda linha metodológica centrou-se no método de Estudo de Caso. Foram escolhidos dois CE, dois festivais periféricos, fora das maiores zonas metropolitanas portuguesas: o Festival Semibreve, em Braga, e o Festival Tremor em São Miguel, nos Açores.

Numa primeira fase, também de recolha quantitativa de dados, foram mapeadas três edições de cada festival: a primeira, uma intermédia e a mais recente, com enfoque na programação. Para cada edição foram recolhidos os seguintes dados:

- Lista de artistas participantes;
- Género,
- País de origem ou residência
- Data de nascimento (quando disponível);
- Coletivo ou artista individual
- Tipo de arte apresentada;
- Contactos e presença digital (email, website, redes sociais e plataformas como *Bandcamp*, *SoundCloud* e *YouTube*);
- Biografia e fontes de referência;

Numa segunda fase, de carácter empírico, foram realizados inquéritos por questionário semiabertos ao público das últimas edições de ambos os festivais, visando compreender perfis, perceções e experiências. Foram realizados inquéritos por entrevista semiestruturados aos organizadores dos festivais com enfoque em objetivos curatoriais, estratégias, desafios e impacto sociocultural.

A escolha por questionários semiabertos advém da utilidade da obtenção de informação qualitativa para “complemento ou elemento indicador do contexto da informação quantitativa obtida” (Batista et al., 2021). Foram então, neste formato, realizados 29 questionários ao público do Festival Semibreve , alguns de forma presencial, transcritos depois para o *Google Forms* para uma mais fácil análise, outros diretamente no *Google Forms* através do fornecimento de um *link*; e 21 questionários ao público do Festival Tremor também no *Google Forms* através do fornecimento de um *link*.

No que diz respeito às entrevistas feitas a um dos organizadores de cada festival , através da plataforma *Zoom*, a opção por entrevistas semiestruturadas deve-se ao facto deste tipo de entrevistas permitir, quer ao entrevistador , quer ao entrevistado “ a possibilidade de moldar o seu conteúdo”(Bogdan & Biklen, 1999, p. 135), assumindo-se como uma interação social com propósito definido, baseado na partilha de distintas perspectivas e na construção mútua de conhecimento entre os participantes (Cohen et al., 2007) ,promovendo o diálogo “sobre as suas interpretações do mundo” (Batista et al., 2021).

A análise de conteúdo das entrevistas passou por uma primeira fase de transcrição das mesmas, seguida da caracterização destas através da codificação axial, com a criação de categorias e subcategorias e culminando na interpretação dos dados recolhidos (Resende, 2016).

3. Apresentação e análise da primeira fase de mapeamento

Os dados que serão apresentados e analisados neste capítulo dizem respeito à recolha quantitativa de dados para a primeira fase de mapeamento, nomeadamente dos 59 de ME, artes visuais digitais e cinema que acontecem de forma regular em Portugal (V. Figs. 1&2) A análise destes dados servirá para a contextualização da escolha e análise dos CE.

Figura 3 Mapeamento de eventos regulares (1)

Nome	link	Música	AVD	cinema	cidade 1	cidade 2	cidade 3	cidade 4	cidade 5	cidade 6	zona 1	zona 2	out	maio 1	maio 2	maio 3	maio 4	tempo
Semibreve	https://www.festivalsemibreve.com/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		Braga						Norte		outubro					2011-2024
INDEX	https://indexfestival.com/		AVD		Braga						Norte		maio					2024
OCUPA	https://ocupafestival.com/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		Braga						Norte		dezembro					2016-2024
OUTFEST	http://outfest.pt/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		Barcelos						A.M.Lisboa		outubro					2004-2024
Boam Festival	https://www.boamfestival.com/	Música	AVD	Cinema	Idanha-a-Nova						Centro		junho					1997-2023
Waiting Life	https://waitinglife.pt/	Música	AVD		Crato						Alempo	Alempo	junho					2017-2024
Uka Off	https://www.ukaoff.com/	Música	AVD		Lisboa						A.M.Lisboa		setembro					2014-2024
Sonar Lisboa	https://sonarlisboa.pt/	Música	AVD		Lisboa						A.M.Lisboa		agosto					2023-2024
21st Gathering	https://www.21stgathering.com/	Música	AVD		Montargil						Alempo		junho					2012-2024
Soft Festival	https://www.softfestival.com/2024/	Música	AVD		Benquereira						Norte		setembro					2018-2024
Crunch	https://www.crunchfestival.com/pt/pt/ultima-actualizacao		AVD		Aveiro						Norte		outubro					2017-2024
PERIMA	https://www.perimafestival.com/pt/pt/ultima-actualizacao		AVD		Aveiro						Norte		outubro					2021-2024
Harrop	https://www.harropfestival.com/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		Vila do Conde						Norte		agosto					2005-2024
Goat	https://www.goatfestival.com/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		São Pedro do Sul						Centro		junho					2023-2024
Tremor	https://www.tremor.pt/	Música	AVD	Cinema	São Miguel						Alempo		março					2014-2024
Arman	https://www.armanfestival.com/	Música	AVD		Odemira						Alempo		maio					2023-2024
Elétrico Fest	https://eletricofest.com/	Música	AVD		Ponte						Norte		junho					2022-2024
Nord Festival	https://www.nord-festival.com/	Música	AVD		Lisboa						A.M.Lisboa		maio					2025
Freedom Festival	https://www.instagram.com/freedomfestivalofficial/?hl=pt	Música	AVD		Évora						Centro		agosto					2019-2025
Vortex de Portugal	https://www.vortexfestival.com/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		Montemor-o-Velho						Centro		setembro					2023-2024
Ardena Festival	https://www.ardenafestival.com/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		Vila						Centro		outubro					2014-2023
Nomadus Pt	https://www.instagram.com/nomadusfestival/	Música	AVD		Braga						Norte		setembro					2024-2025
Aleste Festival	https://www.aleste.pt/	Música	AVD		Madalena						Madalena		maio					2015-2024
Aleste Colômbia	https://www.instagram.com/aleste.combodia/	Música	AVD		Paradise						Norte		setembro					2023-2024
Isolândia Community	https://www.isolandia.pt/	Música	AVD		Almada	Ponte					Norte	A.M.Lisboa	dezembro					2021-2024
Seriales em Festa	https://www.serialesemfesta.com/	Música	AVD		Ponte						Norte		maio					2024-2024
Festival Inimigo	https://www.festivalinimigo.com/	Música	AVD		Lisboa						Centro		junho					2024-2024
IRM DUB FESTIVAL	https://www.irmdubfestival.com/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		Raposo da Cão						Norte		agosto					
Brunch electronic Lisboa	https://www.brunchelectronic.com/	Música	AVD		Lisboa						A.M.Lisboa		todo o ano					
Ballad Film Festival	https://balladfilmfestival.com/		AVD	Cinema	Ponte						Centro		outubro					2022-2024
Bastard Festival	https://www.bastardfestival.com/	Música	AVD		Barragem da Queimada						Norte		setembro					2022-2025
plunc	https://www.belasartes.lisboa.pt/plunc-festival-de-novos-media-e-artes-digitais/		AVD		Lisboa						Centro		setembro					2023-2024

Fonte: elaboração própria

Figura 4 Mapeamento de eventos regulares (2)

Nome	link	Música	AVD	cinema	cidade 1	cidade 2	cidade 3	cidade 4	cidade 5	cidade 6	zona 1	zona 2	out	maio 1	maio 2	maio 3	maio 4	tempo
plunc	https://www.belasartes.lisboa.pt/plunc-festival-de-novos-media-e-artes-digitais/		AVD		Lisboa						Centro		setembro					2023-2024
Insomnia Festival	http://www.insomni-festival.com/	Música	AVD		São João						Centro		agosto					2013-2024
Briga Media Art7	https://www.brigamediaart7.com/pt/pt/ultima-actualizacao	Música	AVD		Briga						Norte		setembro					2017-2024
Fuso	https://fusovideoarte.com/fuso/	Música	AVD		Lisboa	Alempo					A.M.Lisboa	Alempo	agosto					2009-2024
Art Alive Fest	https://estacoviva.org/pt/pt/ultima-actualizacao		AVD		Aveiro						Centro		abril					2024
Ponte/Ponte/Doc	https://www.instagram.com/pontepontedoc/?hl=pt		AVD	Cinema	Ponte						Norte		setembro					2014-2024
Perimetros	https://www.instagram.com/perimetros/	Música	AVD		Ponte						Norte		dezembro					2022-2024
Apura	https://www.apurafestival.com/	Música	AVD		Coimbra						Centro		setembro					2018-2024
Fogo Fátua	https://www.apurafestival.com/noticias/fogo-fatua-tem-um-dia-dedicado-a-arte-em-movimento	Música	AVD		Ponte						Norte		setembro					2024
Marecápolis	https://www.instagram.com/marecapolis/	Música	AVD		Ponte						Norte		todo o ano					2022-2024
Macho Bero	https://machobero.net/	Música	AVD		Guimarães						Norte		novembro					2012-2024
Lolita Film Fest/ MIMO Video Art	https://lolfest.com/mimo-video-art/		AVD	Cinema	Lisboa						Centro		junho					2013-2024
Art - Community Arts Festival	https://www.viarte.com/en/festivals/art/		AVD	Cinema	Lisboa						A.M.Lisboa		maio					2024
Festival FENDA	https://www.instagram.com/festivalfenda/	Música	AVD		Briga						Norte		novembro					2021-2024
Festival Play	http://www.playfest.pt/		AVD	Cinema	Lisboa						A.M.Lisboa		fevereiro					2014-2024
Docilhos	https://docilhos.org/2024/		AVD	Cinema	Lisboa						A.M.Lisboa		novembro					2022-2024
Cineco	https://cineco.pt/pt/pt/ultima-actualizacao		AVD	Cinema	São						Centro		outubro					1995-2024
Queer Lisboa	https://queerlisboa.pt/		AVD	Cinema	Lisboa						A.M.Lisboa		setembro					1997-2024
Queer Ponte	https://queerponte.pt/		AVD	Cinema	Ponte						Norte		outubro					2015-2024
Mural X	https://www.muralx.org/		AVD	Cinema	Lisboa						A.M.Lisboa		setembro					2007-2024
Encontros de cinema da Fundação	https://www.encontrosdecinemadafundacaoemfundao.org/		AVD	Cinema	Fundão						Centro		agosto					2024
curtas de vila de verde	https://festivalcurtas.pt/		AVD	Cinema	Vila de Verde						Norte		junho					1993-2024
Cineafama	https://www.cineafama.com/		AVD	Cinema	Lisboa						A.M.Lisboa		junho					2023-2024
Maia International Film Festival	https://maiaiff.com/en/		AVD	Cinema	Maia						Centro		maio					2024
Festaporto	https://festaporto.com/		AVD	Cinema	Ponte						Norte		fevereiro					1981-2024
Space Festival	https://www.spacefestival.pt/	Música	AVD		Montemor-o-Velho	Sanjoão de Paçandim de Barcelos de Cossais de Valde					Norte	Centro	novembro					1999-2024
Maga Festival	https://www.maga-festival.com/	Música	AVD		Capitã						A.M.Lisboa		maio					2021-2025
Festival Cometa	https://www.instagram.com/festivalcometa/	Música	AVD		Lisboa						A.M.Lisboa		abril					2025

Fonte: elaboração própria

Ao analisar os eventos mapeados, no que diz respeito à categoria, observamos que a grande maioria dos eventos são os que combinam música e artes visuais digitais, e estes eventos acontecem, na maior parte, em Lisboa e no Porto.

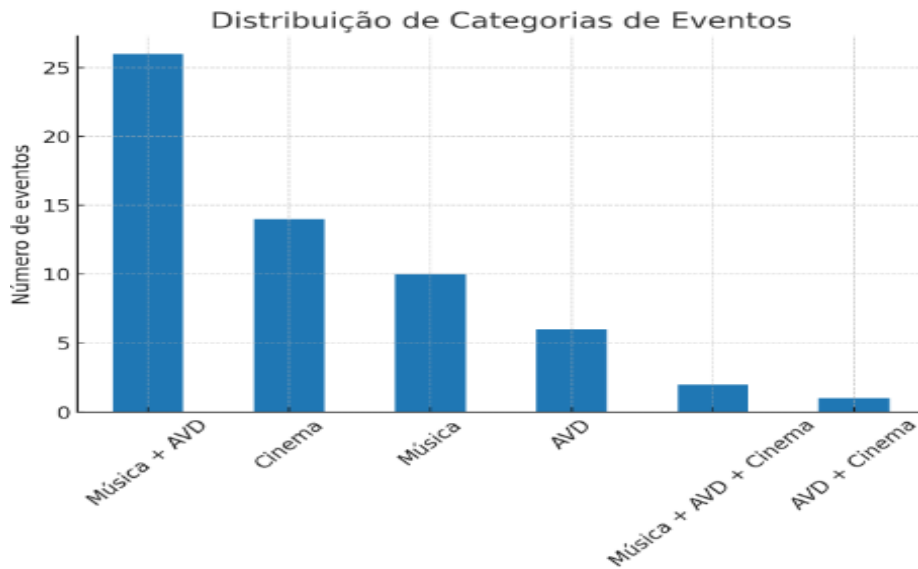


Gráfico 1 Distribuição de categorias de eventos

Em relação às zonas do país com mais eventos, a zona Norte lidera, seguida pelo Centro e pela Área Metropolitana de Lisboa.

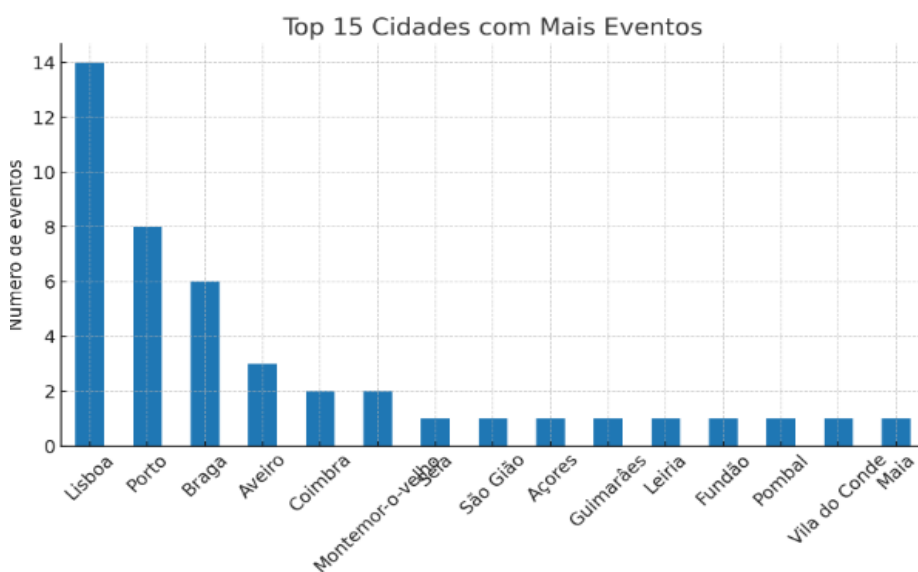


Gráfico 2 Cidades com mais eventos

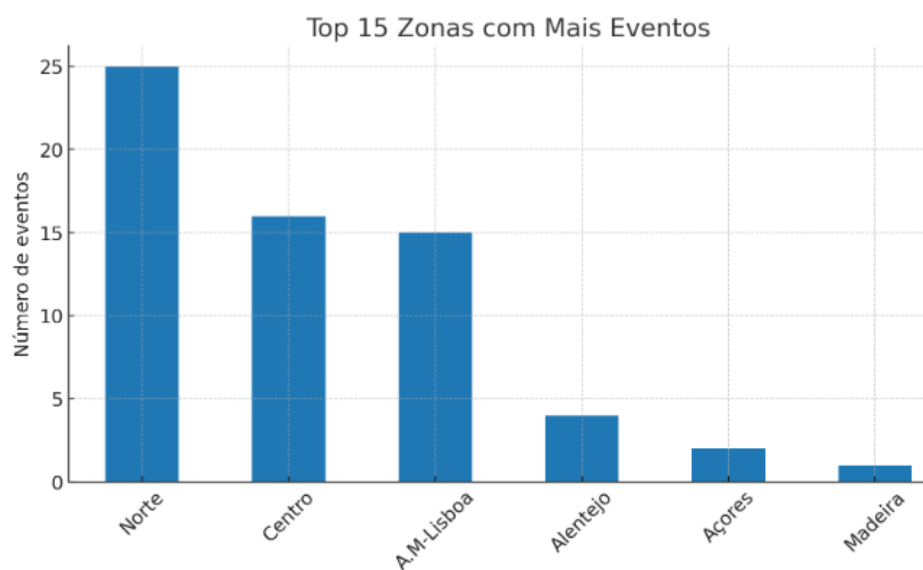


Gráfico 3 Top 15 de zonas com + eventos

Podemos igualmente constatar que os eventos analisados se realizam, em maior número nos meses de setembro e outubro e, predominam os eventos relativamente recentes, com menos ocorrências.

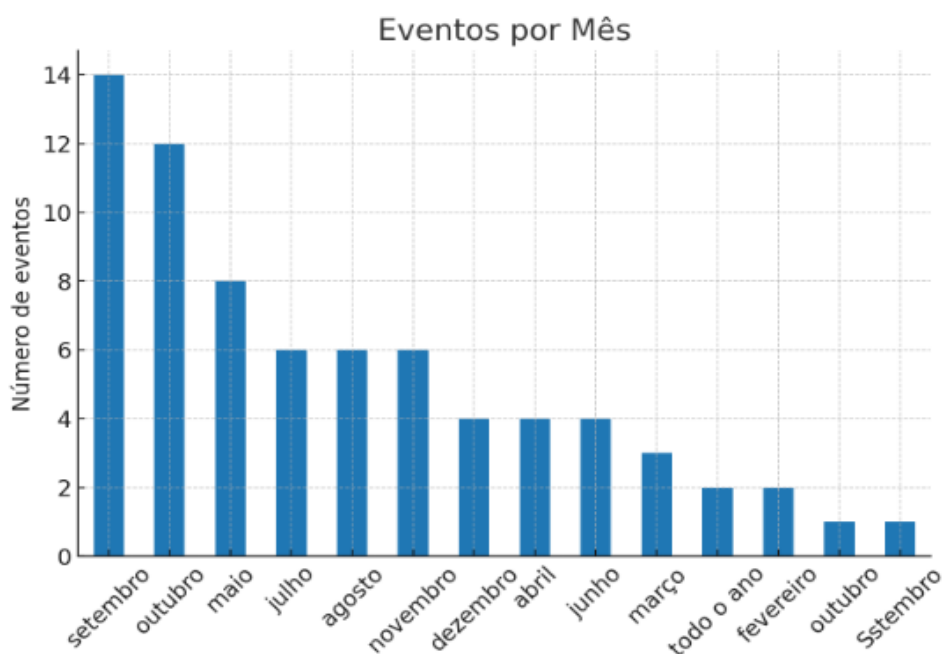


Gráfico 4 Eventos por mês

4. Apresentação dos CE

Como previamente foi referido, para a exploração das interações entre estéticas visuais e sonoras em eventos de ME e de MA em Portugal e, compreender as dinâmicas curatoriais e de público destes, foi considerado necessário o isolamento de certa informação e a escolha de dois casos para estudo como amostra. Optou-se por CE de contexto periférico, por contrariarem a tendência centralista deste tipo de eventos e acarretarem dados e perspetivas diferenciadas.

4.1 Festival Semibreve

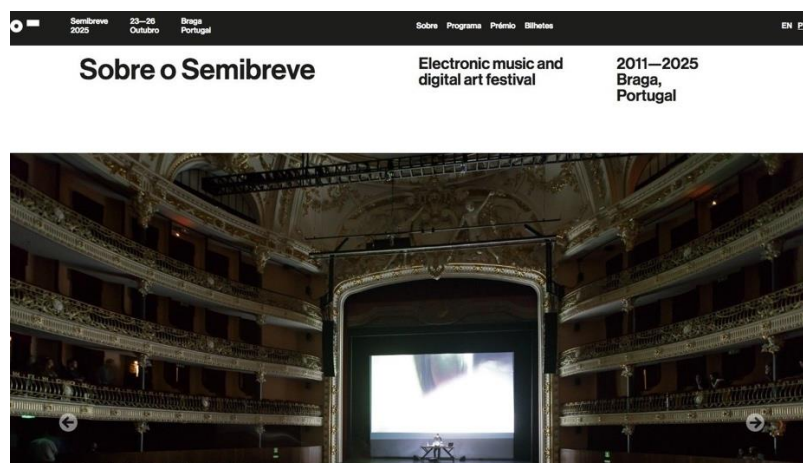
O Semibreve é um festival anual realizado desde 2001 em Braga dedicado à ME a exploratória e à arte digital.

Organizado pelo coletivo cultural auaufeiomau o festival conta com apoios institucionais e parcerias com a Câmara Municipal de Braga, a Gulbenkian, a Universidade do Minho, a Arquidiocese de Braga, a Europa Criativa, entre outros.

O festival destaca-se pela sua curadoria e programação vanguardista a nível de concertos, *talks*, *workshops*, instalações artísticas, performances no contexto *clubbing* e *arte site-specific* em locais históricos, alcançando assim um alto reconhecimento internacional.

As principais *venues* utilizadas pelos festivais são o Theatro Circo, o gnration, a Igreja dos Congregados, a Capela da Imaculada e o Santuário do Bom Jesus do Monte.

Figura 5 website Festival Semibreve



Fonte: <https://www.festivalsemibreve.com/>

4.2 Festival Tremor

O festival Tremor é igualmente um festival anual, organizado desde 2014, na ilha de São Miguel, no arquipélago açoriano.

A Associação Cultural e Recreativa Plutão Camaleão é a responsável pela organização deste festival que combina música, arte, caminhadas performativas, residências artísticas e concertos surpresa em locais inesperados.

O Tremor tem parcerias institucionais da Fundação Galp, do Millennium BCP, do Departamento de Turismo dos Açores e muitas outras parcerias comunitárias. A sua unicidade garantiu ao festival os prémios de “Melhor Festival Pequeno” e “Melhor Promoção Turística” nos Iberian Festival Awards 2025.

Figura 6 website Festival Tremor



O Tremor regressa à ilha de São Miguel, nos Açores, entre os dias 24 e 28 de março de 2026.

Nesta nova edição, o festival volta a cruzar arte, território e comunidades locais, promovendo residências artísticas e celebrando a música como um espaço privilegiado de encontro e ligação.

Fonte: <https://www.tremor-pdl.com/>

5. Apresentação dos dados recolhidos

No que diz respeito ao mapeamento das diferentes edições dos dois festivais, é de realçar alguns apontamentos. Quando se fala da presença online dos artistas participantes, refere-se à presença atual dos mesmos nas diferentes plataformas e não no momento da realização dos eventos.

Outro ponto é a existência de certas diferenças nas tipologias, referidas nos inquéritos por questionário. Isto porque em termos musicais o Festival Semibreve cinge-se unicamente à ME enquanto o Festival Tremor abrange outros estilos musicais. Assim caracterizou-se Música NE como música exclusivamente acústica (não eletrónica), Música como música que tem elementos eletrónicos, como instrumentos eletrónicos, sintetizadores *etc*, e Música E como ME num contexto *clubbing* ou sem qualquer recorrência a instrumentos. Logo as perguntas dos inquéritos por questionário, foram adaptadas à realidade de cada CE.

É igualmente importante mencionar que o tamanho das amostras (inquéritos) é relativamente pequeno e pode não ser representativo da realidade total dos festivais em estudo.

Relativamente à codificação das entrevistas, procurou-se identificar padrões e categorias relacionadas com:

- interação entre estéticas visuais e sonoras
- génese e identidade do festival
- dinâmicas curatoriais
- perfis e experiências do público
- relação com o território (periférico)

5.1 Mapeamento do Festival Semibreve

5.1.1 Primeira edição (2011)

Em 2011 participaram 13 artistas todos masculinos, 11 individuais e 2 coletivos. A maioria (9) eram internacionais (Alemanha, Austria, EUA, México). Com exceção de

uma, as datas de nascimento desses artistas foram encontradas on-line e o escopo das idades está entre 1970-2006 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista. Desses 13 artistas, a maioria exibiram projetos de ME (7), 4 MA e 2 deles, projetos mistos de ME e MA. Todos têm presença on-line, maioritariamente no *Instagram*(10) seguido por 8 no *Facebook*, 8 com website próprio, 7 com email disponível, 5 com conta no *Bandcamp*, 4 no *Soundcloud* e 3 no *Youtube*. Todos têm biografia disponível.

5.1.2 Edição intermédia (2017)

Em 2017 participaram 15 artistas, 10 masculinos, 4 femininos e 1 não binário. 13 em formato individual e 2 coletivos. A maioria (13) é de origem internacional (Alemanha, Austrália, Islândia, Israel, Japão, Líbano, Noruega, Nova Zelândia, USA). 4 datas de nascimento não foram encontradas e o escopo das idades está entre 1937-2015. Dos 15 artistas 14 apresentaram projetos de ME e 1 misto de ME e MA. Todos têm presença on-line, no *Instagram*12, 11 no *Soundcloud* 9 no *Facebook*, 8 com conta no *Bandcamp*, 7 com website próprio, 3 no *Youtube* e 2 com email. Todos têm biografia disponível.

5.1.3 Última edição (2024)

Em 2024 participaram 29 artistas, 15 femininos, 12 masculinos e 2 não binário. 28 em formato individual e 1 coletivo. A maioria (21) é de origem internacional (Alemanha, Brasil, Canadá, Canadá-Irão, Espanha, Irlanda, Itália, Itália-Austrália, Noruega, Polónia, Suécia, UK, USA). 17 datas de nascimento não foram encontradas e o escopo das idades está entre 1962-2017. Dos 29 artistas 13 apresentaram projetos de ME e 16, projetos mistos de ME e MA. Todos têm presença on-line, no *Instagram* 19, 11 no *Soundcloud* 17, 16 com conta no *Bandcamp*, 12 no *Youtube*, 8 com website próprio, 7 no *Facebook* e 2 com email 1. 3 artistas não têm biografia disponível.

5.2 Mapeamento do Festival Tremor

5.2.1 Primeira edição (2014)

Em 2014 participaram 14 artistas, 11 masculinos e 3 femininos. 8 em formato individual e 6 coletivos. A maioria (13) é de origem nacional e 1 é internacional (Argentina). 6 datas de nascimento dos artistas participantes não foram encontradas e

e o escopo das idades encontra-se entre 1979-2014. Dos 14 artistas 1 apresentou projeto de música, 1 de ME, 10 de música não eletrónica e 1 de MA. Todos têm presença on-line, no *Instagram* e no *Facebook* 11, No *Bandcamp* 7, *Soundcloud*, *Youtube* e website próprio 4 e 2 com email . 2 artistas não têm biografia disponível.

5.2.2. Edição Intermédia (2022)

Em 2022 participaram 31 artistas, 17 masculinos e 8 femininos e 1 não binário. 15 em formato individual e 13 coletivos. A maioria (117) é de origem internacional (Brasil, Espanha, França, Holanda, Holanda/Canadá, Marrocos, Portugal, Síria, Suíça, Tanzânia, Uganda, UK, USA) e 5 nacionalidades não foram encontradas. 19 datas de nascimento dos artistas participantes não foram encontradas e e o escopo das idades encontra-se entre 1976-2020. Dos 31 artistas 19 apresentaram projetos ME, 8 de música não eletrónica e 4 tipologias não foram encontradas. Todos têm presença on-line, no *Instagram* 28, no *Soundcloud* 24, no *Youtube* 22, no *Bandcamp* 21, no *Facebook* 20, com website próprio 8 e 7 com email. 5 dos artistas não têm biografia disponível.

5.2.3 Última edição (2025)

Em 2025 participaram 49 artistas, 21 masculinos e 13 femininos, 4 não binários e 11 de género misto (coletivos). 29 em formato individual e 20 coletivos. A maioria (27) é de origem internacional (Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Cabo Verde, Congo, Dinamarca, Espanha, França, Kenya, Marrocos, São Tomé, Suécia, Turquia, Ucrânia, UK, USA) . 37 datas de nascimento dos artistas participantes não foram encontradas e e o escopo das idades encontra-se entre 1979-2023. Dos 49 artistas 13 apresentaram projetos de música, 25 de ME, 10 de música não eletrónica e 1 de mistura de ME e MA. Todos têm presença on-line, no *Instagram* 39, no *Bandcamp* 32, no *Youtube* 31, no *Soundcloud* 25, no *Facebook* 20, com website próprio 6 e 1 com email. Todos têm biografia disponível.

5.3 Inquéritos por questionário- Festival Semibreve

Foram inquiridas 29 pessoas com idades compreendidas entre os 23 e 62 anos, sendo que as idades mais comuns são 26 anos (3 respostas), 43 (3) e 40/42/52 (2 cada). Uma pessoa não forneceu a idade.

As profissões dos inquiridos variam, com destaque nas áreas artísticas e criativas (2 artistas visuais, 2 videógrafas, 1 músico, 1 artista, 1 fotógrafo/a, 1 técnico de som, 1 trabalhador da cultura), também design (1 designer, 1 designer gráfico/a, 1 designer de comunicação), depois marketing e gestão (1 gestora de marketing, 1 gestora de operações de formação online) e 1 cozinheiro, 1 farmacêutica, 1 restaurador, 1 trolha, 1 na área do turismo, 1 jornalista, 1 formador, 1 empregada de mesa 1 desempregado.

A maioria é de Portugal (21), sobretudo de Braga (7) e do Porto (5), seguidos pela Póvoa do Varzim, Guimarães, Minho, Lisboa, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Almada, Coimbra, Barcelos. Há ainda participantes de Espanha (Mallorca, Salamanca), Alemanha, Ucrânia, Polónia e Lituânia.

Para 9 pessoas foi o primeiro Semibreve; 20 já tinham ido antes, com uma frequência habitual entre 2 vezes (6 pessoas), 3 vezes (7), 4 vezes (3), 7 vezes (1), 8 vezes (2), 9 vezes (1) e 11 vezes (1).

Quanto à motivação, 12 vêm pela música, 2 pelas média arts e 15 por ambas.

Sobre a evolução da programação, respostas indicam perceções distintas: há quem veja uma maior aposta na ME, quem ache equilibrado ou estável nas 3 vertentes, (ME, MA e talks/workshops) quem não note crescimento ou quem considere que na última edição faltou componente visual nos espetáculos.

5.4 Inquéritos por questionário - Festival Tremor

Foram inquiridas 21 pessoas com idades entre 26 e 60 anos, as idades mais frequentes são 28 (2), 40 (2), 48 (2) anos.

As profissões mais mencionadas foram arquitetura (4), design (3) e atividades culturais ou criativas (1 curadora, 1 museóloga, professor e 1 técnico audiovisual), também 1 trabalhador independente, 1 agricultor, 1 terapeuta ocupacional, 1 gestor de frota, 1 carpinteiro em conservação/restauro, 1 empresária, 1 naturalista, 1 “precário profissional”, 1 senior sales associate e comms manager.

Na sua maioria são portugueses (21), sobretudo de Lisboa (4), e do Porto (5), mas também Barcelos, Ovar, Porto Formoso, Tavira, Bragança; 7 não indicaram cidade específica.

Em termos de género, 12 masculinos, 12 femininos, 1 outro e 1 que não quis responder.

Para 8 foi o primeiro Tremor, para 13 não; estes últimos já tinham ido 1 (1 pessoa), 2 (2), 3 (4), 4 (2), 5 (1), 7 (1) e até 12 edições (1).

As motivações principais são músicas (21), contacto com a Natureza (16), outras experiências (9) e residências artísticas (2). Entre “outras experiências” destacam-se conhecer São Miguel, convívio, gastronomia local, surf e amizade.

Quanto à música, os interesses dividem-se entre bandas (13), eletrónica experimental (11), eletrónica clubbing (6) e outros como “som de vanguarda” (2).

Sobre a evolução da ME no festival, há perceção de “mais presente” (7), “menos presente” (4) e “igual” (10).

Sobre as MA os comentários vão desde considerá-las um complemento essencial para melhorar a experiência, sugestões de maior investimento, perceção de presença pouco significativa ou quase inexistente, até ao impacto visual (vídeos, luzes, imagem do festival) que tornam os concertos mais imersivos.

5.5 Inquérito por entrevista - Festival Semibreve

Categoria 1: Génese e Identidade do Festival

No que diz respeito à primeira categoria o Festival Semibreve nasce espontaneamente, como um projeto de amigos surgindo num contexto de ausência de festivais do género, o que lhe confere pioneirismo sonoro e digital. A sua identidade é periférica-cultural e descentralizada (V. tabela 2).

Tabela 2 Génese e Identidade do festival Semibreve - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Origem espontânea e comunitária	Projeto entre amigos	“O Semibreve surge de uma brincadeira entre amigos, de uma ideia antiga do Miguel Pedro...”
Ausência de festivais do género	Pioneirismo sonoro e digital	“Na altura, em Portugal, não havia [...] nenhum festival nesta área da exploração sonora e da arte digital...”
Identidade periférica-cultural	Descentralização geográfica	“... aparece um festival que não é em Lisboa e Porto e está numa área de nicho.”

Categoria 2: Estética Sonora e Visual

O Festival Semibreve oferece uma experiência imersiva e única, marcada pela fusão estética entre som e imagem. Procura promover uma estética relacional e utilizar os próprios espaços como dispositivos estéticos (V. Tabela 3).

Tabela 3 Estética Sonora e Visual do festival Semibreve - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Experiência imersiva	Unicidade da experiência	“A questão da imersividade, por exemplo, é pensada em cada sítio.”
Fusão estética	Relação som-visual	“Temos um workshop mais focado na parte do som e depois outro mais focado na parte de softwares, de imagens, de visuais.” “...nós temos aí a questão dos visuais, a sua relação com o som, é o que temos explorado mais. “ n

Estética relacional	Espaços como dispositivo estético	“... fazer as coisas em sítios bonitos, cuidados, com boas condições técnicas e de conforto para o público...” “...o som tem que estar muito ligado ao edifício...”
---------------------	-----------------------------------	---

Categoria 3: Curadoria e Programação

Em termos de curadoria a qualidade artística é critério principal, seguido pela colaboração europeia e práticas de co-criação e co-curadoria. Há um forte apoio à inovação e à emergência artística (V. tabela 4).

Tabela 4 Curadoria e Programação do festival Semibreve- Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Critério curatorial principal	Qualidade artística	“Na qualidade. Essa é a primeira e está acima de toda e qualquer.”
Colaboração europeia	Co-criação e co-curadoria	“Temos projetos de co-criação e de co-curadoria com outros festivais.”
Apoio à inovação	Emergência artística	“...muita novidade, há nomes emergentes no Semibreve...”

Categoria 4: Público e Experiência

O público alvo do festival Semibreve é um que possua abertura à experimentação e na experiência do participante é levado em conta o conforto e a fluidez espacial. A nível de infraestrutura e mobilidade o festival garante inclusão e acessibilidade (V. Tabela 5)

Tabela 5 Público e Experiência do Festival Semibreve - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Perfil do público	Abertura à experimentação	“...quem tem uma abertura para o que são as possibilidades de exploração do som...”
Inclusão e acessibilidade	Infraestrutura e mobilidade	“Todos os sítios têm condições de acessibilidade para pessoas com necessidades especiais de mobilidade.”

Experiência confortável	Conforto e fluidez espacial	“...é um festival confortável. Acho que as pessoas se sentem bem quando estão em Braga.”
-------------------------	-----------------------------	--

Categoria 5: Relação com o Território e Comunidade

Com uma forte relação com o território e a comunidade local, o festival promove impacto económico através de uma economia circular e do envolvimento comunitário. Fomenta a formação e a sensibilização através de workshops para estudantes e prémios de criação, reforçando a dimensão educativa e participativa do projeto.

Tabela 6 Relação com o Território e Comunidade do Festival Semibreve - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Impacto local	Economia circular	“Diria que 70% das verbas do festival ficam na cidade.”
Envolvimento comunitário	Acesso gratuito a eventos	“Há um concerto [...] com muita afluência que é gratuito, pode ir lá quem quer...”
Formação e sensibilização	Workshops para estudantes/ Prémios de criação	“Fazemos um workshop para os alunos da Gulbenkian [...] a ideia é mostrar que a música também pode ter outras abordagens.” “...com a Edigma temos um prémio que é para essa área da arte digital que tem tido várias edições ..”

Categoria 6: Desafios e Futuro

A sustentabilidade financeira do festival depende essencialmente de apoios públicos e redes de cooperação. A expansão é ponderada, recusando a massificação, e mantém uma visão artística centrada na criação mais do que na produção.

Tabela 7 Desafios e Futuro do Festival Semibreve - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Sustentabilidade financeira	Dependência de apoios públicos e redes	“Festival com o preço dos bilhetes que nós temos, jamais se tem. [...] é um desafio de qualquer festival.”
Expansão	Recusa de massificação	“Não me interessa minimamente ter um sítio com 4 mil pessoas.”

Visão artística	Criação mais que produção	“A estrutura que está por detrás do Semibreve [...] foi criada para os nossos projetos artísticos enquanto músicos.”
-----------------	---------------------------	--

Palavras-chave que caracterizam o festival (de acordo com o entrevistado): exploração sonora; acessível; confortável; preocupado com o público

5.6 Inquérito por entrevista - Festival Tremor

Categoria 1: Gênese e Identidade do Festival

De gênese local, o Festival Tremor procura combater a ausência de acesso à cultura na ilha de São Miguel. O contexto periférico serve como ponto de partida, conferindo uma identidade baseada na insularidade e no quotidiano dos residentes. A evolução e consolidação do conceito refletem um processo de experimentação, erro e observação, que molda a singularidade e autenticidade do festival (V.Tabela 8).

Tabela 8 Gênese e Identidade do Festival Tremor - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Origem local	Combater a ausência de acesso à cultura	“A ideia era ter atividade e ter acesso a cultura contemporânea na ilha.”
Contexto periférico como ponto de partida	Identidade baseada na insularidade e no quotidiano dos residentes	“Os primeiros anos foram uma coisa pensada para quem vive e para quem está todo o ano nos Açores.”
Evolução e consolidação do conceito	Conceito moldado por experimentação. erro e observação	“Aquela receita dos Açores é muito única e demorou tempo.”

Categoria 2: Estética Sonora e Visual

O festival promove uma integração do espaço e da paisagem, com curadoria visual e sonora adaptada ao território. A estética multissensorial e orgânica permite que o espaço natural molde a experiência do público, enquanto a exploração da ME e *clubbing* subverte as convenções temporais e espaciais dos mesmos, criando experiências inovadoras e imersivas.

Tabela 9 Estética Sonora e Visual do Festival Tremor - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Integração do espaço e paisagem	Curadoria visual e sonora adaptada ao território	“Temos um moto [...] nós fazemos o que a Ilha nos deixa fazer.”
Estética multissensorial e orgânica	Espaço natural molda a experiência do público	“A ilha tem que ser o cabeça de cartaz deste evento.”
Exploração de música eletrónica e <i>clubbing</i>	Subversão de convenções temporais e espaciais do <i>clubbing</i>	“Começámos a ter mais momentos de música eletrónica que não sejam só à noite.”

Categoria 3: Curadoria e Programação

A nível curatorial o festival valoriza a diversidade, evitando fórmulas repetidas. Promove paridade e representatividade, o equilíbrio de género, a origem e a estética. Empenha-se em promover artistas emergentes e locais, contribuindo para o desenvolvimento do ecossistema cultural açoriano (V Tabela 10).

Tabela 10 Curadoria e Programação do Festival Tremor - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Diversidade curatorial	Esquiva a fórmulas repetidas	“Tentamos com que mude de um ano para o outro.”
Paridade e representatividade	Equilíbrio entre género, origem e estética	Tentámos que o cartaz seja o mais paritário e inclusivo possível.”
Aposta em artistas emergentes e locais	Desenvolvimento do ecossistema cultural açoriano.	“Tentamos dar o devido valor e a devida exposição [aos artistas regionais].”

Categoria 4: Público e Experiência

O festival procura manter uma relação próxima e colaborativa com o público, reconhecendo-o como parte ativa da construção do evento. Proporciona uma experiência imersiva e de comunhão, ao promover um turismo cultural transformador,

que mantém um respeito pelo *éthos*, e incentiva a um consumo cultural não agressivo (V. Tabela 11).

Tabela 11 Público e Experiência do Festival Tremor - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Relação próxima e colaborativa com o público	O público como parte da construção	“Temos um público que é incrível de trabalhar.”
Experiência imersiva e comunhão	Turismo cultural transformador	“É uma relação entre música, viagem e comunidade.”
Respeito pelo <i>éthos</i>	Consumo não agressivo	“Sabemos que quando for para ir embora, as pessoas vão sair.”

Categoria 5: Relação com o Território e Comunidade

O festival Tremor mantém parcerias com instituições locais que garantem um impacto contínuo na comunidade. Promove a co-criação com a mesma, seguindo um modelo horizontal e participativo. Há uma rejeição da massificação turística e cultural, favorecendo um crescimento orgânico e ético do evento (V. Tabela 12).

Tabela 12 Relação com o Território do Festival Tremor- Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Parcerias com instituições locais	Impacto contínuo na comunidade	““Temos trabalhado com a Escola de Música Rabo de Peixe desde 2017.”
Co-criação com a comunidade	Modelo horizontal e participativo	“As Receitas do Baú não foi uma ideia nossa, foi uma ideia da própria comunidade.”
Rejeição da massificação turística e cultural	Crescimento orgânico e ético	“Não queremos ser um festival de <i>Disneyland</i> .”

Categoria 6: Desafios e Futuro

A sustentabilidade financeira do festival advém de apoios públicos e outros e, de rendimentos como a venda de bilhetes. Utiliza a limitação de escala como escolha estratégica e, desafios logísticos insulares influenciam diretamente a programação e a produção do evento (V. tabela 13).

Tabela 13 Desafios e Futuro Festival Tremor- - Entrevista

Subcategoria 1	Subcategoria 2	Excerto codificado
Sustentabilidade financeira	Dependência de apoios públicos e redes	“Todos os anos temos subido o preço do bilhete ano após ano.””
Expansão	limitação de escala como escolha estratégica	“Acreditamos que é esta [capacidade atual] que temos.”
Desafios logísticos insulares	Influência direta na programação e produção	“Não há ninguém que afine pianos no arquipélago.” “...os equipamentos que precisamos não existem no mercado açoriano, precisávamos estar a fazer voar coisas e técnicos e é um período de tempo muito grande de aluguer e levámos com a realidade e acabámos por não poder fazer.” (relativo às <i>media artes</i>)

6. Análise comparativa

Neste capítulo iremos proceder a uma análise comparativa, primeiramente entre os dados quantitativos respetivos às diferentes edições de cada CE, para depois compararmos os mesmos entre os dois festivais.

Comparar-se-ão igualmente os resultados adquiridos através dos inquéritos por questionário e por entrevista em cada festival e entre cada festival.

6.1 Festival Semibreve

6.1.1 Análise comparativa dos dados mapeados

Comecemos por analisar a seguinte tabela:

Tabela 14 Comparação geral entre as 3 edições do Festival Semibreve

Edição	2011	2017	2024
Número de artistas	13	15	29
Masculino	13	10	12
Feminino	0	4	15
Não Binário	0	1	2
Individuais	11	13	28
Coletivos	2	2	1
Nacionais	4	2	7
Internacionais	9	13	21
Nacionalidades diferentes	5	10	14
Data nascimento encontrada	12	11	12
Data nascimento não encontrada	1	4	17
Escopo DN	1970-2006	1937-2015	1962-2017
Tipologia Música	7	14	13
Tipologia Media Artes	4	0	0
Tipologia Mista	2	1	16
Tipologia Não Encontrada	0	0	0
Email	7	2	2
Website	8	7	8

<i>Facebook</i>	8	9	7
<i>Instagram</i>	10	12	19
<i>Bandcamp</i>	5	8	16
<i>Soundcloud</i>	4	11	17
<i>Youtube</i>	3	3	12
Biografia encontrada	13	15	26
Biografia não encontrada	0	0	3

Da tabela acima depreendemos desde já que o número de artistas convidados foi aumentando, passando do dobro na última edição em comparação com a primeira.

Podemos também constatar, que os artistas convidados se apresentam mais no “formato” individual, ou seja a solo, que em coletivo.

No que diz respeito ao género dos artistas convidados, podemos observar que apesar do género masculino ser o mais presente nas primeira e intermedia edições, houve um incremento de artistas do género feminino e não binário quer na edição intermédia, quer na última edição.

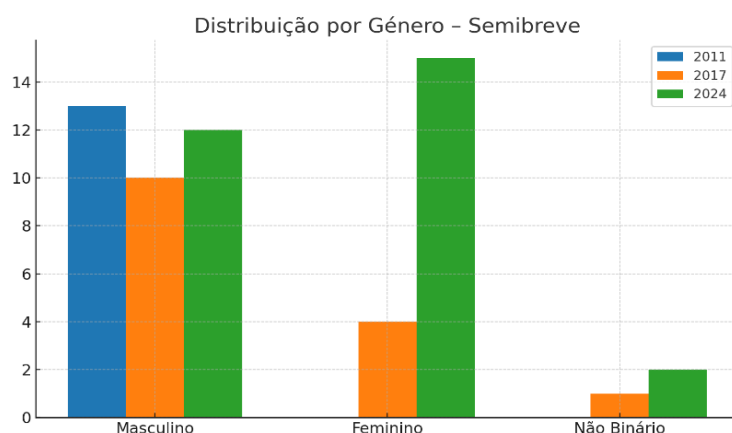


Gráfico 5 Comparação da Distribuição por Género nas 3 edições do Festival Semibreve

Focando-nos na contratação de artistas nacionais ou internacionais, observamos que nas três edições prevalece a escolha por artistas internacionais.

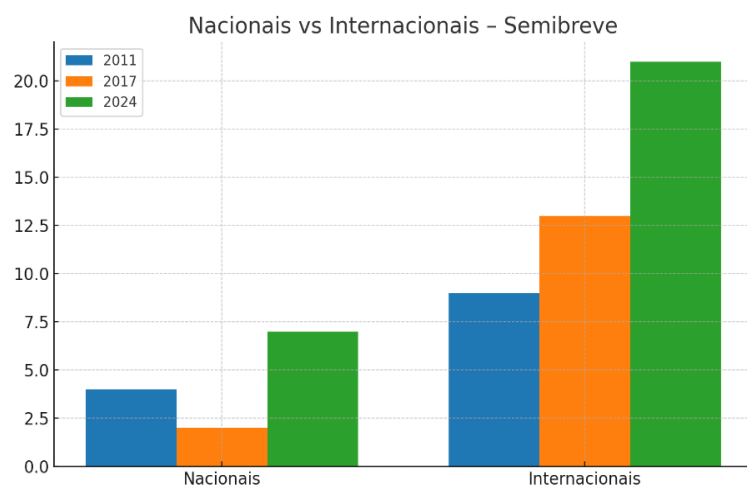


Gráfico 6 Comparação de Artistas Nacionais vs. Internacionais nas 3 edições do Festival Semibreve

Podemos também constatar, que ao longo das edições, há uma maior variedade de nacionalidades de artistas convidados a participar no festival.

Em termos do tipo de arte apresentada, a música ganha por ocorrência nas três edições, se bem que a MA enquanto componente da performance musical (ou vice-versa) cresceu bastante na última edição.

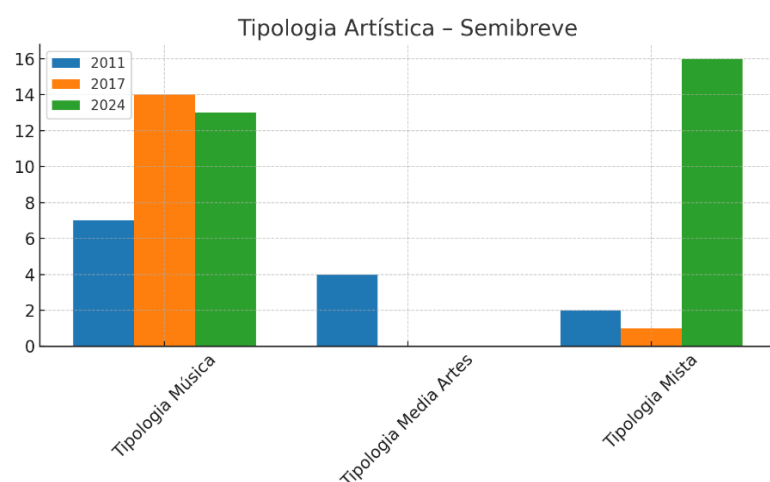


Gráfico 7 Comparação das Tipologias Artísticas nas 3 edições do Festival Semibreve

No que diz respeito à presença online, podemos observar que com os anos, certas presenças/plataformas online como o *email* e o *Facebook*, foram perdendo relevância enquanto plataformas como o *Instagram*, o *Bandcamp*, o *Soundcloud* e *Youtube* passaram a ser as elegidas pelos artistas para a comunicação online com o público.

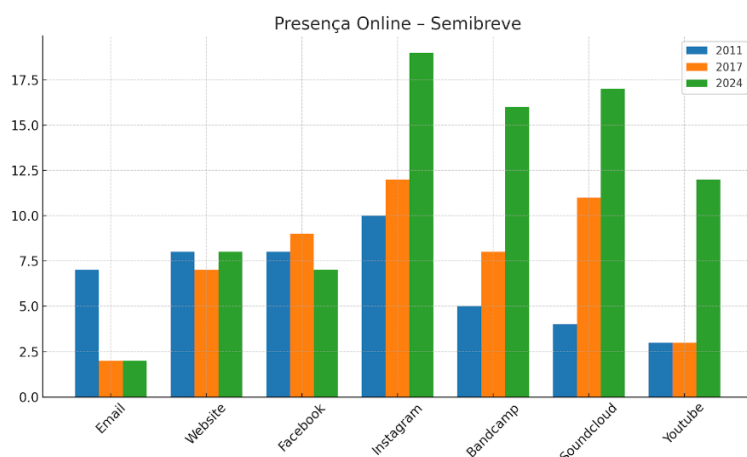


Gráfico 8 Comparação da Presença Online nas 3 edições do Festival Semibreve

Relativamente às biografias dos artistas, só na última edição não foi possível encontrar biografias e apenas de três artistas. No entanto, no que diz respeito às idades dos artistas, com o evoluir dos anos, é cada vez mais difícil encontrar informação.

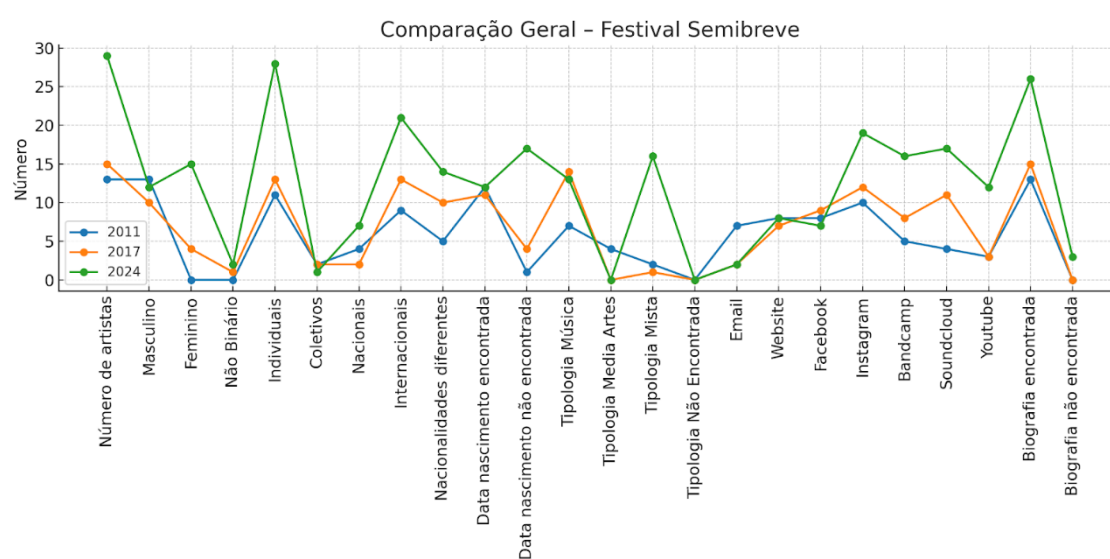


Gráfico 9 Comparação Geral das 3 edições do Festival Semibreve

6.1.2 Análise dos dados adquiridos através de inquéritos por questionário

Apesar das idades dos inquiridos terem um escopo bastante alargado (do início dos 20 ao início dos 70), a maioria está na casa dos 20, 30 e dos 40.

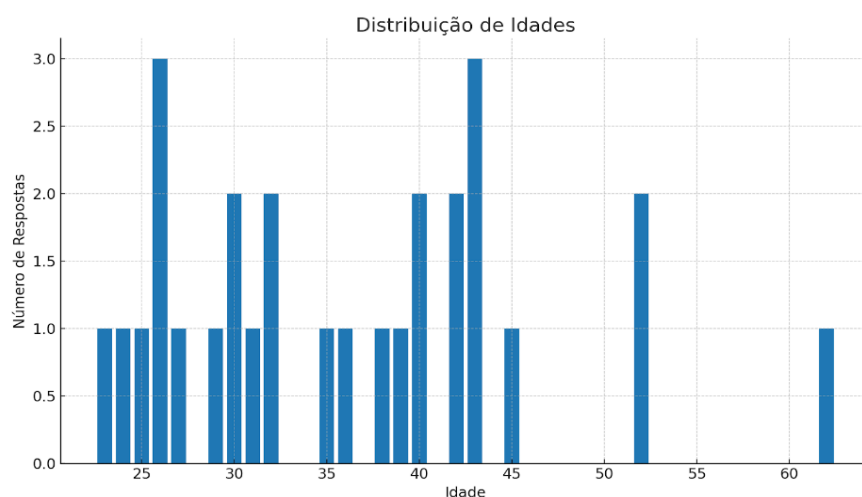


Gráfico 10 Idades dos Inquiridos do Festival Semibreve

No que diz respeito às profissões dos inquiridos, apesar de bastante variadas, destacam-se as relacionadas às artes visuais (videografia e artista visual).

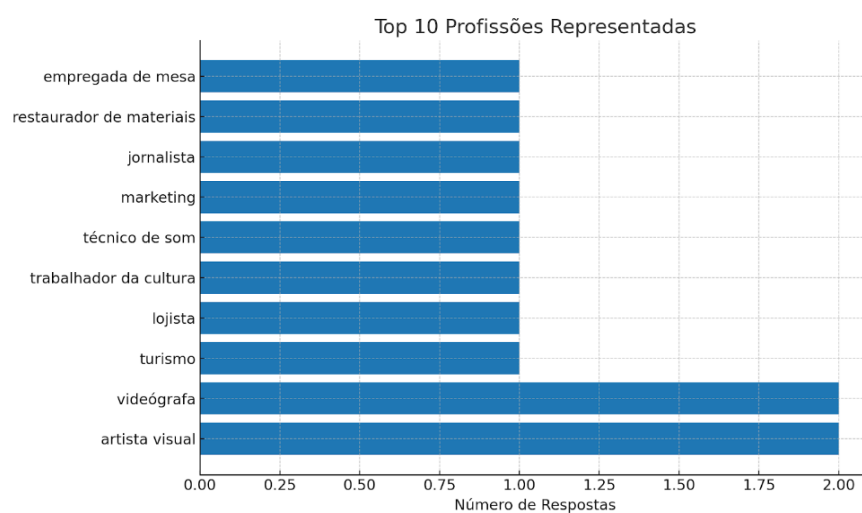


Gráfico 11 Top 10 das Profissões dos Inquiridos do Festival Semibreve

Os públicos inquiridos vêm maioritariamente de Portugal, de cidades como o Porto, Braga e Barcelos, se bem que se nota uma internacionalidade havendo inquiridos de países com Espanha, Polónia, Ucrânia e Alemanha.

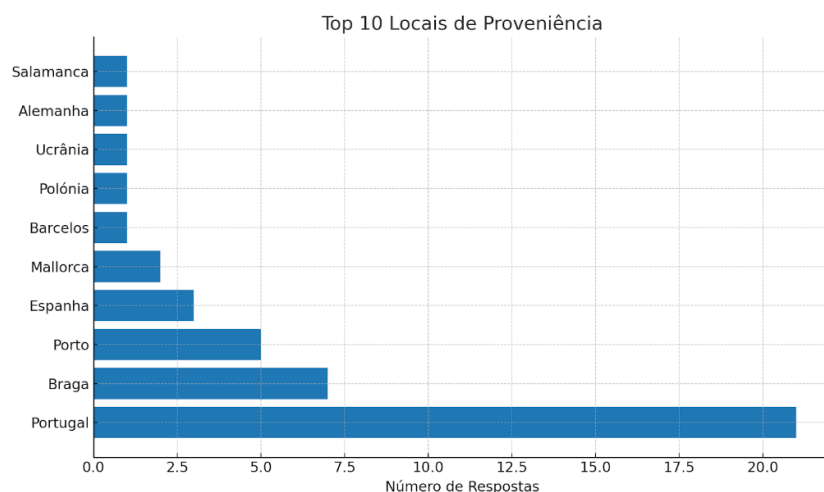


Gráfico 12 Top 10 locais de proveniência dos Inquiridos do Festival Semibreve

A maioria dos inquiridos havia já participado em edições anteriores, (maioritariamente em 2, 3 ou 4 edições), no entanto a percentagem dos que vieram ao festival pela primeira vez é considerável (31%).

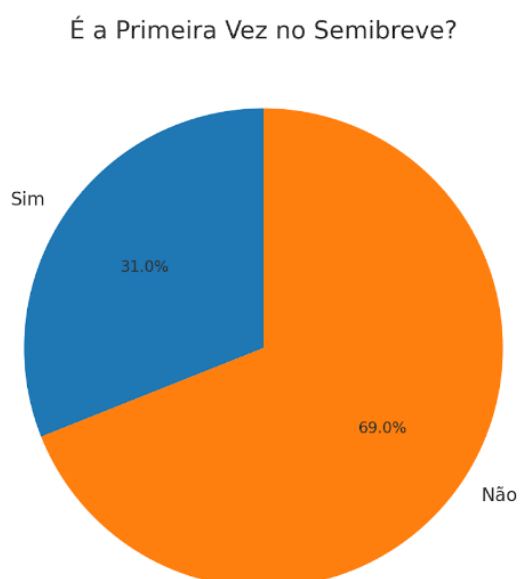


Gráfico 13 Sim (1.ª vez) | Não (já participou) - Festival Semibreve

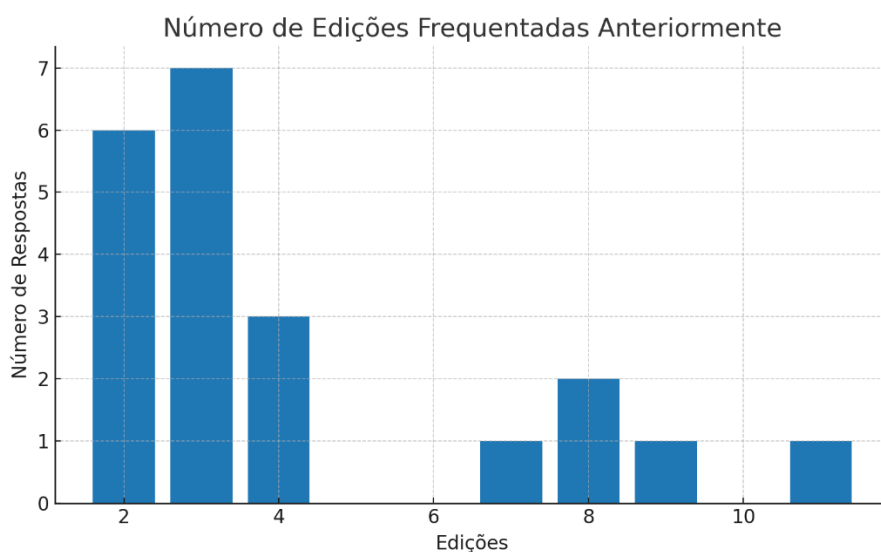


Gráfico 14 Nº de edições frequentadas- Festival Semibreve

O público inquirido que já teria participado em edições anteriores do festival, considera que a maior aposta a nível de programação da última edição tem enfoque na componente musical.

6.2 Festival Tremor

6.2.1 Análise comparativa dos dados retirados por mapeamento

Façamos o mesmo para o segundo CE, o Festival Tremor:

Tabela 15 Comparação geral entre as 3 edições do Festival Tremor

Categoria	2014	2022	2025
Número de artistas	14	31	49
Masculino	11	17	21
Feminino	3	8	13
Não Binário	0	1	4
Misto	0	2	11
Género Não Encontrado	0	3	0
Individuais	8	15	29
Coletivo	6	13	20
Ind/Col Não Encontrado	0	3	0
Nacionais	13	9	22

Internacionais	1	17	27
Nacionalidades Diferentes	2	13	18
Data nascimento encontrada	8	12	12
Data nascimento não encontrada	6	19	37
Escopo DN	1979-2014	1976-2020	1979-2023
Tipologia Música	1	0	13
Tipologia Música Eletrónica	2	19	25
Tipologia Música Não Eletrónica	10	8	10
Tipologia Media Artes	1	0	0
Tipologia Mista	0	0	1
Tipologia Não Encontrada	0	4	0
Email	2	7	1
Website	4	8	6
Facebook	11	20	20
Instagram	11	28	39
Bandcamp	7	21	32
Soundcloud	4	24	25
Youtube	4	22	31
Biografia encontrada	12	26	49
Biografia não encontrada	2	5	0

Também no Festival Tremor, o número de artistas aumentou consideravelmente: de 14 na primeira edição para 49 na última.

Os artistas participantes, nas três edições, apresentam-se mais a solo do que em “formato” coletivo.

No que diz respeito à distribuição por género dos artistas convidados, apesar do género masculino prevalecer nas três edições, podemos constatar que existe um número crescente de artistas femininos, não binários e de coletivos mistos nas últimas edições.

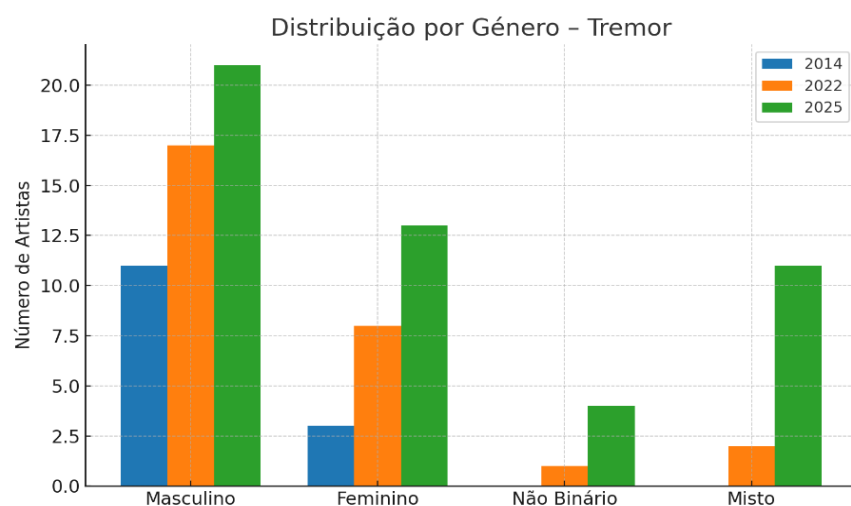


Gráfico 15 Comparação da Distribuição por Género nas 3 edições do Festival Tremor

Em termos de nacionalidade, verificamos uma inversão de tendências. Se na primeira edição os artistas internacionais eram quase inexistentes, já nas seguintes ultrapassaram os artistas nacionais. Importante, no entanto, referir que nas edições intermédia e última a diferença entre o número de artistas nacionais e internacionais não é abismal.

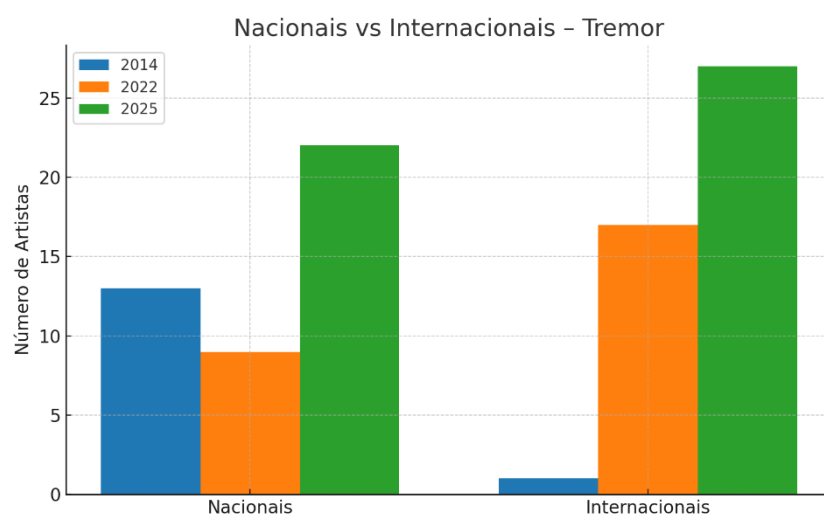


Gráfico 16 Comparação de Artistas Nacionais vs. Internacionais nas 3 edições do Festival Tremor

Podemos constatar que a presença da música é uma constante nas três edições. O número de artistas convidados que toca música não eletrónica mantém-se

praticamente inalterado, o número de músicos que utiliza elementos eletrónicos nas suas *performances* aumenta significativamente na última edição e, podemos constatar que a componente de ME aumentou bastante nas edições intermédia e última. A MA aparece na primeira edição e reaparece simbioticamente com a música na última edição.

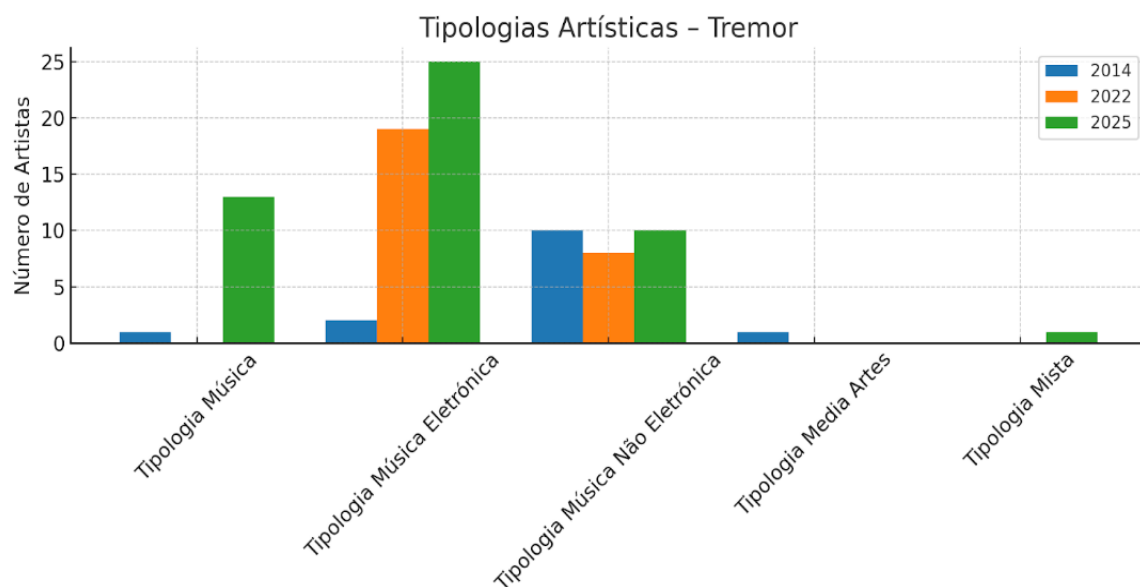


Gráfico 17 Comparação das Tipologias Artísticas nas 3 edições do Festival Tremor

Falando da presença online, enquanto que na primeira edição nas formas de presença preferidas eram o email, o website, *Facebook* e *Instagram* ao mesmo nível e já se notava uma presença nas plataformas como *Bandcamp*, *Soundcloud* e *Youtube*, nas edições intermédia e última, claramente as plataformas favoritas dos artistas são *Instagram*, o *Bandcamp*, *Soundcloud* e *Youtube*.

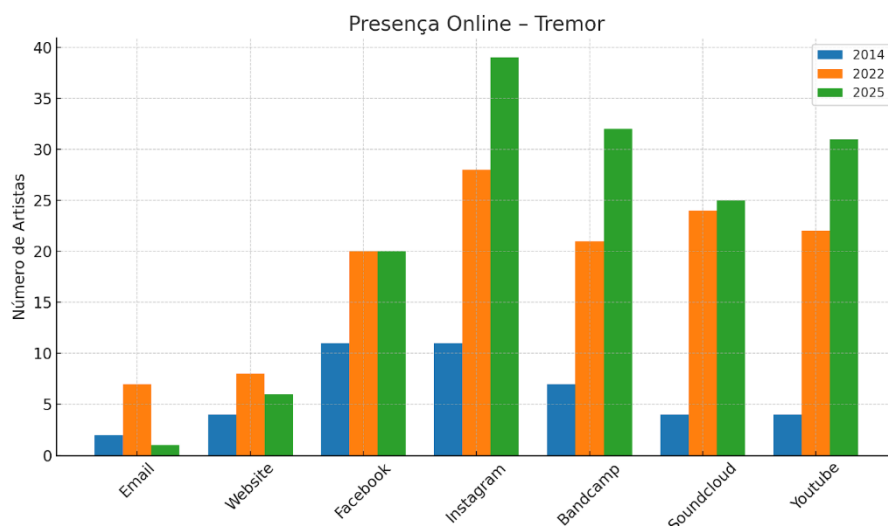


Gráfico 18 Comparação da Presença Online dos Artistas nas 3 edições do Festival Tremor

No que diz respeito às biografias não encontradas online, apenas na última edição se verifica o caso. Já no que se refere às datas de nascimento encontradas dos artistas, verifica-se um aumento significativo da dificuldade de encontrar esta informação nas edições intermédia e última.

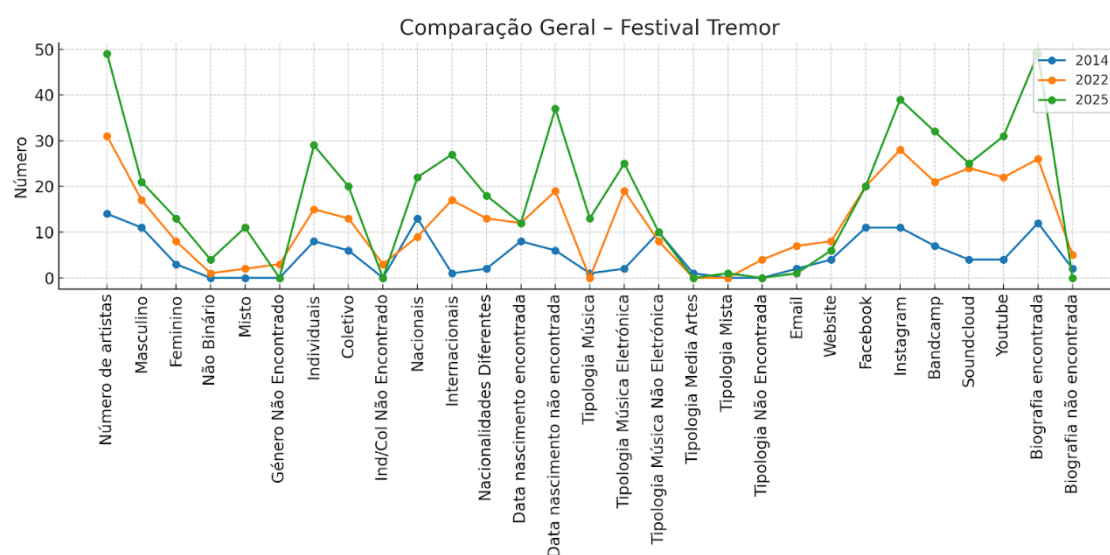


Gráfico 19 Comparação Geral das 3 edições do Festival Tremor

6.2.2 Análise dos dados adquiridos através de inquéritos por questionário

As idades do público inquirido no Festival Tremor, possuem um escopo bastante alargado, entre os 20 e os 60 anos, no entanto a maioria estará no final dos 20, início e final dos 40.

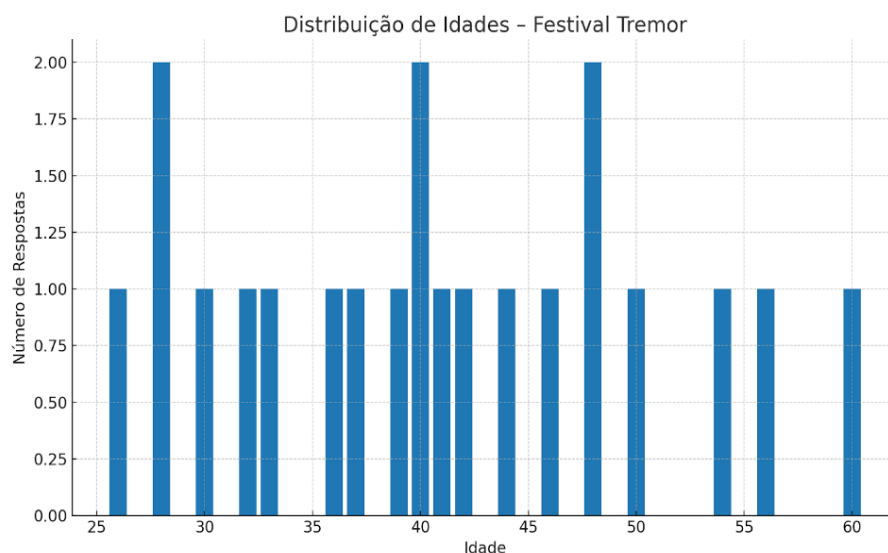


Gráfico 20 Idades dos Inquiridos do Festival Tremor

Das dez profissões mais representadas pelas respostas dos inquiridos, apesar de bastante variadas, há que dar destaque ao design e à arquitetura.

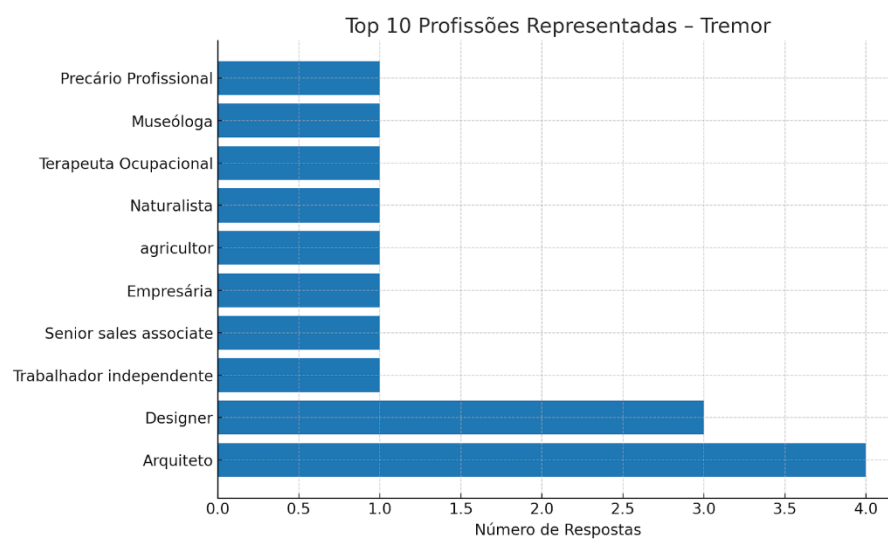


Gráfico 21 Top 10 das Profissões dos Inquiridos do Festival Tremor

No caso da proveniência dos participantes dos inquéritos, são todos oriundos de Portugal, maioritariamente das maiores e mais centrais cidades do país como Lisboa e Porto.

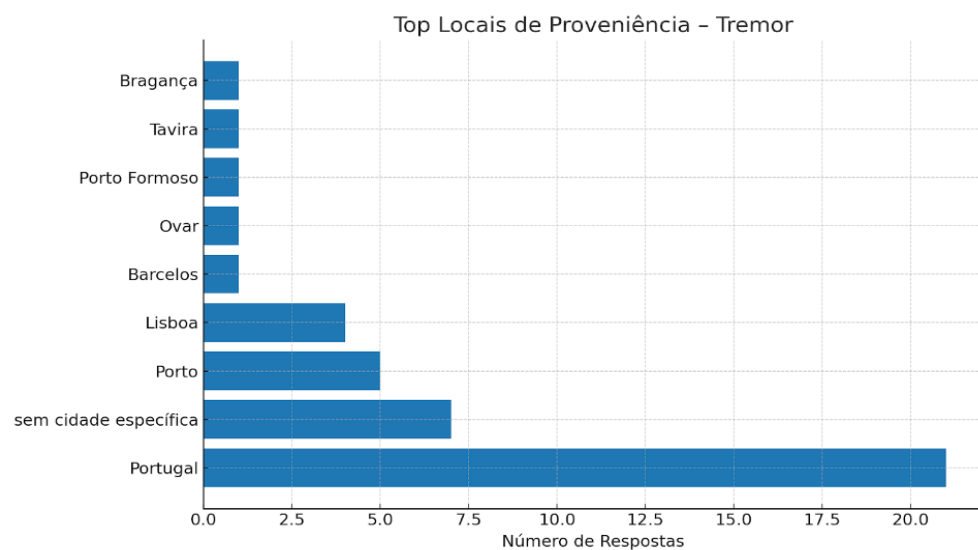


Gráfico 22 Top locais de Proveniência dos Inquiridos do Festival Tremor

No que diz respeito ao género com que se identificam, há um empate entre os géneros masculino e feminino, havendo, no entanto, menção a outros.

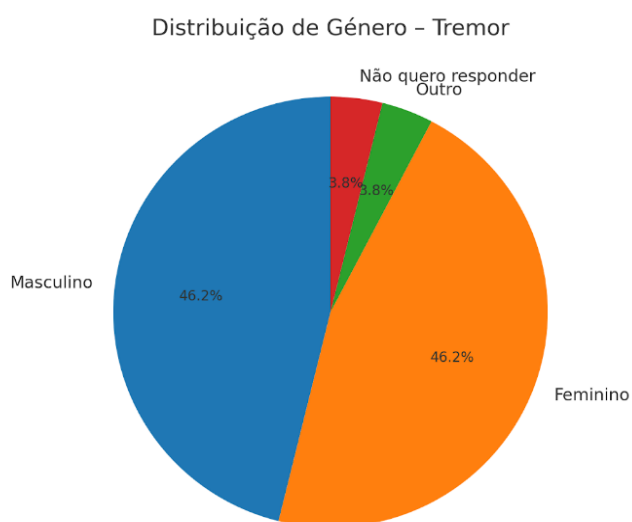


Gráfico 23 Distribuição por Género dos Inquiridos do Festival Tremor

A maioria dos inquiridos haveria já participado no festival pelo menos mais de 2 vezes.

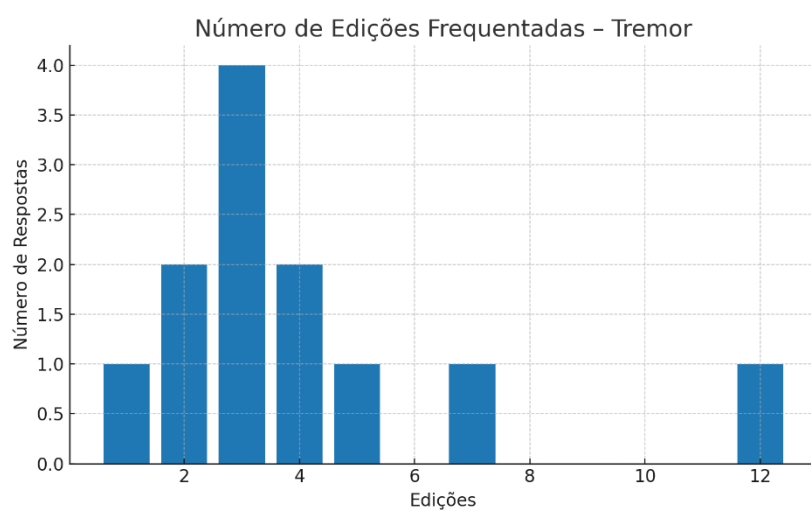


Gráfico 24 Nº de edições frequentadas pelos Inquiridos do Festival Tremor

As principais razões pelas quais os inquiridos vão ao Festival Tremor são a música e o contacto com a natureza, seguidas pelo vivenciar de novas experiências proporcionadas pelo festival, entre outras.



Gráfico 25 Motivações para participação dos Inquiridos do Festival Tremor

No que diz respeito à preferência musical, os mesmos preferem a experiência em formato banda seguida da ME em formato experimental.

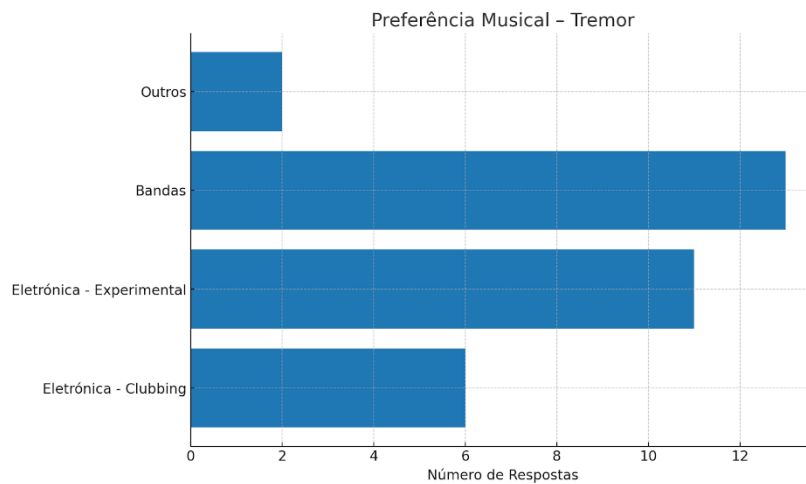


Gráfico 26 Preferência Musical dos Inquiridos do Festival Tremor

Em relação à percepção dos inquiridos que já haviam estado no festival da evolução da presença da ME neste, a maioria diz que continua igual, seguida pelos que consideram que está mais presente que nas edições anteriores.

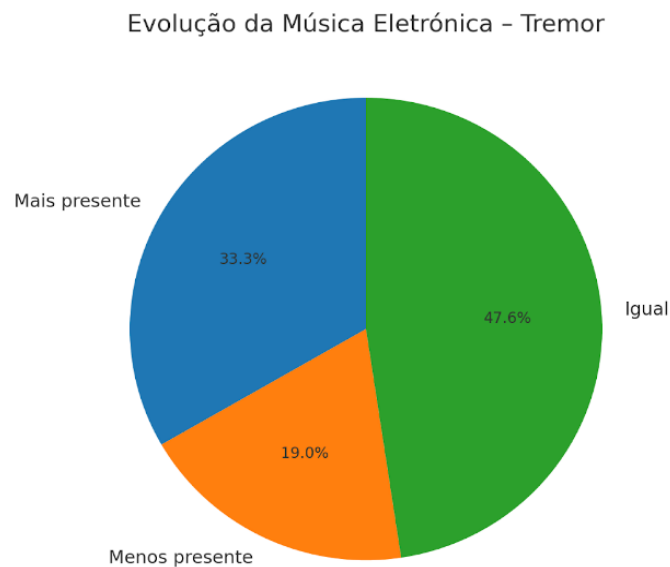


Gráfico 27 Evolução da presença da ME segundo os Inquiridos do Festival Tremor

6.3 Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.1 Género

Ao compararmos o género dos artistas participantes nas três edições analisadas de ambos os festivais constatamos que o Festival Tremor encabeça a diversidade de género.

Desde a primeira edição, enquanto o Festival Semibreve só contratou artistas masculinos, a programação do Festival Tremor contava já com representação feminina.

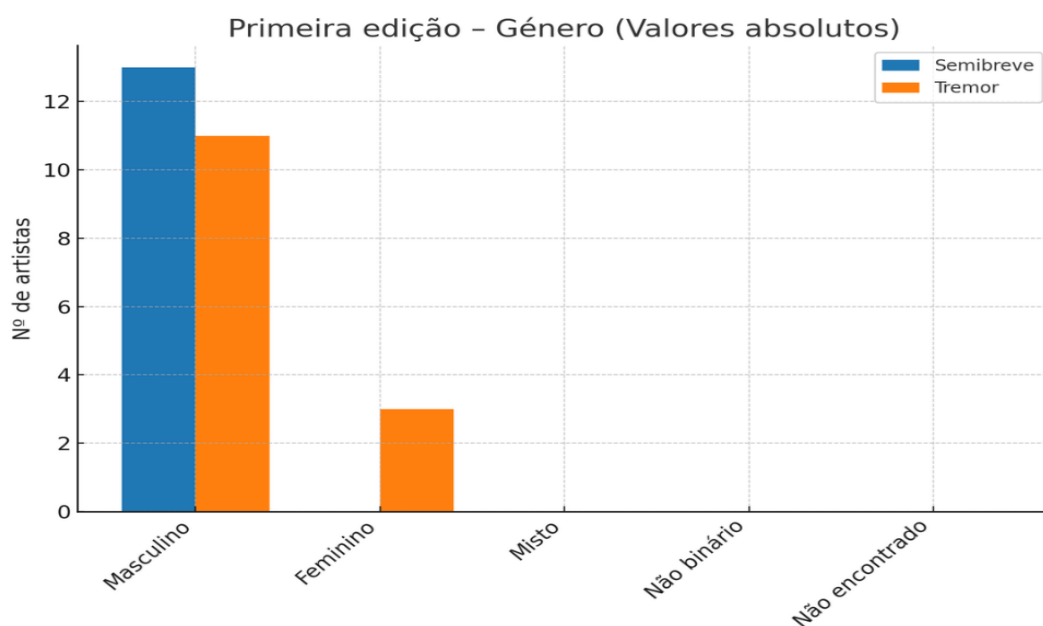


Gráfico 28 1ª edição- Género dos Artistas Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas edições intermédias analisadas observa-se que, para além de o Festival Tremor ter um maior número de participantes que o Festival Semibreve, é o único que possui, na sua programação, colaboração de artistas de géneros diferentes.

O Festival Tremor lidera na representatividade do género feminino e, artistas não binários começam a ser representados por ambos festivais nestas edições.

É de evidenciar que no mapeamento desta edição do Festival Tremor, deparámos com um número considerável de artistas cujo o género com que se identificam foi impossível de encontrar.

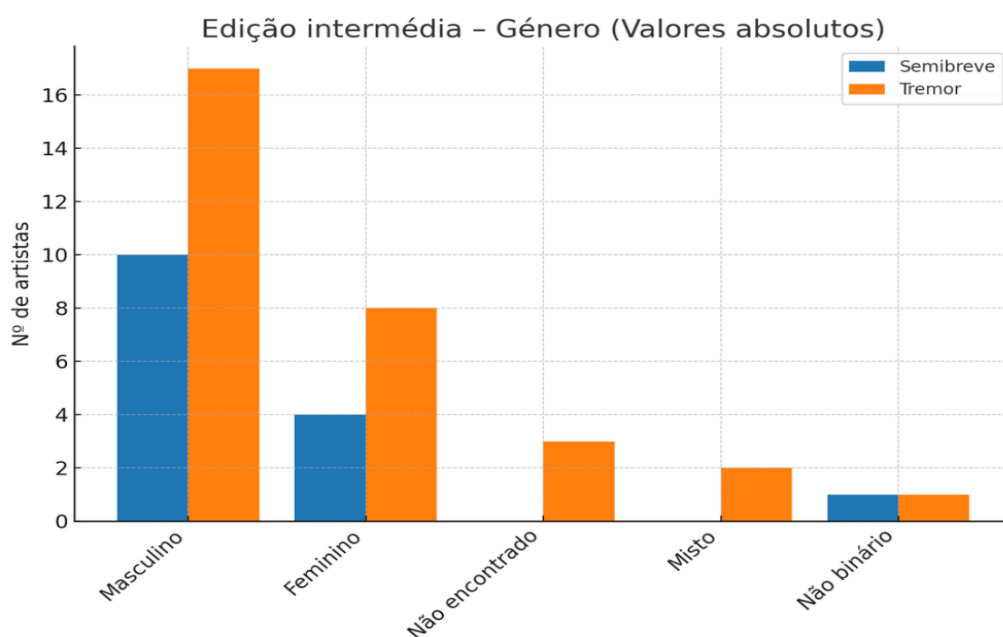


Gráfico 29 Edição Intermédia- Género dos Artistas Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas últimas edições dos festivais, o Festival Semibreve tem mais artistas participantes de género feminino que de género masculino. Volta-se a verificar colaborações entre artistas de géneros diferentes apenas no Festival Tremor e, apesar de haver representação de artistas não binários em ambos os festivais, em comparação com o número de artistas que se identificam com géneros binários, a sua representatividade é ainda, consideravelmente menor.

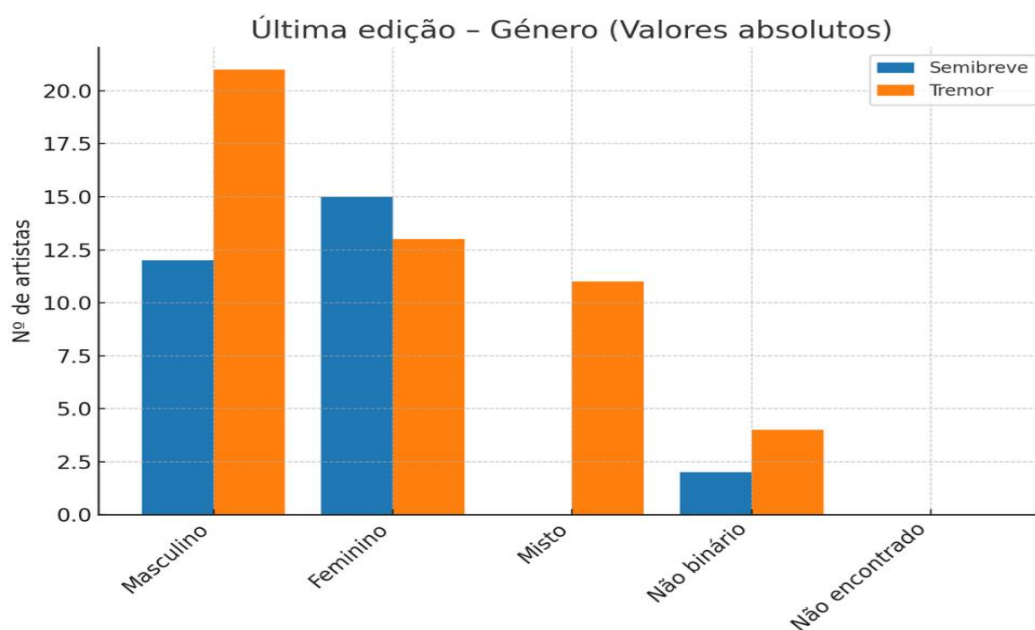


Gráfico 30 Última edição- Género dos Artistas Festival Semibreve VS Festival Tremor

Ao fazermos a média das três edições analisadas, o Festival Tremor lidera pela diversidade de representação de géneros dos artistas participantes.

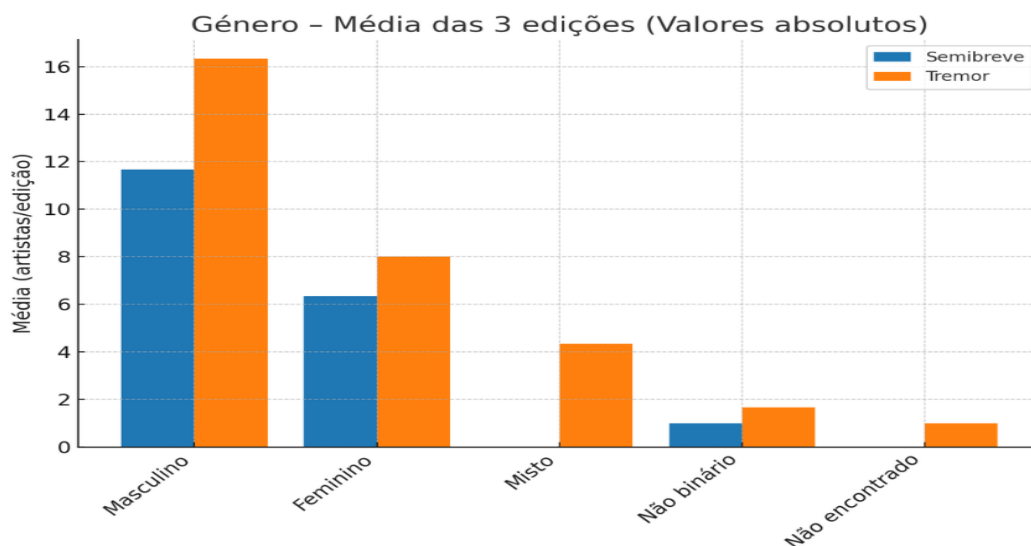


Gráfico 31 Média das 3 edições - Género dos Artistas Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.2 Individuais vs. Coletivos

No que diz respeito à participação de artistas em formato individual ou coletivo, nas três edições analisadas, no Festival Tremor compreende-se um maior equilíbrio entre os formatos em que se apresentam os artistas participantes.

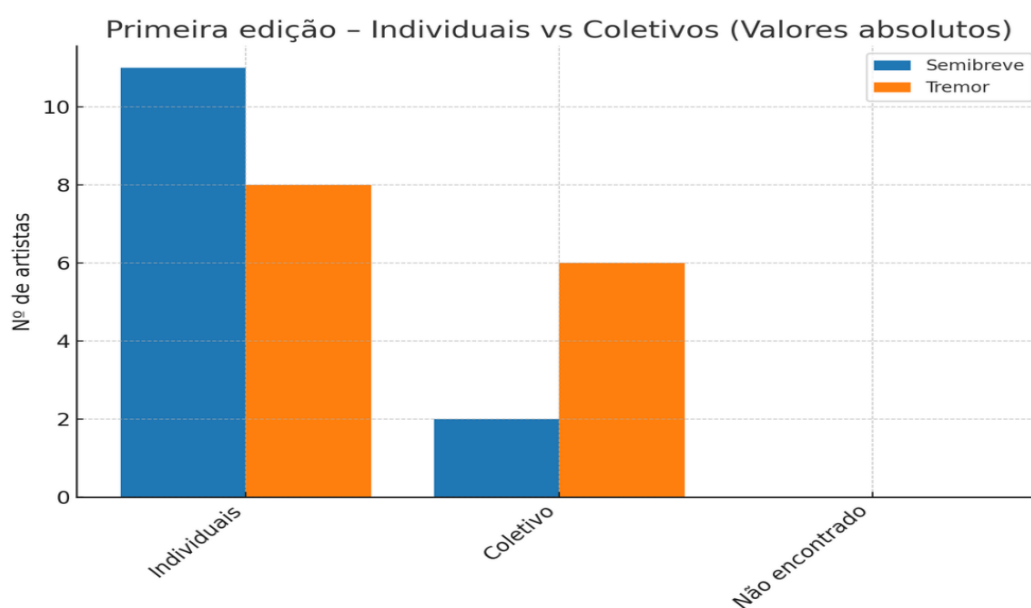


Gráfico 32 1ª edição- Individuais vs. Coletivos- Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas edições intermédias analisadas, houve artistas participantes no Festival Tremor, cujo formato em que se apresentaram não foi encontrado.

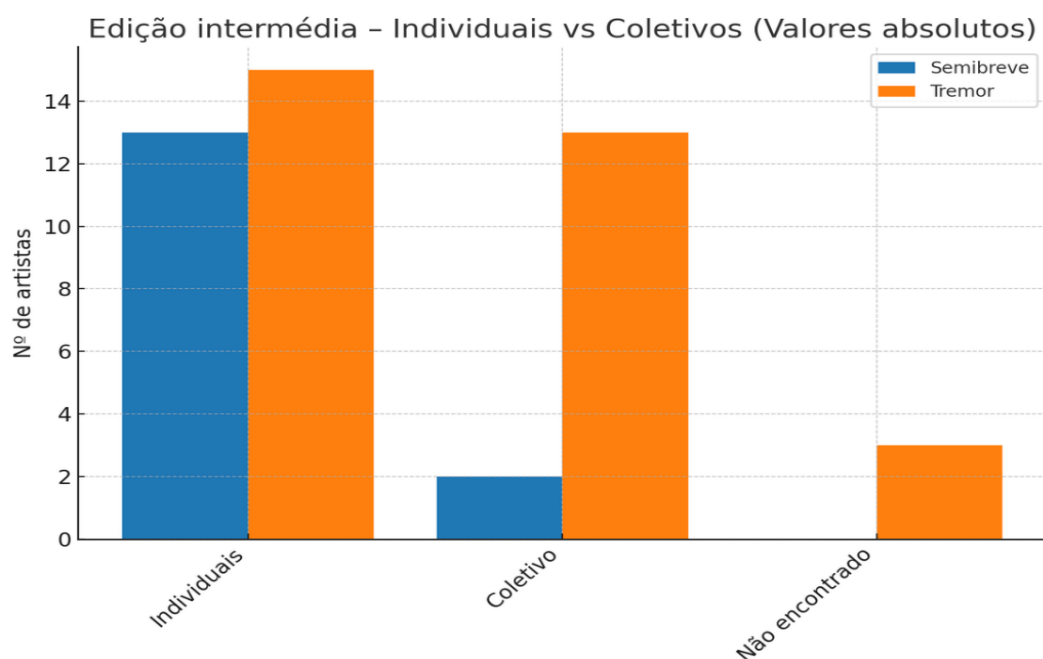


Gráfico 33 Edição Intermédia - Individuais vs. Coletivos- Festival Semibreve VS Festival Tremor

É de salientar que nas últimas edições analisadas o Festival Semibreve trouxe artistas, essencialmente, em formato individual.

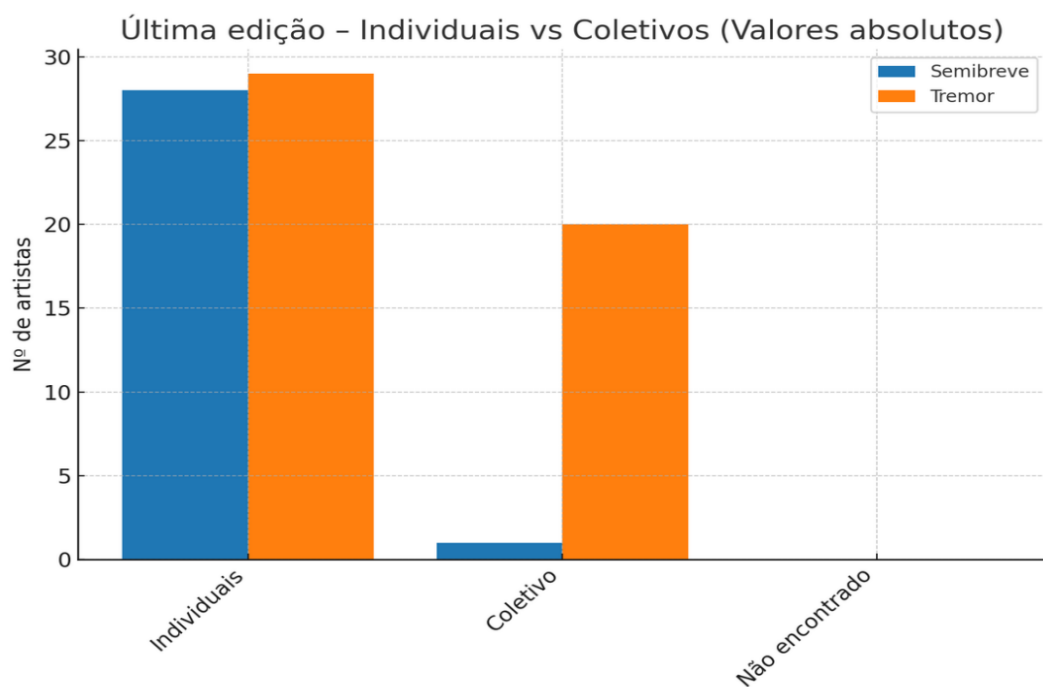


Gráfico 34 Última Edição - Individuais vs. Coletivos- Festival Semibreve VS Festival Tremor

Ao elaborar a média entre as três edições analisadas confirma-se que há uma inclinação por parte do Festival Semibreve por artistas que se apresentam no formato individual, enquanto se mantém um equilíbrio entre os formatos na média do Festival Tremor.

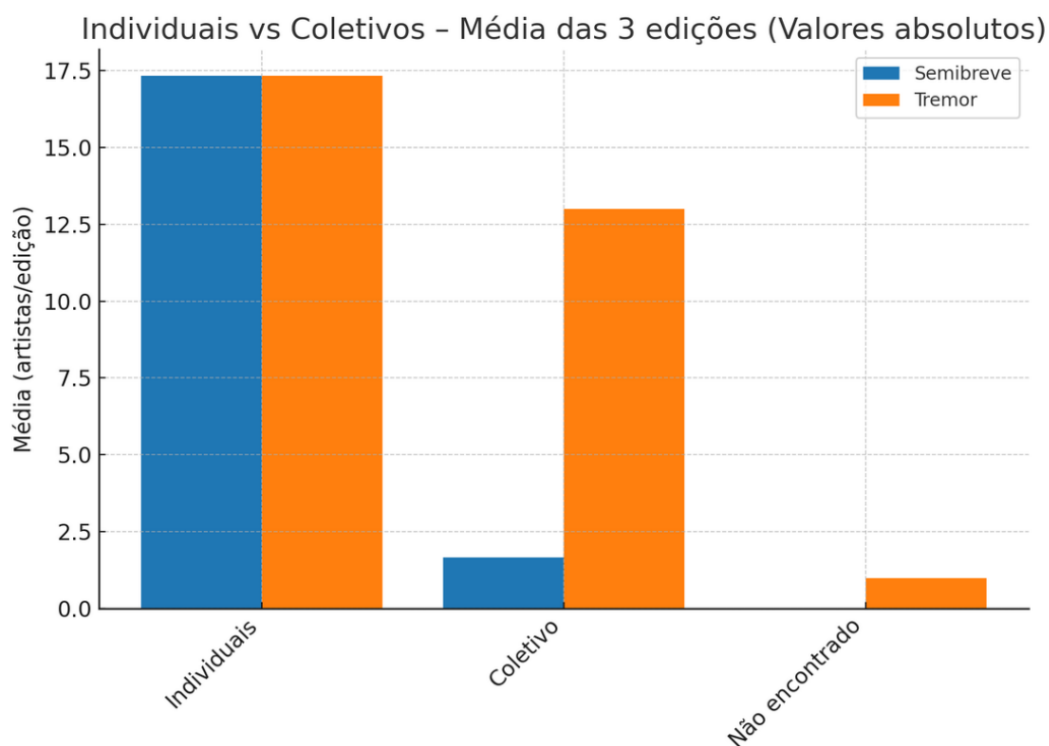


Gráfico 35 Média das 3 edições - Individuais vs. Coletivos- Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.3 Nacional vs. Internacional / Nacionalidades

Nas primeiras edições constata-se uma disparidade grande entre os festivais. Enquanto no Festival Semibreve encontram-se maioritariamente artistas estrangeiros, no Festival Tremor confirma-se exatamente o oposto.

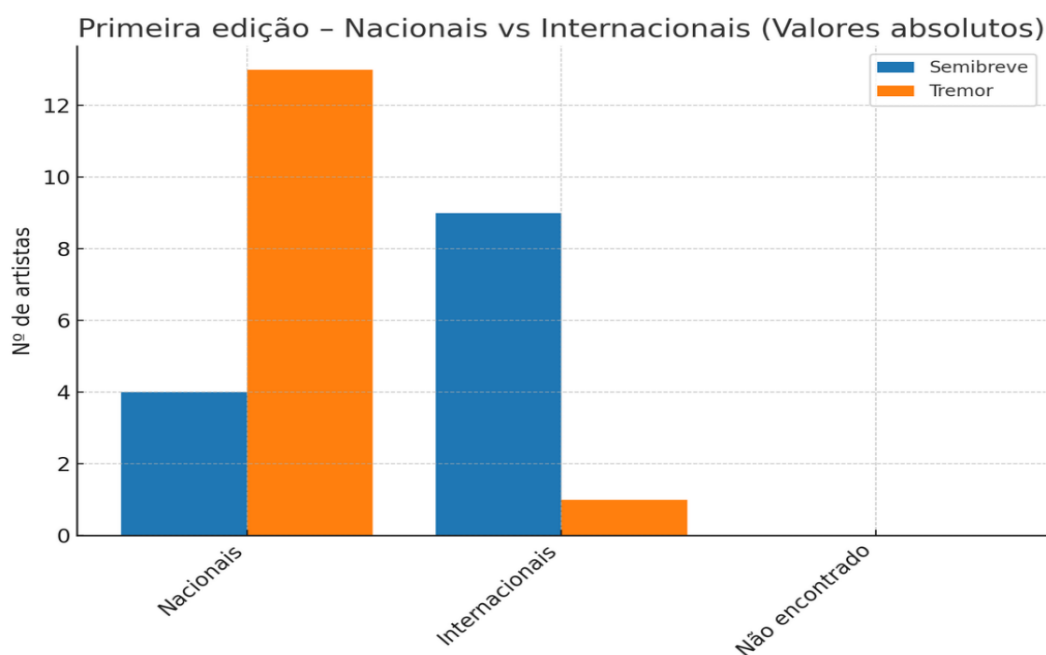


Gráfico 36 1ª edição- Nacionais vs. Internacionais -Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas edições intermédias dos festivais, no Festival Semibreve prevalece uma maioria de artistas estrangeiros participantes enquanto que no Festival Tremor denota-se uma maior equiparidade entre artistas nacionais e internacionais.

Nesta edição do Festival Tremor não foi possível encontrar a nacionalidade de certos artistas.

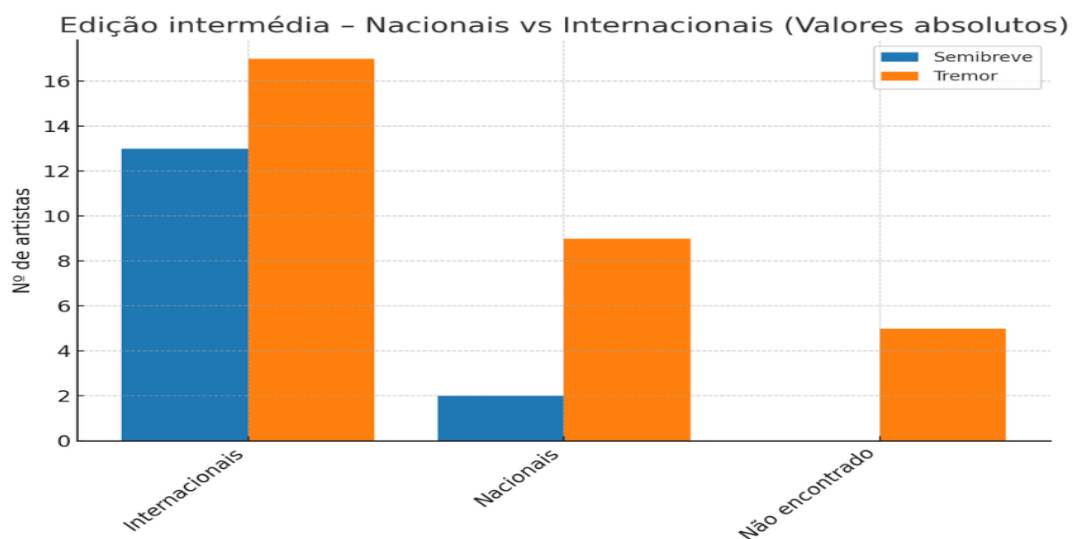


Gráfico 37 Edição Intermédia Nacionais vs. Internacionais -Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas últimas edições analisadas o cenário das primeiras edições mantém-se. com a exceção de que onde a nacionalidade de certos artistas não foi encontrada durante o mapeamento foi no Festival Semibreve.



Gráfico 38 Última edição- Nacionais vs. Internacionais -Festival Semibreve VS Festival Tremor

A média das três edições revela, claramente, que enquanto no Festival Semibreve há uma propensão para a participação de artistas internacionais, no Festival Tremor, há uma proporcionalidade entre artistas nacionais e estrangeiros.

O número de artistas cuja nacionalidade não foi possível encontrar é maior no Festival Tremor.

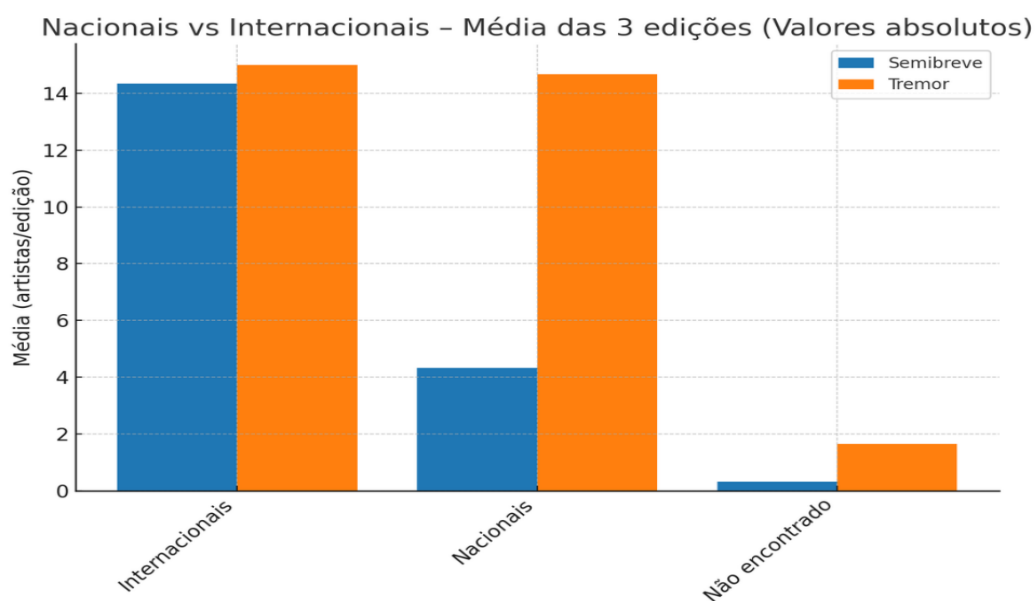


Gráfico 39 Média das 3 edições - Nacionais vs. Internacionais -Festival Semibreve VS Festival Tremor

No que diz respeito às diferentes nacionalidades presentes na programação dos festivais, distintivamente, nas primeiras edições, o Festival Semibreve possui um leque mais variado de nacionalidades presente em relação ao Festival Tremor.

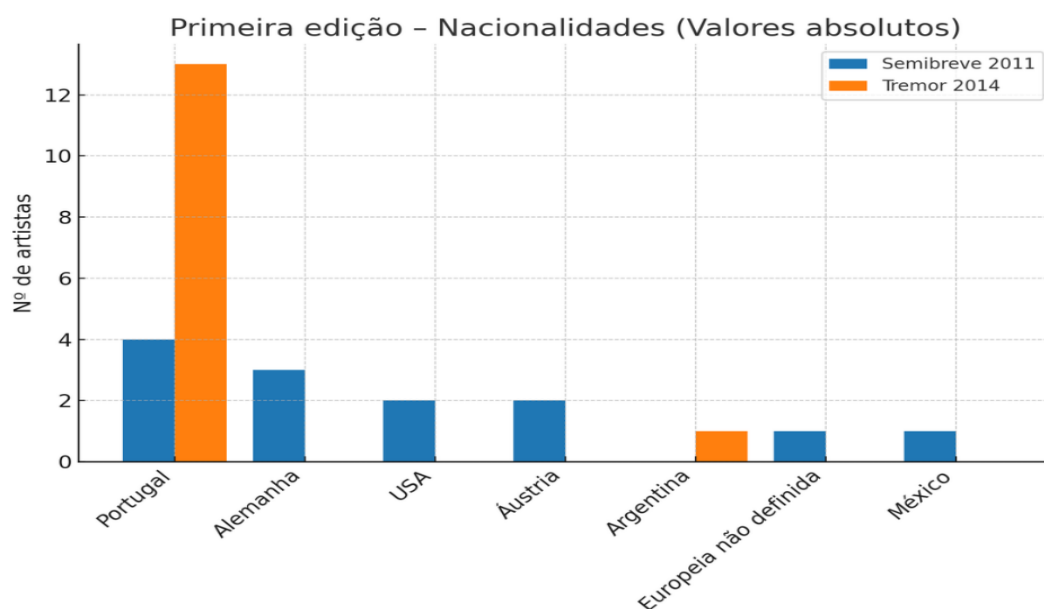


Gráfico 40 1ª edição - Nacionalidades presentes -Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas segundas edições, o Festival Tremor tem representatividade de um ligeiro maior número de nacionalidades relativamente ao Festival Semibreve e, os festivais coincidem em muitas poucas nacionalidades.

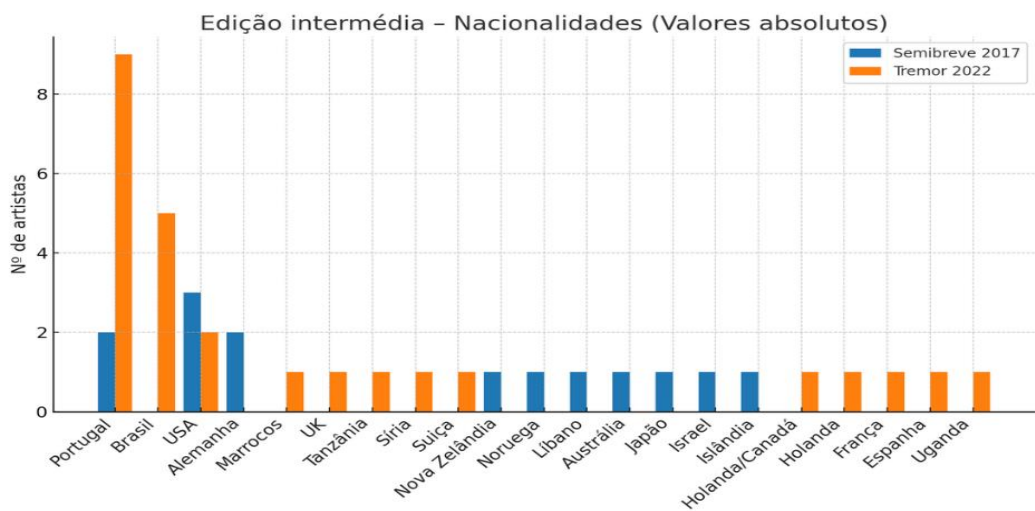


Gráfico 41 Edição Intermédia -Nacionalidades presentes -Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas últimas edições dos festivais, o Festival Tremor mantém a maior variedade de nacionalidades representadas na programação, não diferindo, no entanto, demasiado do número representado pelo Festival Semibreve. Constata-se uma maior coincidência de nacionalidades nos artistas presentes nos dois festivais.

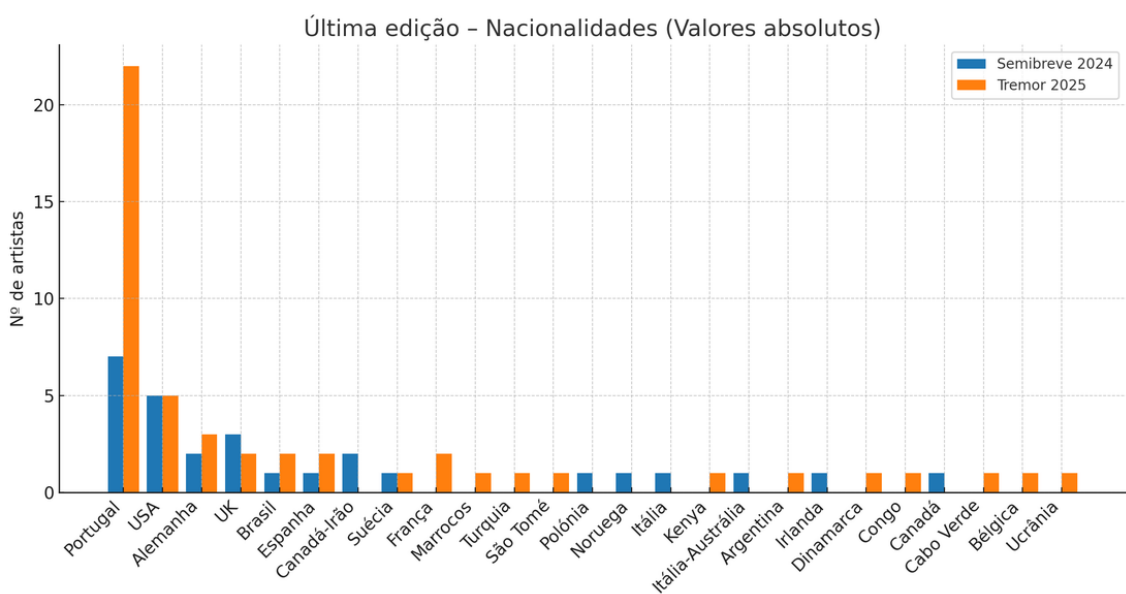


Gráfico 42 Última edição- Nacionalidades presentes -Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.4 Tipologias

Considerando o tipo de trabalho apresentado (se no contexto musical, das MA ou de ambas), nas primeiras edições de ambos o festival a tipologia musical está claramente mais presente e só no Festival Semibreve se encontra uma fusão das tipologias.

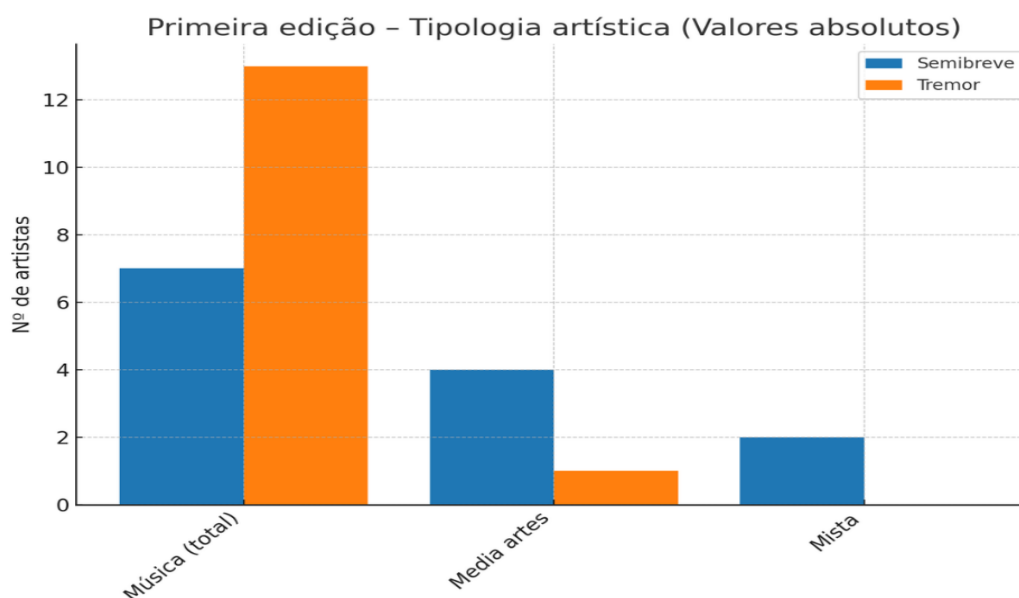


Gráfico 43 1ª edição - Tipologias artísticas -Festival Semibreve VS Festival Tremor

Na edição intermédia, a tipologia musical prevalece, sendo a única presente no Festival Tremor e no Festival Semibreve além da musical existe uma ligeira presença da fusão entre música e MA nas performances artísticas.

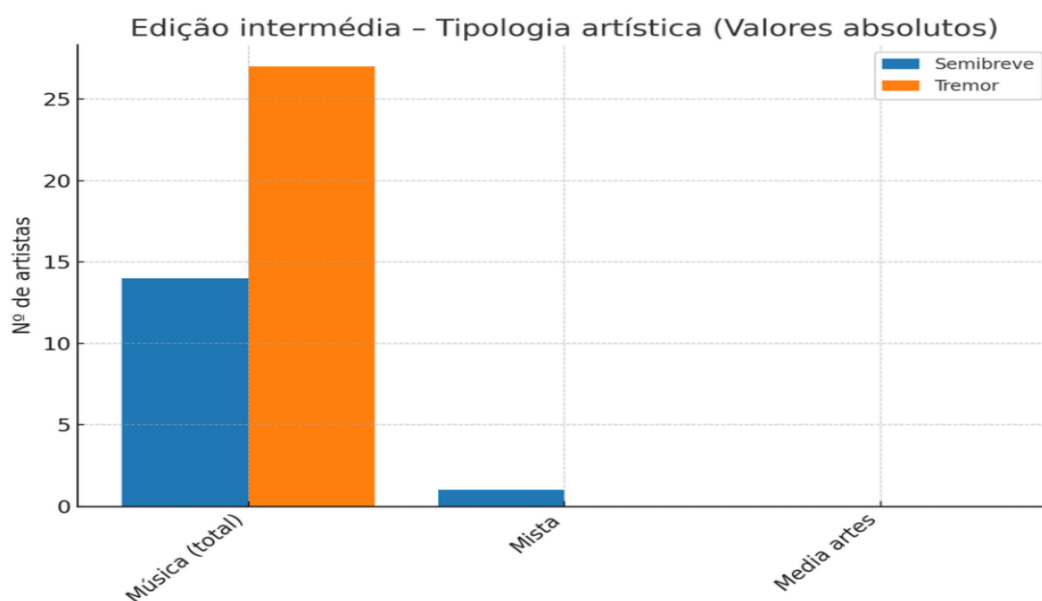


Gráfico 44 Edição intermédia - Tipologias artísticas -Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas últimas edições continua a haver uma prevalência da tipologia musical no Festival Tremor enquanto existe um equilíbrio no que diz respeito à presença da tipologia musical e mista no Festival Semibreve. A MA por si só não se encontra presente em nenhum dos festivais.

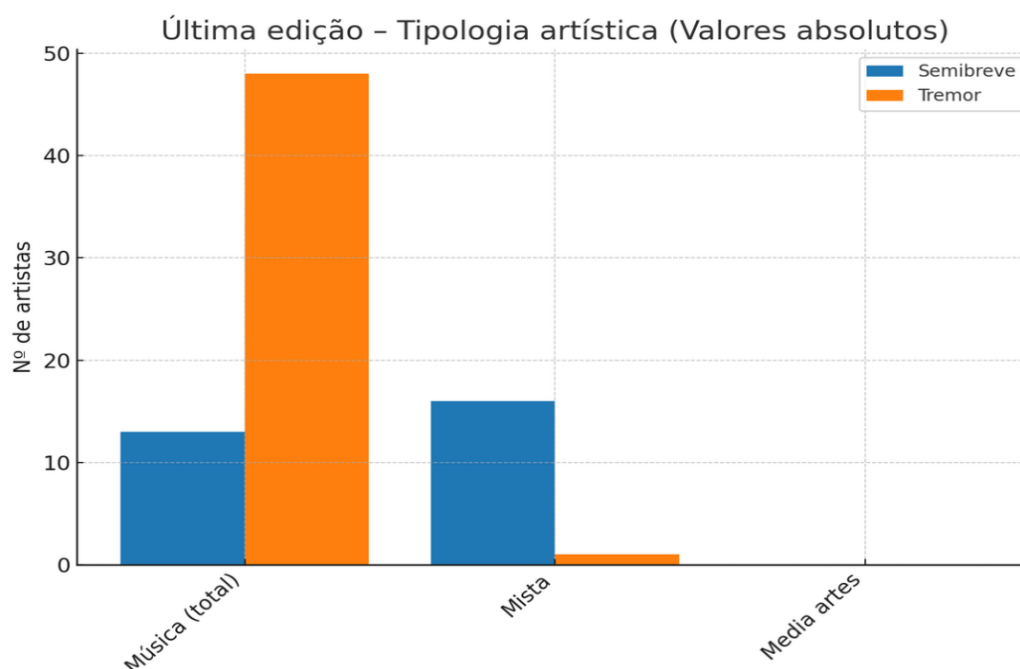


Gráfico 45 Última edição - Tipologias artísticas -Festival Semibreve VS Festival Tremor

A média das três edições revela-nos, no Festival Tremor, uma clara maioritária presença da tipologia musical e, no Festival Semibreve um maior equilíbrio na presença das três tipologias, estando, no entanto, mais presente a componente musical.

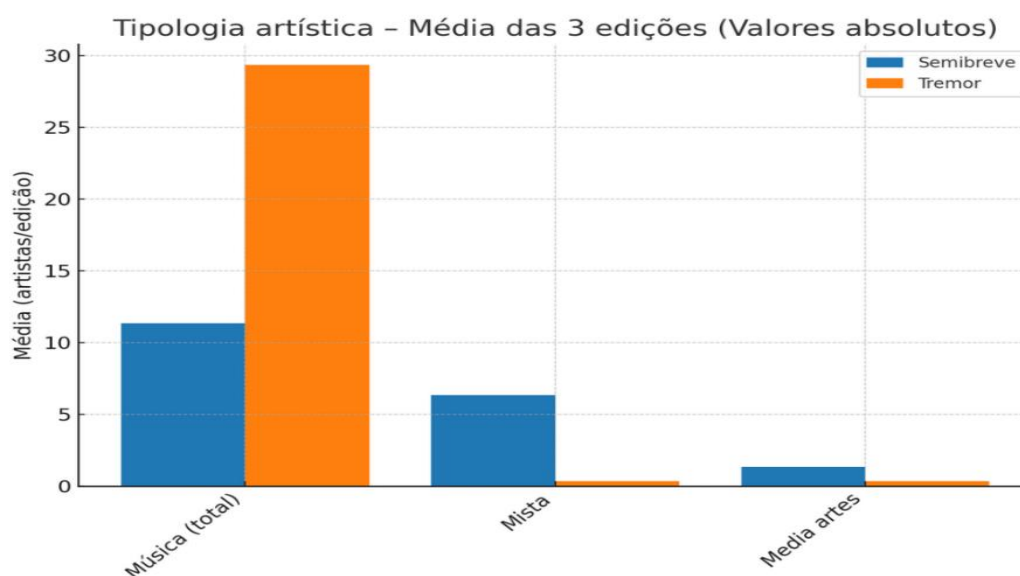


Gráfico 46 Média das 3 edições - Tipologias artísticas -Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.5 Presença Online

Analisando a presença nas diversas plataformas online (*Instagram*, *Facebook*, *Bandcamp*, website do artista, email do artista, *Soundcloud* e *Youtube*) dos artistas participantes, nas primeiras edições dos festivais, os artistas presentes no Festival Semibreve têm uma relativamente proporcional presença em todas as plataformas à exceção do *Soundcloud* e do *Youtube*, enquanto os artistas do Festival Tremor estão maioritariamente presentes nas plataformas *Instagram* e *Facebook*.

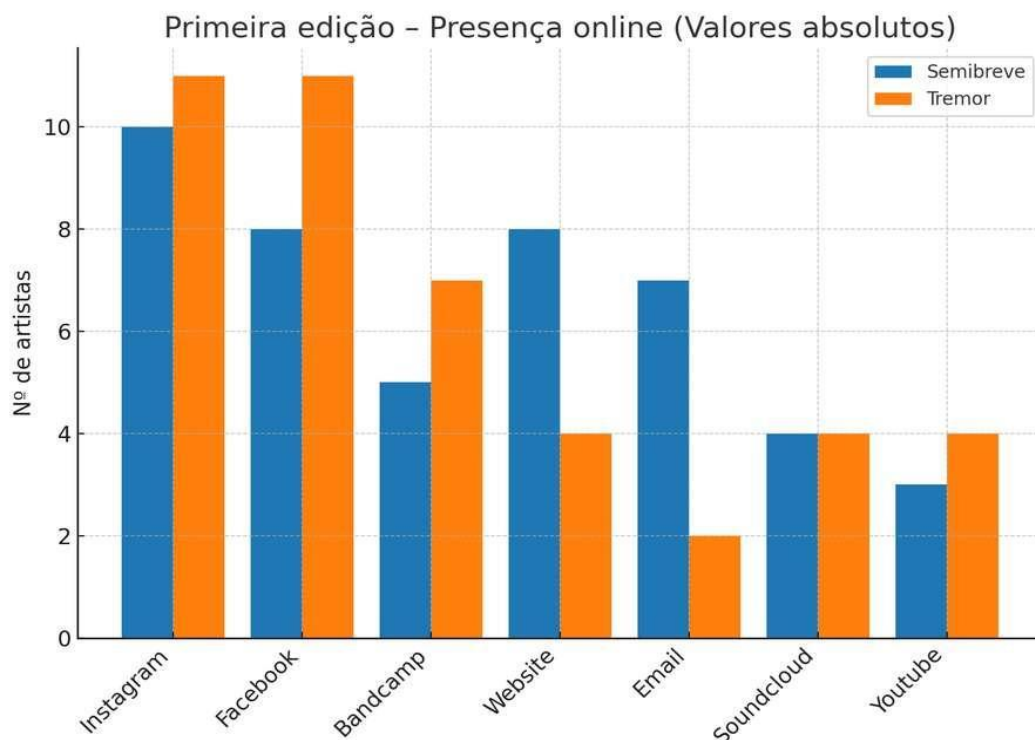


Gráfico 47 1ª edição Presença online -Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas edições intermédias analisadas mantém-se a presença equilibrada em todas as plataformas dos artistas participantes no Festival Semibreve, excetuando no *Youtube* e no *email*, assim como no Festival Semibreve, mudando apenas as exceções, sendo estas o website e o email.

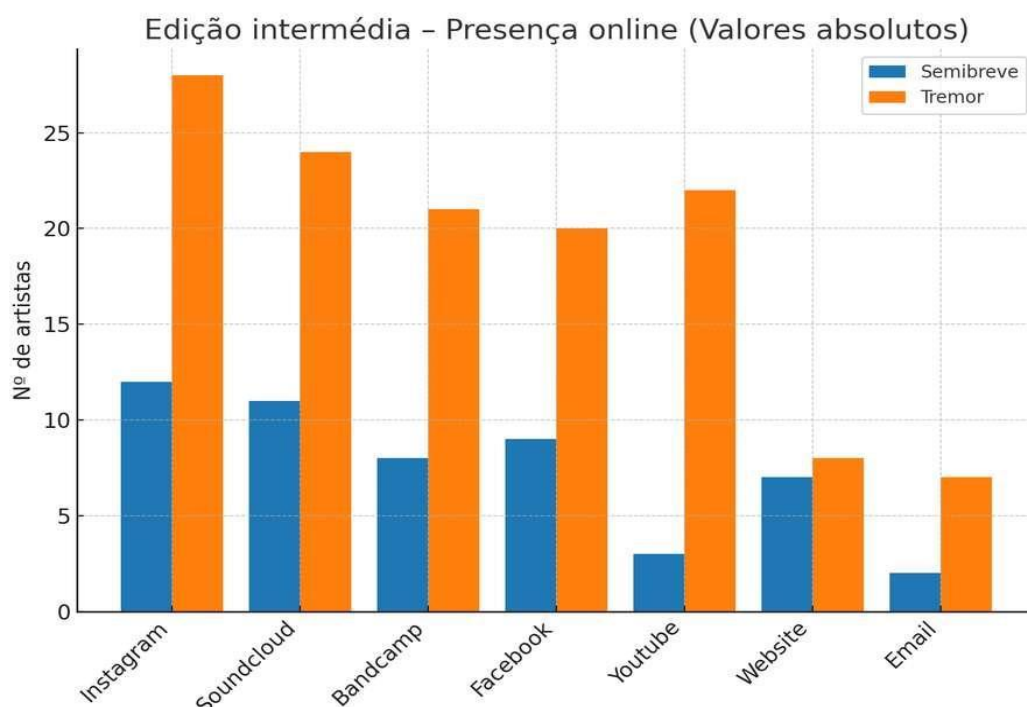


Gráfico 48 Edição Intermédia - Presença online -Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas últimas edições existe uma hegemonia na presença das plataformas em ambos os festivais, com a ressalva dos já anteriormente referidos website e email, unindo -se a estes o *Facebook*, que são os que obtêm a menor presença. O *Instagram* a plataforma com maior presença também em ambos os festivais.

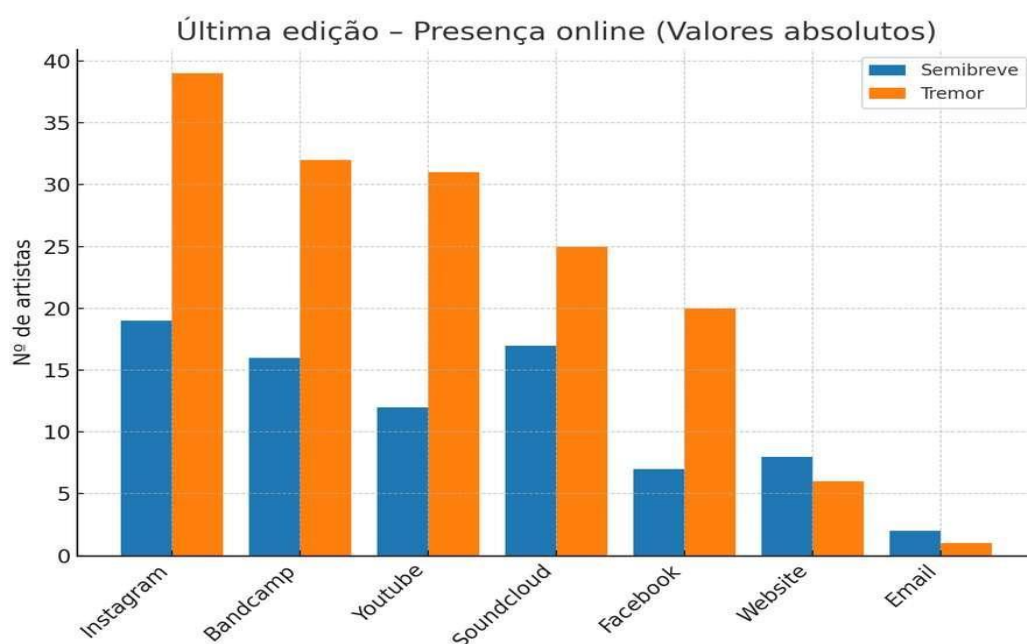


Gráfico 49 Última edição -Presença online -Festival Semibreve VS Festival Tremor

A média das três edições sugere-nos que as plataformas preferidas são o *Instagram* e o *Soundcloud*, deixando o email em último lugar.

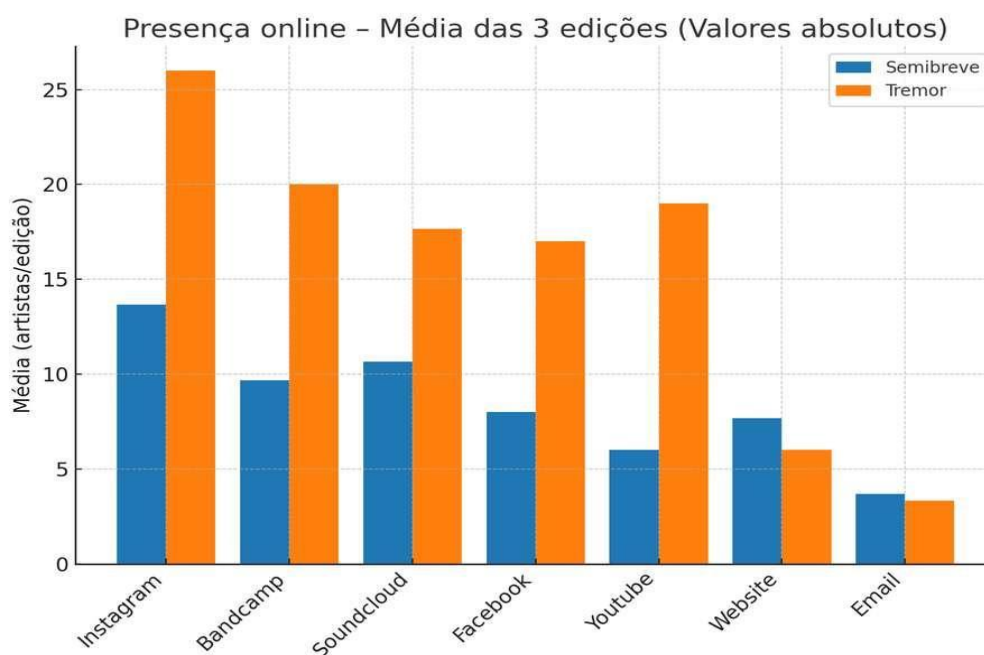


Gráfico 50 Média das 3 edições- Presença online -Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.5 Biografias

No que diz respeito às biografias dos artistas encontradas ou não encontradas durante a fase de mapeamento, nas primeiras e intermédias edições só no Festival Tremor não foram encontradas biografias dos artistas.

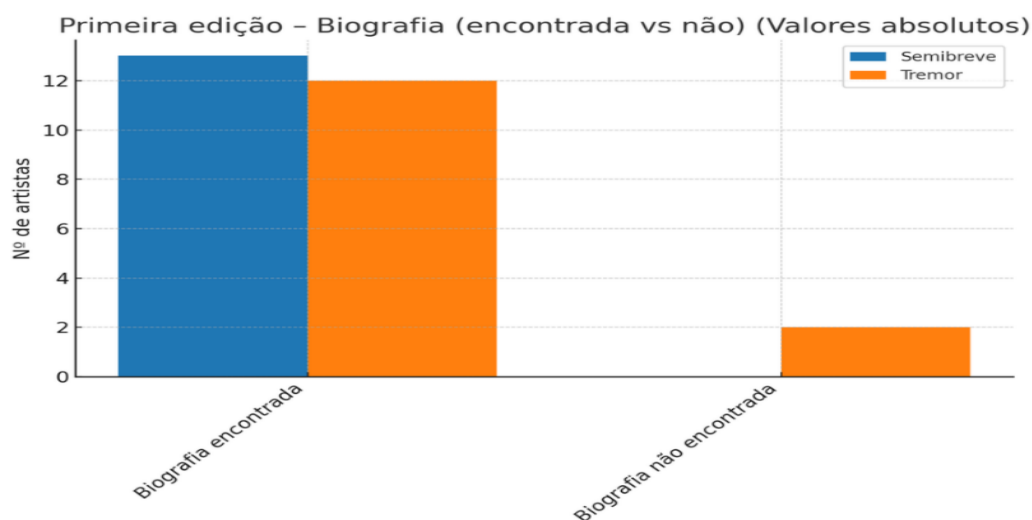


Gráfico 51 1ª edição- Biografia (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

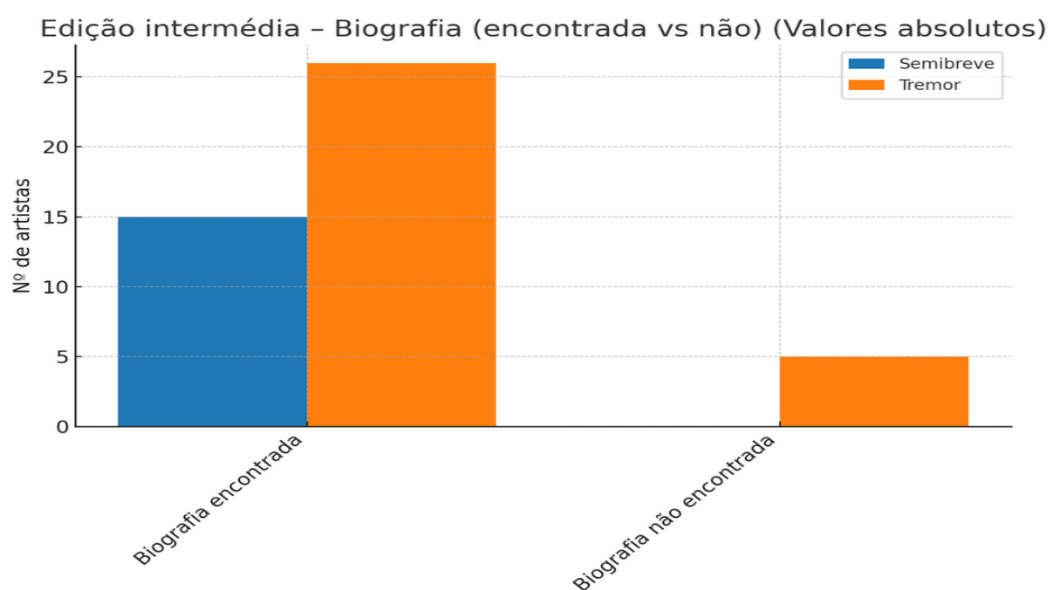


Gráfico 52 Edição intermédia -Biografia (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas últimas edições todas as biografias dos artistas participantes do Festival Tremor foram encontradas em contrapartida ao Festival Semibreve.

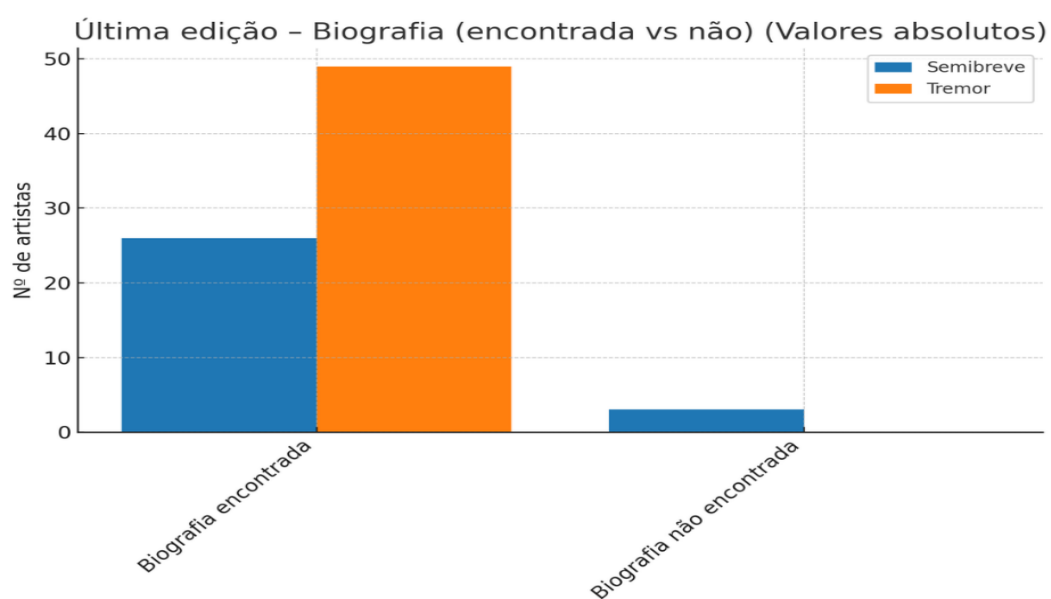


Gráfico 53 Última edição- Biografia (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

A média das três edições passa-nos a ideia de que a informação desejada foi encontrada com relativa facilidade em ambos os festivais.

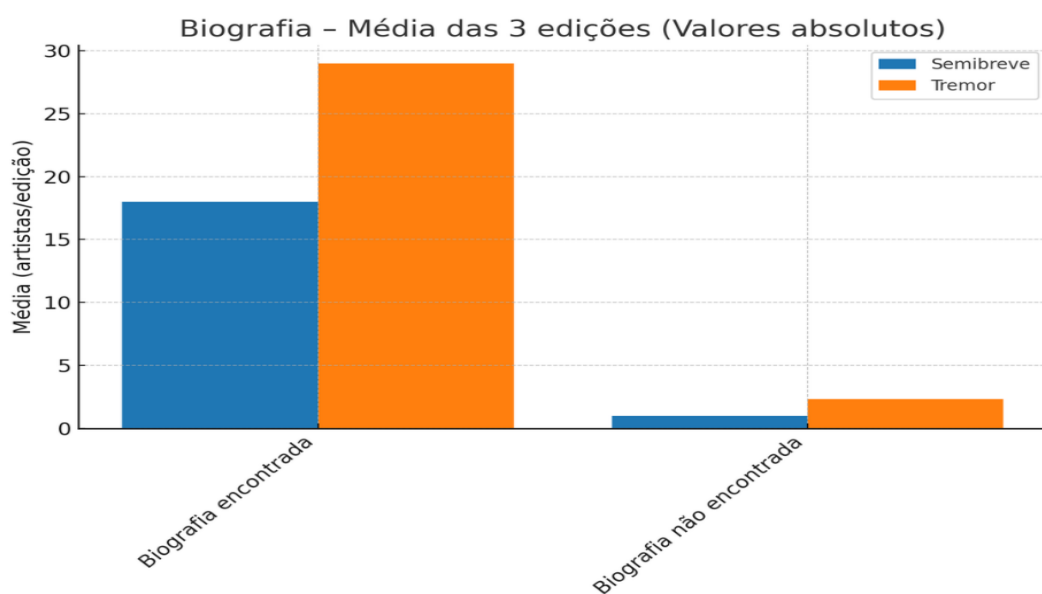


Gráfico 54 Média das 3 edições - Biografia (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.6 Escopo de idades e Data de nascimento

Através do gráfico abaixo apresentado podemos constatar que o escopo da idade dos artistas presentes no Festival Semibreve é mais abrangente que o do Festival Tremor.

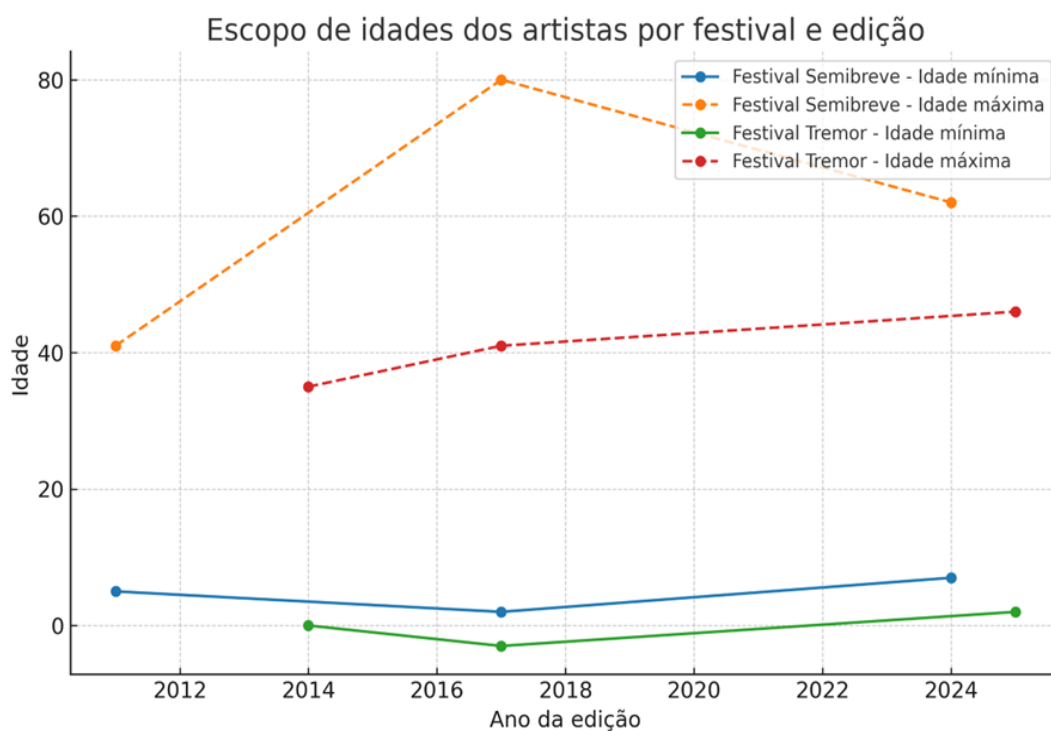


Gráfico 55 comparação do Escopo de idades presentes nas 3 edições dos festivais Semibreve e Tremor

No que diz respeito à informação sobre as datas de nascimento dos artistas, nas primeiras edições estão bastante mais documentadas as dos artistas participantes no Festival Semibreve do que as dos artistas do Festival Tremor.

Primeira edição – Data de nascimento (encontrada vs não) (Valores absolutos)

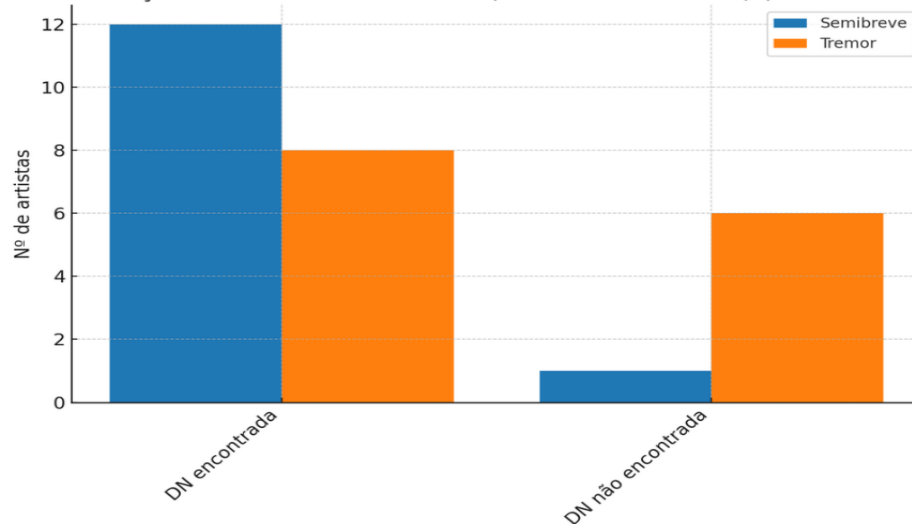


Gráfico 56 1ª edição- Data de nascimento (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

O mesmo se passa nas edições Intermédias, havendo um claro crescimento das não encontradas em ambos os festivais.

Edição intermédia – Data de nascimento (encontrada vs não) (Valores absolutos)

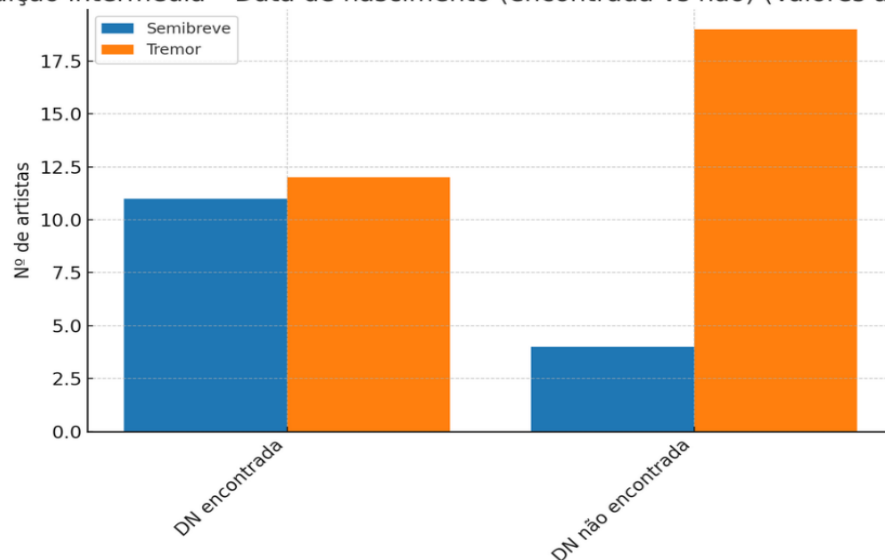


Gráfico 57 Edição intermédia - Data de nascimento (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

Nas últimas edições equipara-se o número de datas de nascimento encontradas em ambos os festivais, mas ultrapassam as mesmas o número de datas de nascimento não encontradas.

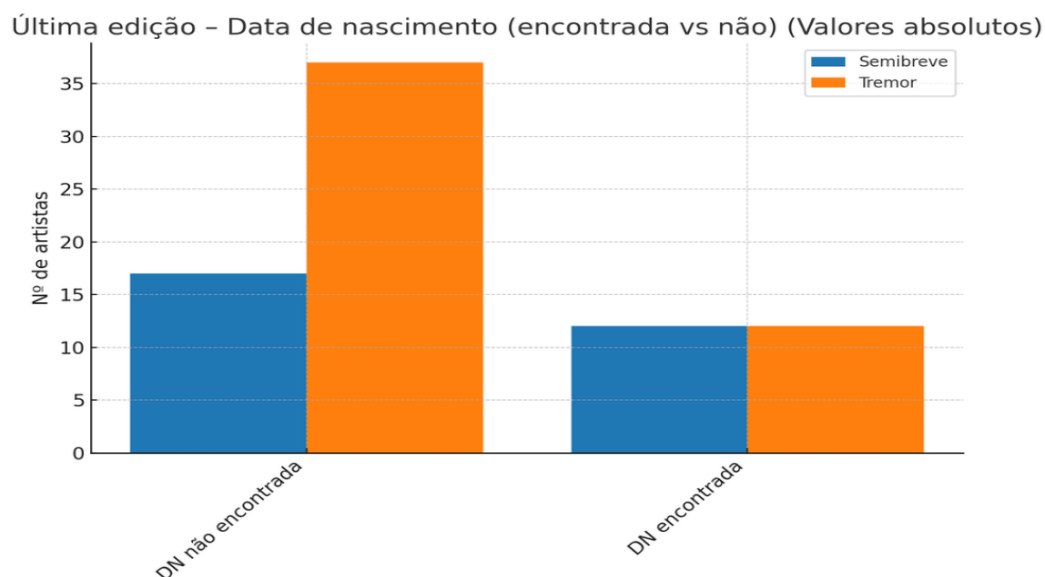


Gráfico 58 Última edição - Data de nascimento (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

A média das três edições indica-nos que as datas de nascimento dos artistas participantes do Festival Semibreve estão mais documentadas do que as dos artistas participantes do Festival Tremor.

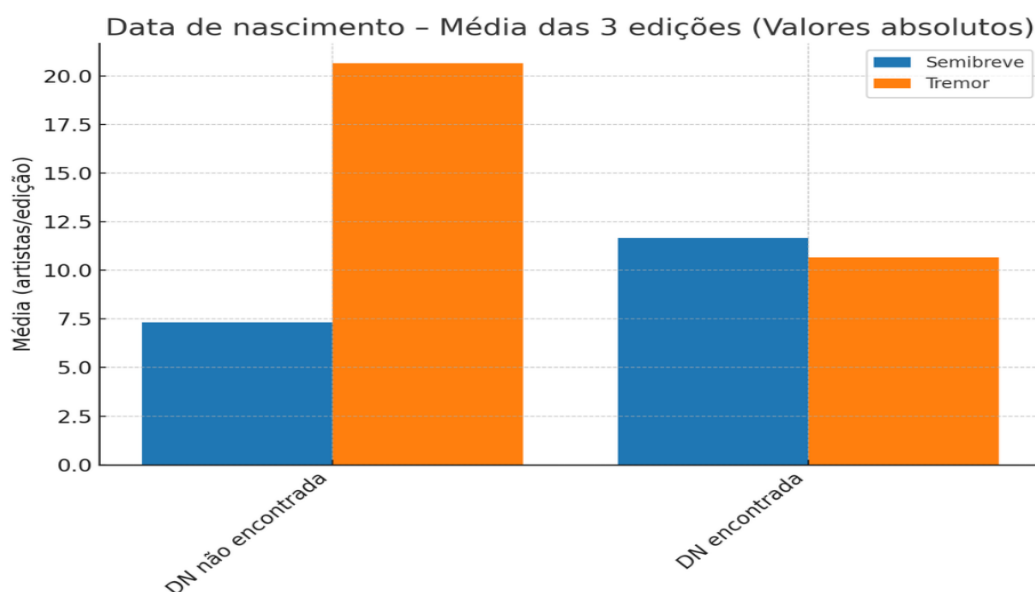


Gráfico 59 Média das 3 edições - Data de nascimento (encontrada vs. não encontrada) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.7 Inquéritos por questionário

As respostas dos inquiridos revelam que a maioria destes, em ambos os festivais, já visitaram os festivais mais do que uma vez, em média mais de quatro vezes no que diz respeito ao Festival Semibreve, e mais de três vezes relativamente ao Festival Tremor.

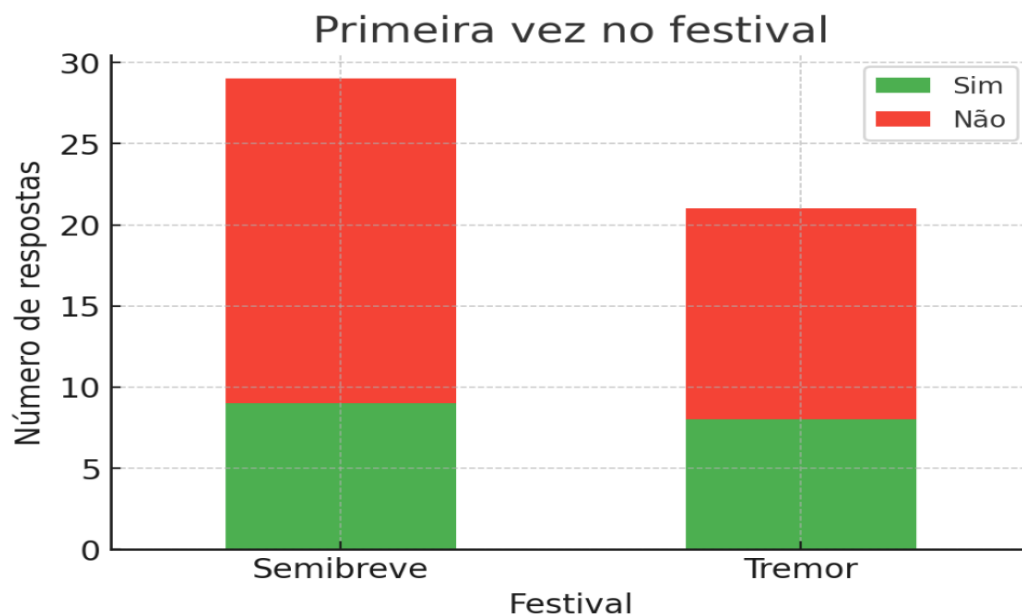


Gráfico 60 Primeira vez no festival (sim vs. não) - Festival Semibreve VS Festival Tremor

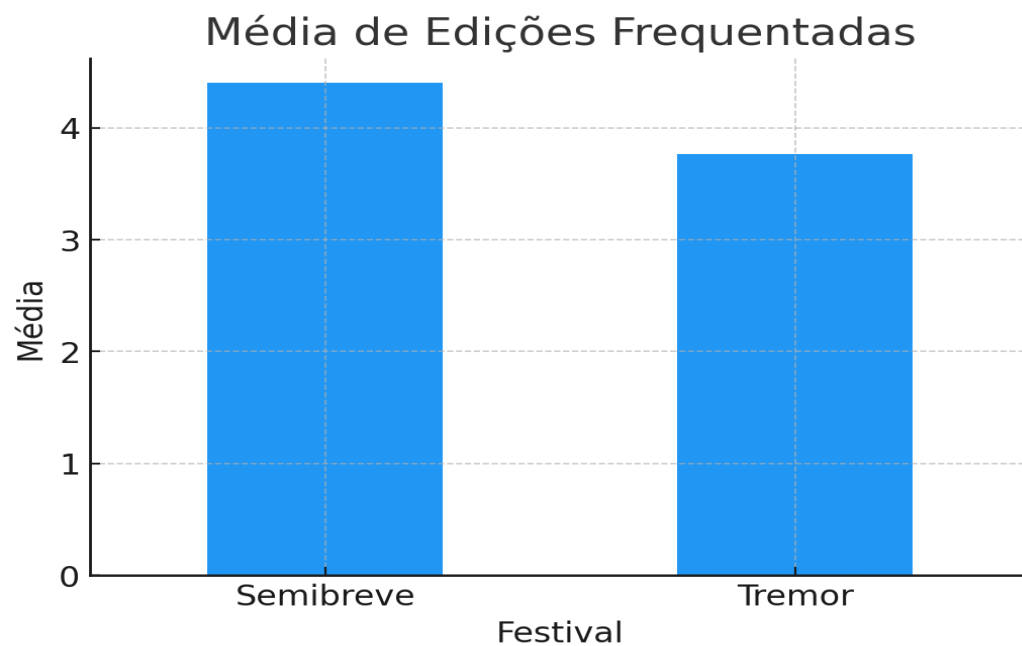


Gráfico 61 Média do nº de edições frequentadas Festival Semibreve VS Festival Tremor

As razões para a ida aos festivais variam, também porque são, como já descrito acima, festivais que oferecem experiências diferenciadas entre si. Assim, enquanto no Festival Semibreve a motivação para presença no festival é maioritariamente a fusão entre a música e a MA, no Festival Tremor são a música e o contacto com a natureza.

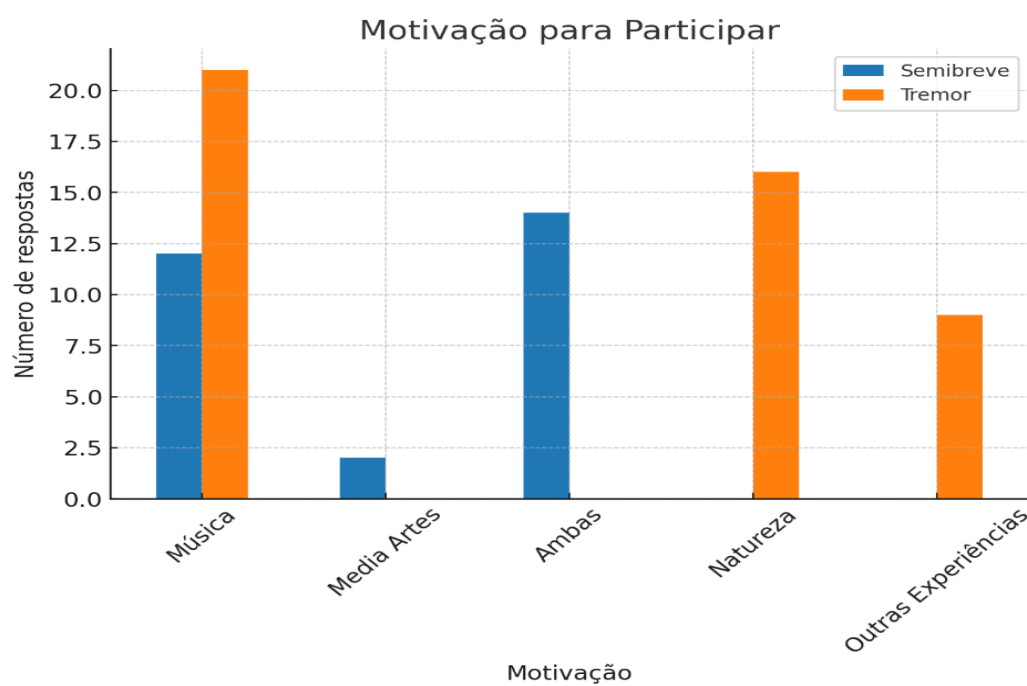


Gráfico 62 Motivações para a participação Festival Semibreve VS Festival Tremor

6.3.8 Inquéritos por entrevista

Tabela 16 Comparação por categorias, subtemas e excertos (Festival Semibreve VS. Festival Tremor)

Categoria	Semibreve – Subtemas	Tremor – Subtemas	Exemplo de citação – Semibreve	Exemplo de citação – Tremor
1. Gênese e Identidade	Origem comunitária; projeto entre amigos Ausência de festivais do género; pioneirismo sonoro/digital Identidade periférica-cultural; descentralização geográfica	Origem local; combater ausência de acesso à cultura Contexto periférico; identidade insular e quotidiano residente Evolução e consolidação por experimentação/observação	“O Semibreve surge de uma brincadeira entre amigos...”	“A ideia era ter atividade e ter acesso a cultura contemporânea na ilha.”
2. Estética Sonora e Visual	Experiência imersiva; unicidade por espaço Fusão estética e relação som–visual	Integração do espaço e da paisagem Estética multissensorial/ orgânica; ilha como ‘cabeça de cartaz’	“A imersividade é pensada em cada sítio.”	“A ilha tem que ser o cabeça de cartaz deste evento.”

	Estética relacional; espaços como dispositivo estético	<i>Clubbing</i> e subversão temporal/espacial		
3. Curadoria e Programação	Critério: qualidade artística acima de tudo Co-criação/ co-curadoria com festivais (rede europeia) Inovação e emergência artística	Diversidade curatorial; evitar fórmulas repetidas Paridade/ representatividade (gênero/origem/estética) Aposta em artistas emergentes e locais	“Na qualidade. Essa é a primeira e está acima de toda e qualquer.”	“Tentamos que o cartaz seja o mais paritário e inclusivo possível.”
4. Público e Experiência	Público com abertura à experimentação Acessibilidade (mobilidade) Conforto e fluidez espacial	Relação próxima e colaborativa com o público Imersão/ comunhão; turismo cultural transformador Respeito pelo <i>éthos</i> ; consumo não agressivo	“Todos os sítios têm condições de acessibilidade...”	“É uma relação entre música, viagem e comunidade.”
5. Território e Comunidade	Impacto local; economia circular (≈70% verbas na cidade) Acesso gratuito a eventos Formação/ sensibilização (workshops, prêmios de criação)	Parcerias com instituições locais; impacto contínuo Co-criação horizontal com a comunidade Rejeição da massificação turística/ cultural	“70% das verbas do festival ficam na cidade.”	“Não queremos ser um festival de <i>Disneyland</i> .”
6. Desafios e Futuro	Sustentabilidade financeira; dependência de apoios Recusa de massificação Visão: estrutura para criação (mais do que produção)	Sustentabilidade financeira; subida de preço Limitação de escala como escolha estratégica Desafios logísticos insulares (técnicos/ equipamentos)	“Não me interessa minimamente ter um sítio com 4 mil pessoas.”	“A ilha nos deixa fazer.” / “Não há ninguém que afine piano no arquipélago.”

No que diz respeito aos inquéritos por entrevista realizados aos organizadores dos festivais escolhidos como CE, ao analisarmos as temáticas transversais a ambos observamos que existe um ênfase por parte dos dois festivais no que diz respeito ao local onde são realizados e à identidade deste; à imersividade da experiência do festival em si; à integração dos espaços e das paisagens nas performances; à aposta na qualidade das performances com especial atenção ao que de inovador e emergente estas possuem; ao envolvimento na formação e educação; à sustentabilidade

financeira e, no que diz respeito à realização de parcerias com outras entidades culturais, financeiras ou coletivos.

As divergências em termos de foco temático relacionam-se, no caso do Festival Semibreve, por um maior foco relativamente à relação entre som e imagem; à acessibilidade e mobilidade; ao impacto na economia local; e ao conforto e fluidez dos espaços. O Festival Tremor, por sua vez, dá uma maior atenção à paridade na representatividade; à relação e cocriação com a comunidade; e aos desafios logísticos fruto da insularidade do local do festival.

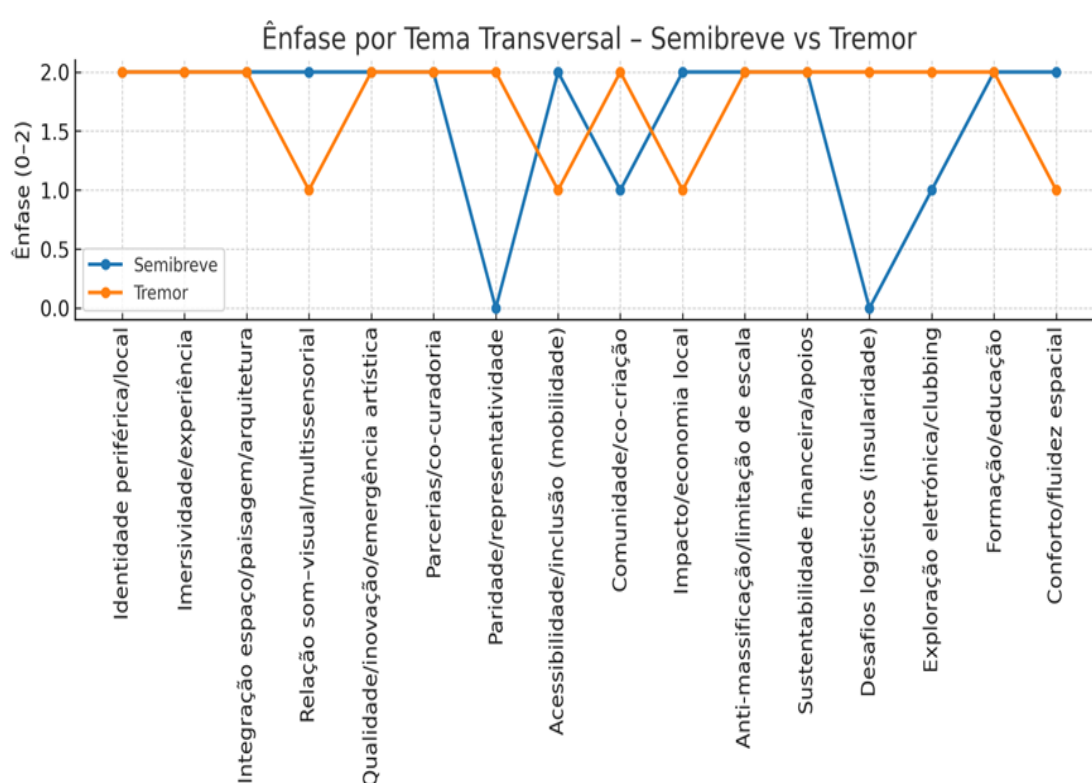


Gráfico 63 Comparação de ênfase por tema transversal (Festival Semibreve VS Festival Tremor)

Considerações finais

De acordo com os propósitos de um OC de monitorização de atividades culturais, utilizando indicadores e sistemas de dados; de análise do mercado cultural e, mais especificamente, de acordo com os propósitos do Ob.EMMA de elencagem de espaços e eventos de exibição e fruição nas áreas da ME e das MA, o trabalho desenvolvido divide-se em duas partes complementares. Uma no contexto de estágio no Ob.EMMA, de recolha e mapeamento de informação para o contributo da operacionalização da plataforma digital, e outra, no âmbito do programa de bolsas para mestrandos proporcionado pelo CITCEM, que usufrui da informação recolhida para a produção de conhecimento empírico, fazendo uso de CE. Este percurso gerou ainda outputs na esfera da produção científica, como as participações nas conferências Dancecult (Berlim 2025) e MusicLab (Madrid 2025).

Assim, apresentamos em síntese, as seguintes considerações no que concerne a exploração das interações entre estéticas visuais e sonoras e a compreensão das dinâmicas curatoriais e de público. No que diz respeito às interações entre estéticas, verifica-se que apesar de constataremos a eclosão de eventos focados nas MA, como o INDEX ou o PRISMA, a maioria dos eventos reflete uma crescente união e complementaridade entre as duas estéticas, independentemente de o foco ser na ME ou nas MA. Mesmo nos CE, não obstante, de o foco ser, cada vez mais, direcionado para a música, no Festival Semibreve, a MA como componente da performance musical cresceu na última edição e, no Festival Tremor, a MA que havia desaparecido na edição intermédia, reaparece em simbiose com a ME. O próprio público dos festivais utilizados como CE, nos inquéritos por questionário, deixam transparecer esta tendência. No Festival Semibreve a fusão entre a ME e as MA é a principal motivação para a comparência, e no Festival Tremor, apesar de não ser a razão primordial, surge nas respostas dadas, o desejo de uma maior presença das MA no festival.

Redirecionando o foco para o mercado cultural de eventos de ME e MA, a emergência de eventos “jovens” é palpável. O carácter centralista está presente na generalidade dos eventos mapeados, sendo as zonas Norte, Centro e da Área Metropolitana de Lisboa as preferidas para a realização dos eventos, e em termos de cidades, Lisboa e

Porto. Dos meses em que se realizam, depreende-se ainda uma intenção de diferenciação deste tipo de eventos em relação aos denominados “festivais de verão”.

Compilando a informação retirada dos CE e saindo do panorama nacional para uma perspectiva periférica, corrobora-se, através do número crescente de artistas contratados e de crescente afluência de público que, apesar destes festivais possuírem como estratégia a limitação de escala, a popularidade dos mesmos tem vindo a crescer.

Ambos os festivais descrevem as suas géneses e as suas identidades como locais e comunitárias, assumindo como missão a descentralização do acesso à cultura e a criação de experiências marcantes e únicas. Por um lado, beneficiam as comunidades locais ao promoverem o contacto com uma programação diversificada e de excelência (em alguns casos até gratuita) e por outro, ao abrirem espaço para a expressão criativa e para a aprendizagem das próprias populações. Exemplo disso são projetos de co-criação, *workshops* educacionais e/ou criativos, programas para a exibição de obras, e da inclusão na programação de artistas autóctones e de ideias de projetos sugeridos na íntegra pela população local. Por outro lado, oferecem aos seus públicos um modo original de usufruírem da oferta curatorial, ao integrarem os espaços de forma imersiva ou como parte integrante das próprias performances (com um esforço para a inclusão à acessibilidade aos mesmos), assim como, costumes e particularidades locais. Consequentemente, ao promoverem os territórios e impulsionarem as economias locais, têm uma maior visibilidade e oportunidade para a obtenção de subsídios e parcerias institucionais, entre outras. Estas formas de financiamento são absolutamente essenciais para a sustentabilidade financeira destes eventos que se deparam, não em raras ocasiões, com desafios estratégicos e logísticos.

Respetivamente ao público alvo, são direcionados para públicos que possuem uma abertura à experimentação em termos curatoriais entre outros e que sejam respeitadores das identidades e dos valores comunitários assim como dos espaços físicos. Pressupõem, então, a orientação para públicos “de nicho” que possuam certos graus de consciencialização e conhecimento. Apesar da amostra dos inquiridos por inquérito ser bastante limitada, indica estar em concordância, pois os públicos dos CE exercem profissões que demandam, no mínimo, formação superior, para além de aparentar possuírem um estilo de vida estável já que se encontram numa faixa etária

economicamente ativa e têm uma média de presença em mais de três edições dos festivais.

No âmbito das escolhas curatoriais observamos diligência da parte dos curadores para com a paridade e a inclusão. Exemplos são a crescente integração de artistas dos géneros feminino e não binário e o alargado escopo de idades dos artistas contratados. Também, o zelo pela inclusão de artistas nacionais na programação, levando em conta que o foco em performances únicas e inovadoras, revela uma postura curatorial que entende a criação nacional como parte legítima do estado da arte. O formato de apresentação dos artistas contratados aparenta ser um reflexo dos estilos próprios de cada festival e da oferta dentro desses mesmos estilos.

Se nos debruçarmos sobre as decisões dos artistas no domínio da presença online, torna-se perceptível o desuso de plataformas como o *Facebook*, o website próprio e a disponibilidade de um email de contacto, possivelmente devido à progressiva popularização do uso de outras plataformas, com diferentes e atualizadas funcionalidades, tais como o *Instagram*, *Bandcamp*, *Soundcloud* e *Youtube*. É plausível relacionar a dificuldade na obtenção das datas de nascimentos dos artistas com incremento no uso das plataformas acima mencionadas e das associadas funcionalidades.

Sumarizando, os Festivais Semibreve e Tremor configuram-se como espaços de inovação estética, coesão comunitária e sustentabilidade cultural, conciliando estratégias de valorização local territorial e cultural, inclusão social e de excelência artística.

Tais resultados reforçam a pertinência dos OC para a criação e sustentação de necessárias políticas culturais e estratégias que apoiem eventos de escala reduzida, diversificados, assegurando a sua continuidade e desenvolvimento. De igual modo, salienta-se a relevância do Ob.EMMA, um observatório singular no contexto nacional, pela sua significativa contribuição para o aprofundamento de conhecimento e produção científica no panorama das ME e MA em Portugal.

Referências Bibliográficas

- Alves, P. (2020). *O museu de tudo em qualquer parte: arte e cultura digital: interferir e curar*. Handle.net. <https://doi.org/9789899023253>
- Barré, R., Laville, F., Teixeira, N., & Zitt, M. (1995). L'Observatoire des sciences et des techniques: activités- définition - méthodologie. *Les sciences de l'information: bibliométrie, scientométrie, infométrie in Solaris*. Presses Universitaires de Rennes, 2.
- Batista, B., Rodrigues, D., Moreira, E., & Silva, F. (2021). Técnicas de recolha de dados em investigação: inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista. *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: Recolha de Dados*, 2(1), 13–21.
- Bendassolli, P. F., Wood Jr., T., Kirschbaum, C., & Cunha, M. P. (2009). Indústrias criativas: Definição, limites e possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 49(1), 10–67. <https://doi.org/10.1590/s0034-75902009000100003>
- Boix Domenech, R., De Miguel Molina, B., & Rausell Köster, P. (2021). The impact of cultural and creative industries on the wealth of countries, regions and municipalities. *European Planning Studies*, 30(9), 1777–1797. <https://doi.org/10.1080/09654313.2021.1909540>
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1999). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Chris C. (1993). Necessity and choice in musical forms. In *File under popular: Theoretical and critical writings on music* (pp. 33). Autonomedia.
- Correia, N., Castro, D., & Tanaka, A. (2015). The role of live visuals in audience understanding of electronic music performances. Madeira-ITI, U. Madeira, Funchal, Portugal; Goldsmiths, U. London, London, UK.
- Cox, C., & Warner, D. (2017). *Audio culture, revised edition*. Bloomsbury Publishing USA.
- Económicas, D.-D.-G. das A. (n.d.). *Indústrias culturais e criativas*. www.dgae.gov.pt. <https://www.dgae.gov.pt/servicos/politica-empresarial/setores-industriais/industrias-culturais-e-criativas.aspx>

- Emmerson, S. (Ed.). (1986). *The language of electroacoustic music*. Palgrave Macmillan.
- Espasa. (1995). *Dicionário enciclopédico Espasa*. Editorial Espasa Calpe.
- Estivill, J. (2007). *Panorama dos observatórios de luta contra a pobreza e a exclusão social – Contributos para o Observatório de Luta Contra a Pobreza na Cidade de Lisboa*. Rede Europeia Anti-pobreza (REAPN).
- Ferreira, A. (2010). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (5a ed.). Editora Positivo.
- Ginsburgh, V. A., & Throsby, D. (Eds.). (2006). *Handbook of the economics of art and culture* (Vol. 1). Elsevier.
- Guerra, P. (2015). Flying away: Electronic dance music, dance culture, psytrance, and new sounds in Portugal. In E. Simão, A. M. Silva, & S. T. Magalhães (Eds.), *Exploring psychedelic trance and electronic dance music in modern culture* (pp. 307–336). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-4666-8665-6>
- Guerra, P. (2017). Dance music, sons, reflexos e trânsitos: Retratos de uma cena no Norte de Portugal. In J. Teixeira Lopes, P. dos Santos Boia, L. Ferro, & P. Guerra (Eds.), *Género e música electrónica de dança. Experiências, percursos e ‘retratos’ de mulheres clubbers*.
- Guerra, P. (2019). Ceremonies of pleasure: An approach to immersive experiences at summer festivals. In E. Simão & C. Soares (Eds.), *Trends, experiences, and perspectives in immersive multimedia and augmented reality* (pp. 122–146). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-5225-5696-1.ch006>
- Gusmão, M. R. (2006). Observatório apoia a adoção de tecnologias de gestão. *Informe* 26: 175.
- Hill, M. M. (2014). Desenho de questionário e análise dos dados - alguns contributos. In *Metodologia de investigação em ciências sociais da educação*. Edições Húmus.
- Holmes, T. (2020). *Electronic and experimental music: Technology, music, and culture* (6th ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429425585>
- Hugill, A. (2007). The origins of electronic music. <https://doi.org/10.1017/CCOL9780521868617.003>

Husillos, J. (2006). Círculo para la calidad de los servicios públicos de l'Hospitalet. In *Anais do IV Seminario Inmigración y Europa da Fundación CIDOB*, Barcelona.

Johnson, R. B., & Onwuegbuzie, A. J. (2004). Mixed methods research: A research paradigm whose time has come. *Educational Researcher*, 33, 14–26.

Köptcke, L. (2007). O Observatório de Museus e Centros Culturais: Uma agenda de pesquisa para a democracia cultural. Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). <http://www.fiocruz.br/omcc/media/artigoUNIRIO.pdf>

Macêdo, D., & de Melo Maricato, J. (2022). Observatórios de CT&I: Conceitos, serviços, indicadores e fontes de informação. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, 50, 36–60.

Manning, P. (2004). *Electronic and computer music* (Rev. & expanded ed.). Oxford University Press.

Marcos, A. F. (2017). Artefacto computacional: Elemento central na prática artística em arte e cultura digital. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 4(1), 129–147.

Neure, C., & Claudio-González, M. (2012). Cultural observatories and the transfer of scientific knowledge. *Cultural Policy Update*, 2, 5–11.

NIMK. (2015). What is media art? *Netherlands Media Art Institute*. <http://nimk.nl/eng/search/what-is-media-art>

OECD. (2018). *Education at a glance 2018: OECD indicators*. Org. for Economic Cooperation & Development.

OPAC. (2018). OPAC. <https://opac.cies.iscte-iul.pt/>

Paranhos, R., Figueiredo Filho, D. B., Rocha, E. C. D., Silva Júnior, J. A. D., & Freitas, D. (2016). Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, 18, 384–411. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004221>

Patiño, F., & Peláez, M. L. (2006). Índice anotado para el documento conceptual de los observatórios de la Secretaría de Gobierno del Distrito. *Um-Habitat*, Bogotá, DC.

Phélan C., M. (2007). La Red Observatorios Locales de Barcelona, España: Un estudio de casos para diseñar uma propuesta nacional. *Revista Venezolana de Sociología y Antropología*, 17(48), 96–122.

Plebańczyk, K. (2014). The idea of culture observatories. *Academiae Artium Vilnensis*, 72.

Pinto, M. M., Martins, T. C., & Malheiro da Silva, A. (2020). Um observatório das indústrias criativas em Portugal: O OBCREI.PT. <https://creialab.citcem.letras.up.pt/obcrei/>

Puckette, M. (2007). *The theory and technique of electronic music*. World Scientific Publishing Company.

Rad Camayd, Y., & Espinoza Freire, E. E. (2020). Estratégias metodológica de investigação nas ciências sociais. *Conrado*, 16(77), 65–73. http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1990-86442020000600065

Resende, R. (2016). Técnica de investigação qualitativa: ETCI. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, 2(1), 50–57.

Roads, C. (1996). *The computer music tutorial*. MIT Press.

Rodriguez Cruz, Y., & Galán Domínguez, E. (2007). La inteligencia organizacional: Necesario enfoque de gestión de información y del conocimiento. *Ciência da Informação*, 36(3), 51–58. <https://doi.org/10.1590/s0100-19652007000300006>

Sakata, M., Silva, A. M. da, Riccio, E., & Capobianco, M. L. (2013). Construção do Observatório USP CONTECSI: Análise da dinâmica científica e impacto nacional e internacional de um congresso acadêmico. *PRISMA.COM*, 20.

Silva, A., Netto, M., Filho, E., & Selig, P. M. (2013). Observatórios de informação e conhecimento: Discutindo bases conceituais e perspectivas de efetividade. *IX Congresso Nacional de Excelência em Gestão*, Rio de Janeiro, RJ.

Silva, A. W. (2014). *Governança de sistemas de indicadores de sustentabilidade em processos de avaliação ambiental estratégica sob mediação da gestão do conhecimento* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].

Simão, E., Malheiro da Silva, A., & Tenreiro de Magalhães, S. (2019). *Exploring psychedelic trance and electronic dance music in modern culture*. Portuguese Catholic University; University of Porto.

Simoni, M. (2017). The analysis of electronic music. In N. Collins & J. d'Esquivan (Eds.), *The Cambridge companion to electronic music* (pp. 274–298). Cambridge University Press.

Soares, C., Simão, E., & Santos, N. (2021). Ob.EMMA: A pioneer observatory of electronic music and media art in Portugal. *10th International Conference on Digital and Interactive Arts*, 1–7. <https://doi.org/10.1145/3483529.3483687>

Soares, L. C., Ferneda, E., & Prado, H. A. do. (2018). Observatórios: Um levantamento do estado do conhecimento. *Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends*, 12(3), 86–110.

Soreanu, C. (2021). New media art: Aligning artistic creativity and technological media. *Review of Artistic Education*, 206–216. <https://doi.org/10.2478/rae-2021-0026>

Soy, A., & Ursa, Y. (1991). Propuesta para el establecimiento de un observatório económico-social en Terrassa. *Centro de Estudios de Planificación (CEP)*, Barcelona.

Testa, P. (2002). Indicadores científicos y tecnológicos en Venezuela: De las encuestas de potencial observatorio de Ciencia, Tecnología e Innovación. *Cuadernos del Cendes*, 51, 43–64.

Trzeciak, D. (2009). *Modelo de observatório tecnológico para arranjos produtivos locais: Proposta para o APLTIC-SC* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].

UNESCO. (2009). *Framework for cultural statistics*. UNESCO.

UN Environment. (2000, January 13). *UNEP annual evaluation report 1999*. <https://www.unep.org/resources/synthesis-reports/unep-annual-evaluation-report-1999>

Anexos:

Anexo 1

Links para Sheets de mapeamento

"mapeamento de eventos regulares ME & MA"

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1cABe7idUkjeXYmdsmQJ05xs8ZQkaR7ly2xe2GOJy4SU/edit?usp=sharing>

"estudos de caso mapeamento"

[https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MzEjBDyWmEgbYe8m33Rtr6F7BD -
pxcqVGE4lsy9ErA/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MzEjBDyWmEgbYe8m33Rtr6F7BD-pxcqVGE4lsy9ErA/edit?usp=sharing)

"Inqueritos Semibreve 2024(Respostas)"

[https://docs.google.com/spreadsheets/d/1V6D9tTkLWBsOHgK4EPTVIdRCUO3--
6a6YQTTEgsWrtA/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1V6D9tTkLWBsOHgK4EPTVIdRCUO3--6a6YQTTEgsWrtA/edit?usp=sharing)

" Inquéritos Tremor 2025 (Respostas)"

[https://docs.google.com/spreadsheets/d/19PVTh1fa5tbkBBdaFqPEy8Rx8yV4VCN6x08
1HF6KsTY/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/19PVTh1fa5tbkBBdaFqPEy8Rx8yV4VCN6x081HF6KsTY/edit?usp=sharing)

Anexo 2

Mapeamento das 3 edições do Festival Semibreve

Primeira edição (2011)

- Número de artistas participantes: 13
- Género
 - masculino:13
 - feminino: 0
 - não binário: 0
- Ind/Col
 - individuais:11
 - coletivo: 2
 - não encontrado: 0
- Nacionalidade:
 - nacionais: 4
 - internacionais: 9
 - não encontrado:0
 - nacionalidades presentes:
 - Portugal: 4
 - Alemanha:3
 - Áustria: 2
 - USA :2
 - México :1
 - Europeia não definida :1
- Data de nascimento:
 - encontrada: 12
 - não encontrada :1
 - escopo data de nascimento: 1970-2006 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista)
- Tipologia:

- música:7
- *media* arte: 4
- mista :2
- não encontrada:0
- Presença online:
 - email: 7
 - website: 8
 - Facebook:8
 - Instagram: 10
 - Bandcamp: 5
 - Soundcloud: 4
 - Youtube: 3
- Biografia:
 - encontrada: 13
 - não encontrada: 0

Edição intermédia (2017)

- Número de artistas participantes: 15
- Género
 - masculino:10
 - feminino: 4
 - não binário: 1
- Ind/Col
 - individuais:13
 - coletivo: 2
 - não encontrado:0
- Nacionalidade:
 - nacionais: 2
 - internacionais: 13
 - não encontrado:0

- nacionalidades presentes:
 - Portugal: 2
 - Alemanha: 2
 - USA : 3
 - Noruega: 1
 - Nova Zelândia : 1
 - Japão: 1
 - Austrália: 1
 - Líbano: 1
 - Islândia: 1
 - Israel: 1
- Data de nascimento:
 - encontrada: 11
 - não encontrada : 4
 - escopo data de nascimento: 1937-2015 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista)
- Tipologia:
 - música: 14
 - *media* arte: 0
 - mista : 1
 - não encontrada: 0
- Presença online:
 - email: 2
 - website: 7
 - Facebook: 9
 - Instagram: 12
 - Bandcamp: 8
 - Soundcloud: 11
 - Youtube: 3
- Biografia:

- encontrada: 15
- não encontrada: 0

Última edição (2024)

- Número de artistas participantes: 29
- Género
 - masculino:12
 - feminino: 15
 - não binário: 2
- Ind/Col
 - individuais:28
 - coletivo: 1
 - não encontrado:0
- Nacionalidade:
 - nacionais: 7
 - internacionais: 21
 - não encontrado: 1
 - nacionalidades presentes:
 - Portugal: 7
 - Alemanha:2
 - USA :5
 - UK:3
 - Polónia:1
 - Itália:1
 - Suécia:1
 - Espanha:1
 - Noruega: 1
 - Canadá-Irão:2
 - Irlanda:1
 - Itália-Austrália:1

- Canadá:1
 - Brasil:1
- Data de nascimento:
 - encontrada: 12
 - não encontrada :17
 - escopo data de nascimento: 1962-2017 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista)
- Tipologia:
 - música:13
 - *media* arte: 0
 - mista :16
 - não encontrada:0
- Presença online:
 - email: 2
 - website: 8
 - Facebook:7
 - Instagram: 19
 - Bandcamp: 16
 - Soundcloud: 17
 - Youtube: 12
- Biografia:
 - encontrada: 26
 - não encontrada: 3

Anexo 3

Mapeamento do Festival Tremor

Primeira edição (2014)

- Número de artistas participantes: 14
- Género
 - masculino:11
 - feminino: 3
 - não binário: 0
 - misto:0
 - não encontrado:0
- Ind/Col:
 - Individuais:8
 - Coletivo: 6
 - não encontrado: 0
- Nacionalidade:
 - nacionais: 13
 - internacionais: 1
 - não encontrado:0
 - nacionalidades presentes:
 - Portugal: 13
 - Argentina:1
- Data de nascimento:
 - encontrada: 8
 - não encontrada :6
 - escopo data de nascimento: 1979-2014 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista)
- Tipologia:
 - música :1
 - música eletrónica: 2

- música não eletrónica:10
- *media* arte: 1
- mista :0
- não encontrada:0
- Presença online:
 - email: 2
 - website: 4
 - Facebook:11
 - Instagram: 11
 - Bandcamp: 7
 - Soundcloud: 4
 - Youtube: 4
- Biografia:
 - encontrada: 12
 - não encontrada: 2

Edição Intermédia (2022)

- Número de artistas participantes: 31
- Género
 - masculino:17
 - feminino: 8
 - não binário: 1
 - misto:2
 - não encontrado:3
- Ind/Col:
 - individuais:15
 - coletivo: 13
 - não encontrado:3
- Nacionalidade:

- nacionais: 9
- internacionais: 17
- não encontrado:5
- nacionalidades presentes:
 - Portugal: 9
 - USA:2
 - Suíça:1
 - Brasil:5
 - Marrocos:1
 - Holanda/Canadá:1
 - França:1
 - Síria:1
 - Espanha:1
 - UK:1
 - Uganda:1
 - Holanda:1
 - Tanzânia: 1
- Data de nascimento:
 - encontrada: 12
 - não encontrada :19
 - escopo data de nascimento: 1976-2020 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista)
- Tipologia:
 - música :0
 - música eletrônica: 19
 - música não eletrônica:8
 - *media* arte: 0
 - mista :0
 - não encontrada:4
- Presença online:

- email: 7
- website: 8
- Facebook:20
- Instagram: 28
- Bandcamp: 21
- Soundcloud: 24
- Youtube: 22
- Biografia:
 - encontrada: 26
 - não encontrada: 5

Última edição (2025)

- Número de artistas participantes: 49
- Género
 - masculino:21
 - feminino: 13
 - não binário: 4
 - misto:11
 - não encontrado:0
- Individuais:29
- Coletivo: 20
- Nacionalidade:
 - nacionais: 22
 - internacionais: 27
 - não encontrado:0
 - nacionalidades presentes:
 - Portugal: 22
 - Alemanha:3
 - Ucrânia:1
 - Marrocos:1

- Argentina:1
- Dinamarca:1
- UK:2
- Brasil: 2
- Turquia: 1
- USA:5
- Cabo Verde:1
- Suécia:1
- Congo:1
- São Tomé:1
- Kenya:1
- Espanha:2
- França:2
- Bélgica:1
- Data de nascimento:
 - encontrada: 12
 - não encontrada :37
 - escopo data de nascimento: 1979-2023 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista)
- Tipologia:
 - música :13
 - música eletrónica: 25
 - música não eletrónica:10
 - *media* arte: 0
 - mista :1
 - não encontrada:0
- Presença online:
 - email: 1
 - website: 6
 - Facebook:20

- Instagram: 39
 - Bandcamp: 32
 - Soundcloud: 25
 - Youtube: 31
- Biografia:
 - encontrada: 49
 - não encontrada: 0

Anexo 4

Inquéritos por questionário- Festival Semibreve

- Idade?
 - 23: 1
 - 24: 1
 - 25: 1
 - 26: 3
 - 27: 1
 - 29: 1
 - 30: 2
 - 31: 1
 - 32: 2
 - 35 :1
 - 36: 1
 - 38: 1
 - 39: 1
 - 40: 2
 - 42: 2
 - 43: 3
 - 45: 1
 - 52: 2
 - 62: 1
 - não fornecida: 1
- Profissão?
 - artista visual: 2
 - videógrafa: 2
 - designer: 1
 - designer gráfica: 1
 - designer de comunicação: 1

- designer gráfico: 1
- músico: 1
- artista: 1
- pirata: 1
- cozinheiro: 1
- gerente de restauração: 1
- farmacêutica: 1
- fotógrafa: 1
- trolha: 1
- turismo: 1
- gestora de marketing: 1
- gestora de operações de uma agência de formação online: 1
- desempregado: 1
- não trabalho: 1
- empregada de mesa: 1
- restaurador de materiais: 1
- jornalista: 1
- marketing: 1
- técnico de som: 1
- trabalhador da cultura: 1
- lojista: 1
- formador: 1
- De onde vem?
 - Portugal :21
 - Braga: 7
 - Porto: 5
 - Póvoa do Varzim: 1
 - Guimarães: 1
 - Minho: 1

- Lisboa: 1
 - Torres Vedras: 1
 - Caldas da Rainha: 1
 - Almada: 1
 - Coimbra: 1
 - Barcelos: 1
- Espanha: 3
 - Mallorca: 2
 - Salamanca: 1
- Alemanha: 1
- Ucrânia: 1
- Polónia: 1
- Lituânia: 1
- É o seu primeiro Semibreve?
 - sim: 9
 - não: 20
- (Senão) a quantos já veio?
 - 2: 6
 - 3: 7
 - 4: 3
 - 7: 1
 - 8: 2
 - 9: 1
 - 11: 1
- Vem pela componente musical, pela componente das *media* artes?
 - musical: 12
 - *media* arte: 2
 - ambas :15

- (no caso de não ser o primeiro) ao longo dos semibreves a que veio, vê uma maior aposta, a nível de programação, na música ou nas *media* artes ou nas *talks/workshops*?
 - música e *media* arte :1
 - música: 6
 - *media* arte: 1
 - equilíbrio interessante entre as 3 vertentes :1
 - sinto que a estrutura da programação se mantém idêntica em termos de distribuição de conteúdos :1
 - Não vejo um crescimento notório em termos de programação em qualquer das áreas, confesso :1
 - Talvez na música e *talks/workshops*. Penso que nesta última edição fez falta mais componente visual nos espetáculos do TC: 1
 - Sim :1
 - Maior aposta, mas este último ano foi mais fraco ao nível da qualidade dos concertos :1

Anexo 5

Inquéritos por questionário- Festival Tremor

- Idade?
 - 26: 1
 - 28: 2
 - 30: 1
 - 32: 1
 - 33: 1
 - 36: 1
 - 37: 1
 - 39: 1
 - 40: 2
 - 41: 1
 - 42: 1
 - 44: 1
 - 46: 1
 - 48: 2
 - 50: 1
 - 54: 1
 - 56: 1
 - 60: 1
- Profissão?
 - Arquiteto: 4
 - Designer: 3
 - Trabalhador independente: 1
 - *Senior sales associate* : 1
 - Empresária: 1
 - Agricultor: 1
 - Naturalista: 1

- Terapeuta Ocupacional: 1
- Museóloga: 1
- Precário Profissional: 1
- Professor: 1
- Técnico audiovisual: 1
- Gestão de Frota: 1
- Curadora: 1
- *Comms Manager*: 1
- Carpinteiro em conservação e restauro: 1
- Cidade/País?
 - Portugal: 21
 - Lisboa: 4
 - Porto: 5
 - Barcelos: 1
 - Ovar: 1
 - Porto Formoso: 1
 - Tavira: 1
 - Bragança: 1
 - sem cidade específica: 7
- Género com que te identificas?
 - M: 12
 - F: 12
 - Outro: 1
 - Não quero responder: 1
- É o teu primeiro Tremor?
 - sim: 8
 - não: 13
- Senão a quantos já vieste?
 - 1: 1

- 2: 2
- 3: 4
- 4: 2
- 5: 1
- 7: 1
- 12: 1
- O que te traz ao Tremor?
 - música? :21
 - residências artísticas? :2
 - o contacto com a Natureza?: 16
 - outras experiências? : 9
- Se seleccionaste outras experiências, quais?
 - Visitar e fazer mais amigos na ilha, comer queijo, ananás, atum, lapas e beber abelheira.
 - Inesperadas
 - Amigos
 - Convívio
 - Convívio com amigos
 - Vivência de festival que envolve toda a ilha e proporciona concertos em sítios idílicos.
 - Conhecer São Miguel
 - Conhecer pessoas e a ilha de São Miguel num contexto de música e partilha de experiências
 - Visitar amigos/Surf
 - Amizade, Gastronomia
 - Conhecer locais
- Relativamente à componente musical, neste festival, o que te atrai mais?
 - eletrónica no contexto *clubbing*?: 6
 - eletrónica no contexto experimental?: 11

- bandas?: 13
- outros?: 2
- Se seleccionaste "outros" relativamente à componente musical, quais?
 - Som de vanguarda
- No caso de não ser o teu 1o Tremor, como vês, ao nível de programação longo dos anos, a inclusão da música eletrónica?
 - mais presente?: 7
 - menos presente? :4
 - igual?: 10
- Como vês a presença das *media* artes (artes visuais digitais e cinema) neste festival? Porquê?
 - Vejo como um complemento necessário porque melhora a experiência.
 - Ainda não explorei residências artísticas porque o meu foco é maioritariamente musical. Mas um festival que tem como foco mostrar novos artistas, deve investir nas artes digitais e cinema na mesma medida.
 - Podem ser um ponto complementar a identidade existente
 - Bem
 - Mais presente
 - boa ideia
 - Não foi possível participar durante a semana. Por isso do foi a música no f de s.
 - Pouco presente
 - Pouco expressiva. Poderia ser mais heterogénea e com presença mais óbvia na programação geral do festival.

- Não vi eventos específicos (desconheço se os houve). Mas a componente visual está super presente na imagem do festival, nos concertos, etc.
- Muito boa
- Gostei muito da zona de *Chill Out* mas não me apercebi de mais nada, desculpem
- Honestamente, creio não ter tido conhecimento de cinema no festival, talvez por falha minha. Também não participei nas exposições de arte do festival, apenas visitei o centro de artes Arquipélago. Contudo, o contacto que tive com as artes visuais digitais foi através dos concertos, que julgo ser um complemento importantíssimo para a música, melhorando a experiência artística.
- Este ano só vi concertos. Ah, e noise, que não sei se é música ou performance ou tortura. Mas via bem a inclusão de artes visuais...
- Quase inexistentes ou relevantes.
- Essencial
- Não tenho grande informação nem pesquisa sobre a programação na área
- Presença pouco significativa.
- Not as present as in other editions. But quality over quantity.
- Acho que nas portas do mar há mais elementos visuais - vídeo atrás dos artistas- para ser mais concreta - provavelmente porque os outros espaços estão mais limitados. A parte das luzes é para mim a que mais se destaca. Faz com que cada concerto se torne “num momento”, numa experiência mais imersiva em que conseguimos remover distrações e que a nossa atenção passe toda ela para a performance. o vídeo final do resumo do festival está lindo. Capta bem a essência do que o tremor tem para oferecer. Website está também bem conseguido.

- Acho que poderiam enveredar por esses meios

Anexo 6

Transcrição da entrevista a Rafael Machado, Festival Semibreve

9/01/2025

Pronto. Então, ia só pedir, só para ter alguns dados sociográficos, qual é a sua idade, profissão e local de origem, por favor.

Então, sou de Braga, tenho 53 e trabalho na área da música e também do turismo.

Obrigada. Pronto, então a primeira pergunta é de onde surgiu a ideia, a necessidade de realizar um evento como o Semibreve?

O Semi-Breve surge de uma brincadeira entre amigos, de uma ideia antiga do Miguel Pedro, que ali em 2010, 2011, de repente percebemos que havia a oportunidade de a realizar. Na altura, em Portugal, não havia, acho eu, nenhum festival nesta área da exploração sonora e da arte digital e, portanto, quisemos fazer isso.

Nenhum de nós nem é hoje organizador profissional de eventos, do que quer que seja. E, portanto, éramos músicos. Depois convidámos o Luís para se juntar e o Tiago Sequeira,

que é o único não músico deste grupo e foi um bocado isso, vamos fazer uma coisa que ainda não existe. E especialmente em Braga, hoje em dia há muitas coisas, mas na altura não havia nada, não havia generation com música, não havia nada. E a oportunidade também teve a ver com o facto de Braga em 2012 ser capital europeia da juventude e, portanto, aliás, o primeiro apoio que existe ao Semibreve, tem a ver com esse facto.

E foi daí que surgiu o festival.

Então, como é que o festival tem evoluído ao longo dos anos, de forma geral?

É assim, quando nós começamos era suposto que ter durado um ano ou dois. E era um part-time total, era uma coisa muito residual nas nossas vidas. Acontece que o festival tem corrido bem e agora já estamos com uma dedicação quase permanente, quando acaba um festival já começa outro. Artisticamente achamos que tem evoluído bem, obviamente que há anos que são melhores do que outros, às vezes está-se à espera de

uma coisa e acontece outra, mas um dos indicadores que temos de que a evolução do festival é boa é que, por exemplo, neste momento em que falamos, nós só anunciamos datas e temos 25% dos espaços gerais, que são os que disponibilizamos com um preço especial, já estão esgotados.

Depois temos, artisticamente, quando desafiamos os artistas para projetos especiais, eles aceitam, normalmente, o que significa que nos têm em boa consideração. Isso é interessante. Temos 35% do público estrangeiro, obviamente com a Galiza aqui. E o que eu acho que é um dos indicadores mais interessantes da credibilidade que temos conseguido, modéstia à parte, é que neste momento estamos em duas redes europeias, onde estão os principais festivais da Europa desta área. Estamos a falar de trabalhar com festivais como o Sonar de Barcelona, como o Atonal em Berlim, como o Leguessu dos Países Baixos.

Pronto, é muita gente. Agora era chato estar aqui a dizer que... Mas pronto, são coisas muito maiores que nós. Nós somos uma coisa pequenina. Somos um festival pequenino e vamos manter-nos sempre pequeninos. Isso é outra das coisas que tem acontecido, é que nós não quisemos crescer, não me interessa minimamente ter um sítio com 4 mil pessoas, acho isso, pelo menos enquanto eu estiver ligado ao festival, é muito, muito, muito pouco provável que aconteça, mas gostamos de cuidar muitos pormenores, isso é uma das grandes evoluções.

Ok, pronto, esta já cortou se calhar alguma pergunta que eu tinha, mas já vamos mais para a frente. Então, o que é que diferencia o Semibreve dos outros festivais? Ou seja, como é que o Semibreve se posiciona dentro da cena cultural e musical em Portugal e internacionalmente?

Primeiro pela área, certo? Quando nós começámos não havia ninguém em Portugal a fazer isso. Já tinha havido várias, mas não havia ninguém não. Por exemplo, Lisboa sola (?) está a andar em estas áreas. Mas tinha havido em Braga, o BRG, se não me engano, já tinha existido, tinha havido também mais a sul, mas na altura não havia, quando nós fizemos o...

Depois distinguimos, pronunciamos, nem em Lisboa, nem em Porto. Uma das grandes coisas é que aparece um festival que não é em Lisboa e Porto e está numa área de

nicho. Depois eu acho que há uma coisa que poderá eventualmente distinguir um bocadito, que é como são músicos que organizam. Nós olhamos muito para o festival na perspetiva do músico. E, portanto, o acolhimento que fazemos aos artistas é na perspetiva do músico. O que é que um músico gosta quando vai a um festival? Gosta disto, gosta daquilo, gosta daquilo. São três ou quatro coisas básicas.

E depois é um bocado, e o que vamos lendo mesmo da imprensa e das pessoas, não temos muita coisa a acontecer pode-se tranquilamente ir ver todo o programa também isso é bom, não há stress como dizia o Rodelius é um unagitated festival depois tem o facto de Braga ter muito património permite fazer as coisas em sítios bonitos, cuidados, com boas condições técnicas e de conforto para o público e de acessibilidade. Todos os sítios têm condições de acessibilidade para pessoas com necessidades especiais de mobilidade. E também eu acho que tem corrido bem a parte da comunicação, nomeadamente todo o design do festival é muito cuidado, tivemos a sorte do André Covas ter criado uma primeira linha do design com o logotipo, nomeadamente, ter sido feliz. Por isso que eu digo que quando se fala de diretor artístico, isto é toda a direção artística do festival, é este conjunto de coisas. Por exemplo, são coisas que o público não vê, mas os artistas são convidados a estar cá durante todo o festival, jantam todos juntos, estão no mesmo hotel todos juntos, encontram-se, conhecem-se, partilham, há projetos que saem daqui e a direção artística do festival e o que o pode distinguir é este conjunto de coisas, não é só o nome dos artistas que se vê em palco, ou que se vê na capela, ou que se vê no Bom Jesus. É isto tudo. Em sítios bonitos, confortáveis, as pessoas que chegam a Braga vêm de avião, não têm que pegar no carro para nada. Mesmo que quando há o concerto do Bom Jesus nós temos autocarros para levar as pessoas para lá. Pronto, e é isto. Isto é que faz o festival, não é só o nome dos artistas.

Obrigada. E qual é o público-alvo de Semibreve?

É quem quiser vir. Quem é o público-alvo de Semibreve? Obviamente, primeiro são pessoas de Braga, depois são os... Pois, isto não é uma hierarquia, mas são os bracarenses, os da região, os portugueses e depois temos, como eu dizia, já temos 35% de gente que vem do estrangeiro. e aqui é quem tem algum interesse pelo que é a possibilidade da inovação na exploração sonora.

Portanto, quem está disponível para ouvir coisas mais convencionais e coisas menos convencionais. É, no fundo, quem tem uma abertura para o que são as possibilidades de exploração do som, para fazer música, não canções obrigatoriamente, mas música. Portanto, esse é o público que para nós é o público-alvo.

É um público mais especializado, mais...

Se calhar mais maduro, eventualmente, em algumas áreas, mas acima de tudo, eu acho, sim, obviamente não é um festival de massas, nunca vai ser.

Mas é um público, sim, mais especializado. Eu não gosto muito a ideia de especializado, porque parece que tem que ser especial, tem que ter um conhecimento especial de música para ir ao semibreve.

Não, não é isso. É mais a disponibilidade, é mais a questão de estar disponível para ouvir um concerto como este ano tivemos com um pianista muito simples a tocar na capela e depois estar a ver uma coisa completamente inovadora que foi acontecer no Teatro Circo com uma abordagem aos visuais muito perfeita pela Rebeca, muito inovadora e voltar à espera e depois acabar num sítio super formal, como é a Igreja dos Congregados, com um músico muito experimental e um coro de câmara da Universidade de Minho. É esta disponibilidade que nos interessa, que as pessoas estejam abertas a receber. Quem vem aqui à espera de, ai, se é o coro, vai ter que ser música sacra, está no festival errado.

Existe algum conceito ou alguma mensagem central que procuramos transmitir em cada edição? Ou há sempre uma mensagem, o conceito é sempre o mesmo em todas as edições?

Não temos conceito. Eu nunca me vi muito como mensageiro do que quer que seja, de trazer uma moral, trazer um alerta.

Não é essa a função, não temos esse tema. Obviamente que temos temas que nos preocupam e que entram na programação. Por exemplo, o ano passado, na última edição, começámos uma parceria com uma empresa de biotecnologia ligada à produção de plantas e de árvores. Uma empresa daqui e que tem essa área. E esta empresa, agora temos uma parceria, até havia no merchandising, podia-se comprar

árvores que não são geneticamente modificadas, mas são processos interessantes do ponto de vista da sustentabilidade do planeta. E também não foi por acaso que tivemos cá a Margarida Mendes com uma palestra de investigação sobre como o som pode ajudar a estudar a biodiversidade no planeta. Mas é um tema que achamos que faz sentido hoje em dia trabalhar no festival. E o que fazemos é como é que o som pode contribuir para isto, para a questão da biodiversidade. Como é que um festival pode fazer isso. É essa a ideia. Não temos aqui, agora neste festival,

vamos mostrar que o planeta está em risco. Quem vive no planeta e não sabe que ele está em risco, ainda muito distraído. Agora, explorar essas questões aqui, sim, faz sentido. E temos, obviamente, que temos as questões da igualdade de género, não é tanto só da igualdade de género, da questão da igualdade de acesso, não é por acaso que tivemos cá artistas iranianos, artistas libaneses, mas também tivemos artistas israelitas na edição anterior e, portanto, essa diversidade, mas olhar ao mundo, e se calhar o programa deve refletir um bocadinho o que se passa em algumas questões do mundo, faz parte, mas não há um, não sei, agora vamos fazer um festival e ele vai ter que ser sobre isto. Não, isso não existe. O critério é sempre a qualidade artística.

Pronto, então a seguir, e se calhar vou fazer algumas perguntas que se calhar vão fazer um overlap, mas pronto, para começar, como é que é desenhada a experiência para que o público se sinta imerso no festival?

Falamos um bocadinho sobre isso, mas... sim, pronto, uma das questões é que seja confortável a mobilidade, a deslocação entre espaços. Portanto, horários que permitem ter tempo. Depois, isso é uma questão importante na escolha, a coisa que temos mais excecional é o Bom Jesus. Depois, temos diversidade de propostas.

Portanto, temos workshops, temos conversas, temos concertos. Também, portanto, durante estes dias temos instalações que as pessoas podem visitar, temos o prémio com a EDIGMA, temos um conjunto de coisas que durante aqueles três dias e uma noite, começa quinta-feira e acaba domingo, as pessoas podem estar. Depois asseguramos que haja o maior acesso possível aos sítios, nós temos cerca de 800 bilhetes vendidos no Teatro Circo e é difícil depois ter isso cá fora, mas quem compra o Paço Geral tem acesso a todos os espaços. Isso também é uma questão importante.

Depois a escolha dos sítios é muito importante para nós que haja muito critério nisso, faz parte. E depois é um preço muito acessível também. O festival é barato. O mais caro é 55 euros, é um festival barato. Hoje em dia vou ver um concerto e pago 20 euros, portanto, ver 17 aqui é por 55, é baratinho. E, pronto, é um bocado isso, pois também é ver sempre sítios em que se pode ver os concertos, mas depois pode estar com as outras pessoas do festival. E acho que é essa combinação que torna o festival confortável. Acho que as pessoas se sentem bem quando estão em Braga.

Pronto, e agora vamos voltar um bocadinho para a programação. Em que critérios é que se baseiam para a curadoria dos artistas que convidam?

Na qualidade. Essa é a primeira e está acima de toda e qualquer. Normalmente, obviamente tem a ver com... Nós temos várias questões, que é, por exemplo, neste momento, de facto, estarmos nas redes internacionais leva a que tenhamos cocriações com outros festivais da Europa. Foi o que aconteceu ano passado, aqui tivemos cá três projetos que eram parcerias com outros festivais ou instituições da Europa. E, portanto, neste momento, temos projetos de cocriação e de cocuradoria com outros festivais. Isso, para lá da qualidade artística, é um critério. Depois, pensamos também na... isto não é posto ao acaso. O que vai para cada sítio, para cada dia. Há aqui uma... quem olha para o festival, começa com uma coisa muito particular no Bom Jesus, que tem que ser, normalmente, um artista só, duas pessoas no máximo, e que o som tem que estar muito ligado ao edifício.

A questão da imersividade, por exemplo, é pensada em cada sítio. Depois, temos uma programação, passa para aqui, para o Teatro Circo, e também para o Generation, em que há critérios. O Teatro Circo, de certa forma, acaba por ser mais flexível, porque posso ter diferentes projetos lá, de diferentes tipos, e, portanto, tentamos que em cada um dos dias haja alguma diversidade. Depois temos o clubbing, na sexta e no sábado no Generation, que é um clubbing, mas que vai explorar projetos mais específicos nessa área da dança.

Por exemplo, o ano passado tivemos pela primeira vez duas salas simultâneas no Generation, o que nos permitiu ter uns mais próximos do que é o conceito. Música de dança e outros, uma música de dança, digamos, mais experimental. Pronto, e é um

bocadinho esse o trabalho de programação que há. É ter diversidade, dentro, obviamente, de uma linha estética que é a nossa, tem alguma abrangência, mas a qualidade artística, a novidade, também uma questão importante é essa, que é, nós apostamos em alguns nomes consagrados, mas também há muita novidade, há nomes emergentes no Semibreve, pessoas que estiveram aqui, quase que ninguém os conhecia, passados às vezes dois, três anos, quatro anos, estão aí com muito sucesso, a encher salas de milhares de pessoas. Nós já tivemos artistas que pagámos mil euros e artistas que passados uns anos que pagámos cinco, seis mil euros. O mesmo artista, com um espetáculo diferente pronto, isso faz parte, é tudo a vida da programação é essa.

E o Semibreve é conhecido pela relação entre a música e a media art, como é que isso se reflete na programação? como é que isso se reflete na programação?

Ora bem, há um trabalho que eu falei sobre isso que é, por exemplo, a questão da parceria que temos com a Edigma temos um prémio que é para essa área da arte digital que tem tido várias edições e, por exemplo, o ano passado foi difícil em escolher porque tinha muita qualidade. Isso é, sim, neste momento a principal coisa. Depois temos feito um trabalho com as universidades portuguesas, em convidar-nos, as universidades que têm cursos nesta área, a apresentarem propostas e selecionamos, normalmente, quatro trabalhos, que depois são expostos no Generation e é engraçado, por exemplo ouvirmos, já ouvimos casos de alunos que vieram aqui e depois nos disseram ah, porque eu fui selecionado, o meu pai acreditou que isto pode ser a minha vida, então agora temos muito apoio, já ouvimos isto, temos casos muito curiosos e depois nos concertos obviamente, quando criaram o Index, que foca, especialmente na arte digital, no Semibreve nós entendemos que, bem, se há um que está tão focado naquela área, se calhar não faz tanto sentido nós também nos focarmos nessa mesma área. Nós saímos um bocadinho desta área, mas mantemos o é a Edigma, mantemos os alunos. E depois, e tivemos esta conversa ainda há pouco tempo, agora na preparação da edição 25, que é o que trazemos de parte visual, certo? Mídia, a parte mídia nisto, embora seja uma conversa mídia tudo, mas tem que ser muito, muito bom e muito inovador. Tivemos já vários casos desses. Mas como eu digo, como, entretanto, surgiu o Index, achamos que já não era tão importante e tão fundamental para o festival. Mas

continua a existir este apoio às universidades, o Prémio D com o Edigma, que não há um vencedor, como nós dizemos, não há um vencedor, há um selecionado. Para mim, se nós vemos que é um prémio, um concurso nas artes, para mim algo me faz alguma confusão. Uma coisa é, ok, tenho aqui 10 trabalhos e seleciono aquilo.

Mas tem sido por aí e também fazemos nos workshops. Normalmente temos um workshop mais focado na parte do som e depois outro mais focado na parte de softwares, de imagens, de visuais. Não tanto, nós temos aí a questão dos visuais, a sua relação com o som, é o que temos explorado mais.

Pronto, a minha próxima pergunta era exatamente sobre a divulgação da produção científica e artística, era sobre o Edigma, mas já falou, já está arrumado.

Mas vamos trabalhar mais, temos agora um protocolo, vamos apoiar alunos que estão a fazer mestrados em Media Arts, nomeadamente com bolsas de mérito e também estamos a apoiar alunos de artes que têm em Moçambique, apoiamos uma aluna, neste momento temos um compromisso que uma aluna vai tirar um curso superior, aí não é Media Arts, estamos a falar de Moçambique e apoiamos uma aluna lá, portanto tem assegurado que vai poder tirar o seu curso superior lá e cá vamos começar agora em 25, 26, vamos começar a atribuir uma bolsa de mérito só a um aluno de Mídia e Arte. É uma forma, e vai haver também mais algumas novidades em relação a dar mais condições para que os alunos possam fazer melhor trabalho. Não são muitos, porque nós temos orçamento, não dá para muita coisa, mas sim. É uma área que nos interessa, temos apostado um bocadinho.

Agora, já que estamos a falar um bocado da comunidade, como é que o Semibreve se relaciona com a comunidade? Há uma intencionalidade de retorno, percebo que sim, não só cultural e académico, mas também económico?

Sim, começando no económico, é assim, primeiro nós tiramos os cachês que pagamos a artistas, o orçamento é gasto na cidade. Todos os nossos (?) são os hotéis, os restaurantes, os espaços pelos quais temos que pagar, impressão gráfica, tudo isso é de Braga, portanto eu diria que 70% das verbas do festival ficam na cidade. Depois, nós fazemos questão que, por exemplo, há um concerto que é o da Capela Imaculada, que é um concerto normalmente com muita afluência que é gratuito, pode ir lá quem quer

não é preciso ter bilhete de festival, quem quer entra, só pedimos sempre que se portem bem porque é preciso muito silêncio normalmente, mas tem corrido magnificamente, sempre muito bem o que mostra que às vezes não é preciso pôr muitas regras que as pessoas percebem, às vezes regras só dão vontade de as quebrar e pronto, Depois, nós relacionamos-mos com muitas instituições, apesar de tudo, desde as universidades, a Arquidiocese, que é quem nos cede os espaços, todas estas redes europeias com 20 parceiros, portanto temos esse tipo de relacionamento. E acima de tudo também acho que ajudamos um bocadito os alunos, nós fazemos um workshop para os alunos da Gulbenkian, só, em que os alunos têm acesso a estar uma manhã a trabalhar com um artista que normalmente resulta em que, por exemplo, o ano passado tiveram com uma trombonista que faz improvisação e que usa isto e aquilo e aquilo outro. Portanto, é uma abordagem muito diferente ao instrumento. Já tiveram com... Portanto, a ideia do workshop é, ok, a música também pode, não é só ler pautas. Também tem outras abordagens e isso achamos que é interessante deles.

Depois começam a descobrir novos mundos, começam a descobrir. Muitos já descobriram, os que já descobriram podem evoluir, os que não descobriram descobrem e depois podem fazer o seu caminho. Portanto, temos este cuidado de tocar em várias áreas.

Para nós não tem um fim económico, porque aquilo são custos. O artista que vai fazer o workshop há Gulbenkian, nós pagamos-lhe para ele fazer aquele workshop, mas achamos que é importante, senão para que é que fazemos o festival? Se é programação, então o Teatro Circo faz, ou a Generation faz, ou quem quer que faça, o festival tem que ter isso. A mesma coisa em relação aos workshops na área dos visuais, ou de software, a comunidade, neste momento, o público quiser aí nesse caso já se inscrevendo, paga um valor simbólico, mais ou menos, são 20 euros. Mas às vezes, para a qualidade de quem tem à frente, é barato. E muitas vezes até este dinheiro é mais para comprometer as pessoas a não se inscreverem e depois não aparecerem do que propriamente, porque ele não paga nem de perto o workshop. Mas pronto, tentamos fazer dessa maneira e essa relação com a comunidade, que é deixarmos o dinheiro na cidade, fazemos concertos para a cidade, deixamos o dinheiro na cidade, fazemos concertos para a cidade, damos workshops para a cidade, e mesmo as conversas que

existem no Semibreve, não têm que ter bilhete para ir lá, são abertas, portanto, quem quiser ir só para saber, também pode ir. E comunicamos muito a cidade.

Certo, também é verdade. Bom marketing. Quais têm sido os maiores desafios ao organizar este festival?

Desafios? Primeiro, vou esquecer a história toda, não é? Vamos, vamos, porque se não... Mas, obviamente, que a questão... Nós temos a felicidade de termos um bom apoio, quer da Câmara de Braga, que anualmente tem renovado sempre o apoio, sem qualquer problema, desde a primeira edição. Claro que o ideal para nós era ter acordos a cada 4 anos, mas não pode ser assim, não pode ser como nós queremos. Portanto a parte de financiamento, neste momento nós temos várias formas de financiar o Festival, e o facto de termos estes dois projetos na Europa Criativa significa que, até à edição de 25, 26 são edições que estão praticamente com financiamentos garantidos. Esta é a primeira questão. Festival como preço dos bilhetes que nós temos, jamais se tem. E isto é um desafio de qualquer festival. Para nós à partida, mantendo-se este financiamento da câmara e da Europa Criativa, mas também temos financiamentos de embaixadas, embaixada de França, o Programa + França, por exemplo a região do Québec também já nos apoiaram, pronto sempre procurámos, e esse é sempre o primeiro desafio. Depois, o outro desafio, foi percebermos que o festival nos obriga a trabalhar todos os dias do ano para ele. Não há nenhum dia que eu passe que não trate de algo do festival. Depois o outro grande desafio, que isto não há prioridades, obviamente é a programação, é sempre uma incógnita. Como é que o público vai reagir à programação? Porque já houve coisas que correram muito bem, e outras que nós achávamos que iam ser boas e o público não reagiu. E a comunicação, também é um desafio enorme. Especialmente porque há uma grande diferença dos anos iniciais do Semibreve e agora. Há muito mais oferta, há muito festival, muita programação. E não há problema nenhum nisso! Não tou aqui a dizer que não deviam existir, toda a gente tem direito a nascer e a viver. Só que obviamente a comunicação é importante, tem de ser clara, tem de ser honesta e tem de ser eficaz, há equipas que trabalham nisso, mas é um grande desafio. Quando tás sozinho no meio da praia toda a gente vê que está ali uma pessoa, quando estamos 5 mil pessoas, se calhar tenho de ter o guarda sol mais

alto se me querem ver. Mas pronto acho que o grande desafio que tivemos foi isto de passarmos de um brincadeira quase de amigos para uma coisa já muito mais profissional, com compromissos financeiros, não é só financeiros, é compromissos também de ...pessoais, no sentido de... Ok, nós queremos trabalhar convosco porque têm crédito. É engraçado, por exemplo, Braga em 2012 era a Capital Europeia da Juventude, e Guimarães Capital Europeia da Cultura e a informação que me deram, que não fui ver, é que fomos o único evento que juntámos as duas cidades. O Semibreve nesse ano foi nas duas cidades. e fomos os únicos que teremos conseguido juntar as duas cidades Dá trabalho. fazer isso, na altura foi um processo intenso.

Como vêem o futuro do Semibreve? Não sei se há planos para internacionalizar, expandir o conceito...

Não sei...nunca devemos dizer não. Nós não somos uma estrutura de produção de eventos. A estrutura que está por detrás do Semibreve é uma cooperativa que se chama auaufeiomau , que foi criada para os nossos projetos artísticos enquanto músicos, e isso é que nos interessa, continuarmos a ser músicos, nenhum de nós é músico profissional, já houve essa tentação, já tivemos desafios para ir com o Semibreve para outros territórios, mas não me parece que vamos por aí. A auaufeiomau existe para apoiar os projetos de criação artística dos seus membros e é aí que estamos focados, e aí sim a pensar na internacionalização, noutros campos e é aí que estamos muito interessados em trabalhar, e o Semibreve não vamos estar acomodados e confortáveis, estamos sempre a discutir o que fazemos e não fazemos, repetimos, diversificamos, mas não me parece, confesso que a mim a produção de eventos... qui correu bem e é giro, gostamos de o fazer, mas não vejo armar-me de malas e bagagens e ir não sei para onde. Não digo que não a desafios, já tivemos um desafio mais radical que o Semibreve no meio da natureza, uma coisa pequena, isso não digo que não, nem se ia chamar Semibreve, mas o nosso foco de facto são os criadores, e nós gostamos é de fazer música e fotografia e tal, não somos produtores. Há alguns amigos nossos que são profissionais, como a RITMO, mas nós , não me parece, mas.. sei lá! Eu tou aqui, mas se em 2009, e dissessem, ah metade do teu dia agora vai ser dedicado a um festival, eu dizia estás maluco! E agora estou aqui.

E para quem não conhece o festival, descrevê-lo com 3 palavras chave, 3 keywords para o festival, ou mais..

Exploração sonora, acessível nas suas várias dimensões e confortável e preocupado com público acho que é o que caracteriza muito este festival.

Agora a última pergunta, que é super ingrata, já tem a haver um bocado com o gosto pessoal: que artistas ou que projetos que passaram pelo Semibreve que destacaria assim como absolutamente marcantes?

Posso ser politicamente correto e dizer que foram os últimos ou foram todos, é sempre difícil porque já foram muitos, 16 por ano, vezes 10..vezes 10 não, vezes 15, pronto já são... nunca tinha pensado nisso.. nunca tinha pensado nesta conta, são muitas pessoas a passar aqui, mais de 200 artistas, são 220 a 230, já é muita gente. Eu, os projetos que criamos, são sempre projetos especiais, portanto esses acho que são interessantes, é-me difícil de facto lembrar-me agora de um ou outro, assim nomear confesso que 'é difícil. Lembro-me do concerto do Moritz com o Coro de Câmara da Universidade do Minho que foi uma coisa muito interessante, de uma complexidade de produção já muito grande para nós. Felizmente temos o Pedro Oliveira que trata muito bem dessas questões todas, Albanote já cá esteve 2 vezes e trouxe espetáculos interessantes, mas por exemplo falando de um espetáculo apoiado por nós, o Pedro Maia e a Clara Lewis, que depois se itinerou pela Europa e isso é interessante, ter o Rodellus com músicos portugueses também foi interessante, os concertos da Capela também gosto muito, até agora acho que não houve nenhum, a correr mal, e há uma coisa curiosa que eu também acho interessante nisto, que é uma coisa que temos feito, quer na capela, quer no Teatro Circo, quer no Generation que é ter artistas nacionais em pé de igualdade com artistas estrangeiros, e por vezes a colaborarem. E colaborações que depois saem daqui e continuam, não é só porque ei, para ir tocar àquele festival agora tenho de colaborar com um artista de lá, não é só isso, há casos em que continuaram.

Relativamente à entrevista, está feita. Agradeço imenso pela disponibilidade.

De nada!

Anexo 7

Transcrição da entrevista a Márcio Laranjeira, Festival Tremor

15/05/2025

Primeiro obrigadíssimo pela tua disponibilidade. Então, pronto, a primeira perguntinha. De onde é que veio a ideia ou a necessidade de criar o Tremor, tipo, numa zona tão periférica como os Açores?

A ideia e a necessidade partiram do Luís, que é um dos sócios do Tremor. Nós somos quatro pessoas na direção, sou eu e o Joaquim da Lover and Lollipops, o António e o Luís, e o Luís é a única pessoa que vive permanentemente nos Açores. E à data da criação do Tremor, a ideia era ter atividade e ter acesso a cultura contemporânea na ilha, porque a realidade açoriana na altura, em 2014, era muito diferente dos Açores hoje em dia.

Era um lugar muito mais fechado, não havia... esta coisa de turismo era uma miragem, não existia, pura e simplesmente. Era muito difícil de sair, muito difícil de entrar, mas havia o sentimento de que havia vontade de consumir coisas novas, de ter acesso a.

E então o Luís, na altura, veio falar comigo e com o Joaquim, que nós fazíamos outro festival, que era o Milhões de Festa, e ele estava atento ao que a gente estava a fazer, e veio falar connosco, perguntar se nós gostávamos de construir alguma coisa com ele, e assim no espaço de um ano surgiu esta ideia do Tremor, que na altura era diferente, era uma coisa com um dia só, de programação, só em Porto da Delgada, e que nesse primeiro ano logo tivemos uma visão do impacto que poderia ser, mas era, e os primeiros anos foram, Mas era uma coisa pensada para quem vive e para quem está todo o ano nos Açores. Continua a ser, agora temos a possibilidade de receber de uma forma mais fácil gente também de outros lugares, mas a ideia parte daí, não é? de haver uma cidade, de haver um lugar que se sente que pode acolher e dar palco à música contemporânea e que existe gente que tem vontade de consumir.

E o que é que diferencia o tremor de outros festivais em Portugal, de ir ao mundo, ou seja, quais são os elementos que tornam o festival único?

Nós, ao longo do tempo que fomos fazendo, também fomos aprendendo um bocadinho quais são as características que o podem diferenciar. Nós, ao longo dos anos, começámos a entender cada vez melhor e cada vez com mais profundidade a riqueza do lugar a todos os níveis, a nível de exploração do espaço, a nível de contacto com as pessoas, a nível da riqueza das comunidades e do trabalho que elas fazem, quer seja formal ou informal. E então fomos criando estas ligações e o tremor deixou de ser uma coisa só a gente da cidade e passou a ser uma coisa que ocupa a ilha e tem diferentes palcos, diferentes locais, ou seja é um festival que tem itinerância dentro de um espaço, está circunscrito, mas não está preso a num lugar, e isso abriu portas a que começássemos a criar relações com muita gente, com estruturas quer organizadas como a escola de Música de Rabo de Peixe, que não organizada, ou seja, com outras pessoas que se juntam e que fazem alguma coisa connosco, que acreditamos que dão uma riqueza e um carácter diferente. O tremor, acho que quando se acaba por diferenciar, não é um festival só de marcar bandas. Tem artistas que nós marcamos e que vêm apresentar o seu trabalho e que nós adoramos receber, mas existe toda uma outra camada que tem a ver com a descoberta do território e a exploração daquela ilha, dos processos de criação com o talento local e também neste envolvimento das comunidades no próprio festival, não é? Acaba por ter aqui todas estas camadas de complexidade e ter muita gente envolvida durante muitas fases do projeto que fazem com que seja diferente é diferente também pelo tempo que as pessoas passam no festival as pessoas estão todas juntas é assim uma coisa que cria ali um contexto um bocado de delírio coletivo aquelas pessoas estão a vivenciar aquilo em conjunto durante 5 dias e chegam, são acolhidas por gente que vive durante o ano inteiro, vem gente que vem de fora com curiosidade então esta mistura também acreditamos que seja bastante única e digo isto até com a experiência também fazemos outras coisas, fazemos outros festivais e fazemos outras atividades que adorámos fazer, mas aquela receita dos Açores é muito única e demorou tempo. Nós começámos a terminar em 2014 e acho que só em 2017 2018 é que encontramos assim esta forma de fazer em que sentimos que sim, agora estamos aqui, estamos a oferecer uma coisa que não é perfeita, nem eu procuro a ser mas que é única e isso acreditamos que seja, que existem outros festivais incríveis, existem outros lugares que adoramos e ir até como

público e fruir, mas acho que aquilo que acontece ali nos Açores na semana antes da Páscoa, daquela maneira que eu conheço, não há em mais lado nenhum.

Correndo o risco de ser redundante com a próxima pergunta, não é? Tipo, como é que a Ilha de São Miguel influencia ou contribui para o ambiente do festival? Já falaste um bocado, não sei se queres lembrar.

Sim, totalmente. Nós temos um moto, mesmo na equipa, que é que nós fazemos o que a Ilha nos deixa fazer. E isso é, todos os anos, é uma realidade, tanto pelo clima, como pela envolvência das pessoas, como pela forma como nós somos influenciados a todos os níveis.

E foi engraçada até essa desconstrução também. Nós, nos primeiros anos do tremor, nós, mesmo a nível de comunicação, tínhamos uma recusa em usar a ilha, como usar as imagens, usar os ambientes, porque parecia-nos que era uma ideia demasiado óbvia, mas tivemos que passar por não usar para chegar à conclusão de que temos que usar, porque isto é óbvio não, é único, é muito especial, então a partir daí também esta própria envolvência com o espaço e com a ilha e com os lados todos que esta ilha tem, lá muito, já nem consigo contar as vezes que lá fui ao longo destes 12 anos mas é impressionante, tanto para mim que não sou de lá, como para pessoas que são de lá como é que um espaço tão pequeno de terra consegue sempre surpreender, todos nós todos os anos conhecemos alguém que de repente nos vai mostrar um lugar qualquer que ninguém fazia daí que existia seja ele natural, seja ele construído, ou seja, há ali uma riqueza que é muito dali, que é muito única e para um pedaço tão pequeninho é interessante de entender como é, que existe tanta coisa tão diferente e nós acabamos por criar então de uma forma que não foi propositada no início mas que foi pela experiência e rendemos-mos às evidências tem que ser, a ilha tem que ser o cabeça de cartaz deste evento, então a influência que ela tem em nós é tremenda e tentámos também todos os anos mudar como ela também muda e não ser uma coisa estanque ser uma coisa que é orgânica e que a todos os anos também é diferente.

Existe algum conceito ou mensagem central que vocês procuram transmitir em cada edição?

Sim, nós a nível de programa nós tentámos sempre criar aqui uma ponte entre a raiz o folclore açoriano, esta cultura que é permanente, que também é evolutiva, mas que existe em raiz nos Açores, e arte contemporânea, e as manifestações de arte contemporânea. Criar aqui espaço, quer para um, quer para outro, conseguirem ser apresentados em contextos em que poderão ter mais gente a dar atenção do que seria se fossem apresentados num outro contexto diferente.

Muito do Tremor é sobre essa ideia de dar condições, dar contexto, pegar num artista que se calhar se fosse tocar, se fosse apresentar num contexto normal ia ter 20 pessoas a ver e nós conseguimos trazer uma pessoa em que ele tem 1000 pessoas a ver e que faz sentido que aconteça assim. E essa relação é muito importante para nós, essa criação de contexto e criação de narrativas. Também é muito importante para nós esta ideia do trabalho com as pessoas que vivem nos Açores durante o ano inteiro não ser uma coisa fugaz, ser algo continuado, ser algo que deixa ferramentas, que deixa alguma coisa que possa ser continuada no futuro e que deixa também vontade de fazer mais nas próprias pessoas.

E sei lá, nós temos alguns exemplos um bocado surreais como a Escola Música Rabo de Peixe há dois anos foram tocar ao Rock in Rio, que era uma coisa que era completamente... se falássemos para essas pessoas há cinco anos que elas iam tocar ao Rock in Rio, nunca na vida iam. Não era algo que era real, não era algo que fazia parte do imaginário. Mas isto, nós usámos o impulso muitas vezes, mas depois a comunidade reage, não é?

Não é como se nós fôssemos o único responsável por nada. Nós às vezes só lançámos as sementes, não é? Estamos ali, cutucamos, ou seja, abanamos um bocadinho e as coisas desenvolvem-se e é bom ver que é cada vez mais o contrário também a acontecer, ou seja, o tremor também penso que é visto como uma plataforma cada vez mais para o desenvolvimento de ideias. Temos muita gente que já tem essa confiança de chegar à nossa beira e propor coisas.

E mesmo a própria relação com os artistas, sei lá, por exemplo, este ano a Escola de Música Rabo Peixe trabalhou com o Guilherme Perret e foi uma sugestão da própria Escola de Música Rabo Peixe. Já não somos nós que vamos e estamos a sugerir,

trabalha com esse ou trabalha com aquele. As próprias estruturas começam a ver o festival como uma plataforma que possam desenvolver coisas. As Receitas do Baú não foi uma ideia nossa, foi uma ideia da própria comunidade de Rap Play, que veio ter connosco e propôs, porque sentiu que podia acontecer alguma coisa no contexto do Tremor.

E para nós é super... Se há aqui algumas coisas que nos mostram que o que a gente está a fazer faz algum sentido é sentirmos que existe esta abertura que as pessoas não olham para o entrepreneur como uma instituição fechada quadrada, que só impõe que não houve, porque às vezes pode ser um risco neste tipo de trabalhos, trabalhos com comunidades, trabalhos com pessoas em que de repente parece uma estrutura que é uma estrutura que propõe mas que não está disposta a dar ferramentas e dar plataformas para, e sentirmos que as pessoas não sentem isso, e tanto não sentem como ativamente propõem, e propõem cada vez mais, é algo que nos dá mesmo muita vontade de continuar a fazer isto, e de fazer isto desta forma, e esperamos que seja um caminho que continue sempre, e que as pessoas sejam cada vez mais capacitadas para usarem o Tremor como uma plataforma para desenvolverem o que querem desenvolver.

E qual é o vosso público-alvo?

Bem, o nosso público-alvo tem mudado muito ao longo do tempo. A gente que mora nos Açores, mais precisamente em São Miguel, é o público mais constante que nós temos, ou seja, o Tremor Parque sempre tem essa premissa que é fazer alguma coisa para quem está, para quem está em São Miguel, para quem passa lá o ano inteiro, para quem é de lá ou vive lá e quero ter acesso à arte contemporânea ou produzir a arte contemporânea.

A partir, desde 2016, com a abertura do espaço aéreo dos Açores, ou seja, antes era só a SATA que voava para lá, os voos eram caríssimos, era muito difícil entrar ou sair e quando liberalizou o espaço aéreo, em 2016, começou a ser possível olhar também para o público

de fora e tentar entender que a nível de escala, nos Açores temos uma quantidade de população é limitada, temos as pessoas que temos, mas seria possível abrir para um

público que não fosse residente e o que mudou mais para nós chegarmos a esse público na realidade foi a parte da comunicação, a nível de programação e da forma de pensar não houve grande mudança, posso dizer até nenhuma, ou seja, nunca programámos no sentido de vamos passar a programar agora, pensar nas pessoas que vêm de fora ou pensar quem vem do outro lado. A forma como programámos manteve-se bastante inalterada, a forma como comunicámos mudou e passámos a ter um foco noutras possibilidades, noutros públicos, começámos a ter muita presença de imprensa quer nacional para chegar ao público nacional, quer também internacional para chegar a esse público internacional mas, se calhar resumindo nós acabamos por ter um público que nós somos conscientes que tem que ter alguma capacidade de independência financeira, não é? O Tremor principalmente para quem para quem é dos Açores não é um festival caro, mas para quem não é, é um festival que implica existir alguma disponibilidade para ir, para ficar, para visitar a ilha, porque também sabemos que o festival acaba por fazer paralelo com uma semana de turismo, que as pessoas acabam e muito bem por aproveitar a ilha e tudo o que ela tem para oferecer. E dentro desse espectro, para a gente que é curiosa e que quer ver coisas novas, e nós vemos isso todos os anos, nós temos muita sorte com o público que temos. Temos um público que é incrível de trabalhar. A curiosidade e o querer conhecer é algo que está na gênese das pessoas para quem nós trabalhamos. E, paralelamente a isso, há também um respeito muito grande de toda a gente por tudo o que o Tremor implica. Nós conseguimos fazer coisas em certos lugares porque temos um público que nos dá confiança que podemos fazer aquilo ali e que sabemos que vai tudo correr bem. Sabemos que quando for para ir embora as pessoas vão sair, sabemos que não vai haver um copo no chão com lixo, sabemos que ninguém vai danificar nada, porque senão havia coisas que não nos podíamos meter a fazer, porque ia correr mal, íamos estar ali a danificar ou a pôr em causa um espaço que depois fica, o tremor vai embora e aquele espaço continua a existir durante o resto do ano.

E mesmo a nível da própria confiança das entidades que permitem que a gente faça coisas, é importante que exista histórico, que exista esta... Nós sabemos, não é? Nós quando vamos propor, nós sabemos, podemos arriscar, porque temos as... O nosso público dá-nos essa garantia de que podemos arriscar.

Mas, respondendo assim de uma forma mais exata à tua pergunta, são pessoas, sei lá, entre os 25 e os 50 e que têm esta curiosidade pela música e pela natureza.

E pronto, já falaste um bocadinho, mas que tipo de experiência é que o público pode esperar, não é? Além das performances musicais? Já falaste um bocadinho de algumas coisas, mas...

Sim, acho que esta viagem, esta forma de conhecer uma ilha do arquipélago através da música e da cultura, a programação obriga-te a viajar e obriga-te a ir a lugares diferentes e a conhecer um pouco. Cada ano é um lado diferente, nós não queremos nem pretendemos mostrar a ilha toda numa semana, é impossível e não é esse também o propósito, mas a ideia é desvendar um bocadinho algumas partes da ilha, umas menos óbvias outras mais através da cultura e dessas apresentações e também criar relações com o espaço e com as pessoas.

Criar, nós, sei lá, acreditamos que todas essas incursões que nós temos tido por Rabo de Peixe têm, de certa maneira, ajudado as pessoas a entenderem o que é que é Rabo de Peixe. Rabo de Peixe não é aquela série de Netflix, nem é só aquelas histórias que a gente conta, é aquilo, são aquelas pessoas que estão ali, que são incríveis, que adoram receber, que têm uma riqueza cultural tremenda, que durante aquela tarde, é um dos lugares mais especiais do festival e é totalmente feito com as pessoas que vivem lá.

E essa relação, esses momentos de comunhão acho que são muito únicos. Então acaba por ser uma relação entre música, entre viagem e entre comunidade e tudo isto acaba por dar um bocadinho a receita do que é o Tremor. Se calhar o programa em São Miguel é que é o programa mais de festival, mais normalizado, não é? Vais a lugares, vês artistas, estão a tocar em palcos e tem essa vertente lá de festival multivenue . Todo o restante programa acaba por ter muito esta relação, quer com o espaço, quer com as pessoas.

Pronto, outra vez, tocando a redundância, a minha próxima pergunta era que iniciativas existem para envolver a comunidade local? Já te tens falado de várias, mas se quiseres agora nombrar, para ficar assim no listado.

Sim, nós temos algumas, como estava a dizer, que têm continuidade, e nós temos trabalhado globalmente com a Escola de Música Rápido Peixe, desde 2017, e a premissa é que todos os anos trabalham com um artista diferente que acaba por funcionar com um espetáculo diferente. Já trabalharam com, nessa altura, desde os Zá, o Gringo Sou Eu, ou seja, há aqui uma variedade muito grande de pessoas que sempre funcionaram em espetáculos diferentes. Temos o trabalho com a ASISM, a Associação do Sur de São Miguel, que já chegou a trabalhar também em conjunto com a Escola de Rápido Play, ou das oportunidades não, e em colaboração também com a Onda Amarela, esse projeto com a ASISM transformou-se numa banda, que são o Som Sim Zero, que todos os anos, pelo menos uns concertos dão, no tremor, também sempre de uma maneira diferente e com registos diferentes.

Temos feito também um trabalho que nos últimos anos voltou a ser mais continuado com a comunidade de hip-hop, dos Ações, mas mais especificamente de São Miguel, e tornou-se neste grupo que são os Filhos do Vento, também que este ano tiveram uma apresentação sob este nome.

E o trabalho com eles parte de uma dificuldade que os artistas têm em S. Miguel que não há lugares para tocar. Há muitos artistas que tocaram, por exemplo, neste espetáculo, quer no ano passado, quando foi com o Sam Da Kid, e outros que tocaram neste ano com o Chullage, que foi o primeiro concerto que deram na vida. Porque não há um bar que programe hip hop. Não existe esse circuito de concertos e essa será se calhar o nosso proximo passo de trabalho com eles não também é algo que estamos a receber também dos próprios.

Eles adoram tocar no Tremor e ter esses desafios, mas não gostam de tocar só uma vez por ano. E tem que existir outros mecanismos que permitam a esses artistas também circular e apresentarem-se de outras formas. Então, será uma próxima missão, de alguma maneira criar aqui um ecossistema em que as artistas tenham mais capacidade circular e se desenvolverem. Temos também o trabalho com a VidAçor que é outra comunidade de Rabo de Peixe com a qual fazemos as Receitas do Baú, que tem duas vertentes, que são os jantares em casa das pessoas. Este ano foram almoços e jantares e depois a cozinha comunitária, que está junto com o festival. Temos uma parceria também com a Rádio Vai e Vem, que é uma plataforma que trabalha com artistas

importantes açorianos, e que nós este ano fizemos duas encomendas, cartas brancas a dois artistas, ao Maçarico para fazer um espetáculo, e ao Rafael Carvalho com o Pedro para fazer também um outro espetáculo, que seriam apresentados no tremor. E temos também uma relação com os Amigos dos Açores, que é uma estrutura com a qual nós fazemos uma atividade que é o Terminador de Terreno, que são caminhadas em trilhos na ilha de São Miguel e todos os anos, como a parceria com eles, selecionamos os trilhos e depois pensamos no artista que possa intervir naquele trilho e fazer esse espetáculo. E também mantemos a porta aberta existem coisas que já fizemos outras que deixamos de fazer mas aqui temos esses pilares de trabalho contínuo, com o ASISMO com a Escola Música Rabo de Peixe que se tornaram já momentos que são marcantes do festival são momentos, é ótimo ver que sei lá como o Som Sim Zero passaram de um projeto que nós sabemos que no início às vezes há um estigma em relação aos projetos com comunidade, a pessoa pensa que vai ver os coitadinhos a fazer alguma coisa e de repente acho que este projeto de ASISMO acaba por ter uma força, porque não são os coitadinhos a fazer algumas coisas, é um projeto que artisticamente tem bastante força e acaba por surpreender muitas pessoas quando se deparam pela primeira vez com a apresentação deles. E ver que este projeto de repente, e sentimos muito isso ano passado e este ano, é um dos highlights do festival, é uma das coisas que as pessoas querem mesmo ver e que estão lá para ver e que de repente tem um público, tem uma... há uma expectativa em relação a... é ótimo para nós entender o mesmo também com a Escola de Música Rápido Peixe e mantemos esta porta aberta para outras oportunidades, para outros artistas que possam querer desenvolver trabalho, que possam querer aproveitar o turno para fazer alguma coisa, para trabalhar com alguém.

Também temos muitas residências em que trabalhamos com, chamamos um artista não-residente para trabalhar com um artista residente e apresentar um trabalho, mas acreditamos que estes processos acabam por ser também o que dá validade a isto, porque uma das coisas que nós temos a certeza que não queremos ser é um festival de Disneyland, que as pessoas chegam, acham tudo muito lindo, andam ali a passear, não têm ali relação nenhuma, vão embora e não deixam de andar.

E acreditamos que uma das formas como nós não vamos ser isso, nós não podemos proibir as pessoas de virem de onde quer que elas venham e nem o queremos fazer, é criarmos estas relações com as pessoas e o festival estar sempre ligado à terra, de uma forma prática e profunda e não de uma forma superficial.

Então suponho que há um foco na sustentabilidade também, não é?

Sim, sim, sim. Nós desde o início temos esse pensamento e desde há quatro anos para trás começámos a trabalhar de uma forma mais séria, que também implica mais investimento da nossa parte. O Tremor também em 2020 fundou uma associação de festivais periféricos e ultraperiféricos na Europa, que é o EDGE, que basicamente... E E Somos Nós é o festival de fengaros no Chipre e é do festival Queroxin nas Canárias. Muita da premissa da criação desta parceria foi, nós sentimos que todos os guias de boas práticas ambientais e literatura que existia aplicada a festivais, nunca previa que tu estás numa ilha. Eu gostava muito de trazer os artistas de comboio para a ilha mas não posso, não dá.

Então sentimos que havia um desfasamento. E nem é só nas ilhas, mesmo em relação a países com uma estrutura menos desenvolvida como é Portugal continental, não é? Há muitas diretrizes que são utilizadas e que provém de uma rede de transporte principalmente super desenvolvida, como temos no centro da Europa, e não olham para outras realidades. Até porque as estruturas partem sempre do centro da Europa e partem dessa zona. Então nós criamos esta associação e trabalhamos em conjunto com uma estrutura inglesa que se chama Greener Future, a AGF, para olharmos e vermos como é que conseguimos, há várias escalas de sustentabilidade, sustentabilidade a nível ecológico e de pegada, sustentabilidade a nível da relação com a comunidade e também sustentabilidade financeira, que é também uma das grandes causas de insucesso nesta área e em eventos desta escala. Às vezes o sucesso externo não é apoiado por uma estabilidade interna que permita teres uma equipa sem precariedade, que não seja precária.

Acaba por ser também um problema muito grande dessas estruturas, se quer ter equipa, ter pessoas, e para a qualidade do trabalho ser boa também tens de ter pessoas que sejam remuneradas dessa forma. Não pode ser só um trabalho em part-

time e com pessoas a receber mal e a terem que ter outros mil trabalhos para pagarem as contas. Então nós temos trabalhado muito sobre como é que isto pode ser mais sustentável. Temos algumas medidas a nível ecológico que implementamos. Temos desde a água gratuita, a comunicação totalmente desmaterializada., tentamos criar ofertas de transporte coletivo porque na ilha ela não responde, não tem essa capacidade. E também temos, por outro lado, esta questão da sustentabilidade financeira que, por exemplo, no caso do Tremor e também muitas coisas que acontecem em ilhas com a mesma ADN, é, por exemplo, nos últimos anos pós-Covid deixou de existir época baixa, é sempre época alta. Então, tudo o que é custos relacionados com acomodação, com infraestruturas, é como se estivesse sempre a fazer um festival em agosto, basicamente independentemente de qual é a altura do ano. Então, encontrar mecanismos para mitigar isto, tentar encontrar formas de ter um festival que tenha esta ideia de sucesso para fora, mas também consegue ser sustentável e também consegue dar condições às pessoas que trabalham nele para não acontecer como infelizmente tem acontecido principalmente agora neste último ano e meio, festivais que esgotam e vão à falência os lugares já não é suficiente, os custos aumentam tanto que deixa de ser comportado ou de fazer.

Não tinha pensado nisso. Agora passando um bocado à parte da curadoria, como é que vocês escolhem os artistas que participam no festival?

Algum critério específico para a escolha dos músicos e dos criadores?

Nós no Tremor somos cinco programadores. Sim, e isso faz com que a programação seja uma luta, uma argumentação muito grande, que é bom porque são cinco cabeças diferentes a pensar e nós queremos sempre que a programação seja tão diversa como queremos que o festival seja.

Mas normalmente o nosso processo a cada ano, nós tentamos sempre que exista variedade no programa e variedade também de um ano para o outro e que, sei lá, às vezes se um ano anterior teve uma tendência mais roqueira, gostámos que o ano a seguir tenha uma tendência mais música eletrónica, ou seja, tentámos que seja sempre visto como um festival de música, que é o que é, não queremos que seja visto como um festival de metal, de rock, world music ou do que for.

E ter esta ideia de diversidade e de compensar. A cada ano o que nós normalmente fazemos é, tentamos dentro desta ideia ter três artistas que sejam basicamente os pilares da programação daquele ano. Que dão o tom para o resto da programação. E depois é um jogo de compensação, se temos uma banda de rock, depois um artista de jazz e outro artista de jazz, o resto da programação vamos tentar compensar essa presença para que de repente não tenhamos um festival com uma marca demasiado evidente de um tom e de um estilo específico.

E na programação nós somos muito focados nesta ideia, nesta de diversidade felizmente porque o público que nós temos, nós tentamos jogar no campo da surpresa, não temos esta pressão de ter de marcar o artista x ou y por bilheteira, felizmente o festival conseguiu se colocar num lugar onde a procura por bilhete é maior do que a oferta, e sabemos que existe uma confiança, por parte do público daquilo que estamos a apresentar, então tentamos encontrar artista que consigam se defender muito bem quando são apresentados ao vivo, porque quando é um artista que não é conhecido se o concerto não é bom vai ser difícil que as pessoas gostem dele. É claro que este é um campo com muita margem de erro, e nós somos completamente conscientes desse erro, mas também acreditamos que este é um lugar para errar. Se não é este o lugar que a gente construiu é muito difícil termos outro onde a gente possa fazer.

Mas tentamos então criar estes momentos de diversidade e criar momentos em que sabemos que há artistas que vão ser fracturantes, que vão estar a tocar em frente de 1000 pessoas, mas que aquelas 1000 pessoas não vão gostar do artista, que vai haver gente que vai adorar e gente que não vai adorar e fazemos isto de uma forma assumida, mas tentamos depois compensar com momentos em que queremos trazer mais união. São momentos de celebração conjunta em que acreditamos de comunhão, momentos mais homogêneos. e acaba por ser muito este jogo de variedade, também muito a conjugação do artista com o espaço, especialmente no Tremor Estufa, nas próprias salas.

Isto tudo com 5 pessoas acaba por se tornar bastante difícil às vezes a nível prático..Sabemos que o programa que construímos todos os anos não é consensual, e a ideia é que não seja. Existem festivais de género, festivais que olham mais para a tendência do anos, e nós não achamos que esses festivais sejam melhores ou piores,

nós tentamos oferecer isto, esta diversidade e esta instabilidade, ser difícil das pessoas criarem uma ideia de um ano para o outro do que vai ser, tentamos com que mude de um ano para o outro.

Além disto, e aqui também, porque sabes que as pessoas que vivem o ano todo nos Açores também têm a vontade ou tentam ter acesso a artistas que não tocam nos Açores com tanta regularidade como no continente.

Depois tentamos um ou dois artistas que sejam mais imediatos a nível de relação, que as pessoas conheçam o nome. Que nunca tenham tocado nos Açores e que graças ao Tremor tenham essa oportunidade.

Ainda em relação aos critérios de escolha, esta coisa que falaste de compensar e tal, há alguma intenção a nível de género, de nacionais e internacionais, vocês têm atenção a esses fatores quando escolhem os artistas?

Sim, a nível de género tentámos que o cartaz seja o mais paritário inclusivo possível de darmos espaço a que não seja algo flat nem que tenha uma tendência natural, infelizmente é que existe uma tendência mais masculina e tentamos há bastante tempo ter essa consciência de ser um espaço paritário e aberto a uma diversidade como é também a questão estética do festival e do estilo.

Quanto a nacionais e internacionais é algo que não pensamos muito, ou seja, não fazemos uma medição, uma cota, vamos ter as nacionais e as internacionais, aí acreditamos que é algo mais fluido e tem muito a ver também com o entusiasmo, às vezes há anos em que temos mais artistas nacionais, porque há ali muita gente que está a fazer trabalhos que nos está a entusiasmar e nós achamos que podemos contratar, outros anos é mais balanceado.

Onde temos uma consciência é nos artistas regionais. Tentamos ter sempre uma amostra que seja representativa e que não seja colocada daquela maneira como o artista de abertura, que é da terra e depois vem os outros. Tentamos dar o devido valor e a devida exposição, porque também acreditamos que é assim que o talento se vai desenvolver, que os artistas vão conseguir trabalhar mais e melhor e até conseguir empilhar outros palcos. Mas, de resto, internacional e internacional não temos essa preocupação.

Ok. E olha, agora tendo um bocado em foco a música eletrónica, como é que vês a integração da música eletrónica ao longo dos anos das edições do festival?

Sim, o Tremor sempre teve clubbing, sendo que no início ele era tratado de uma forma um bocadinho mais, não vou dizer menor, mas no final deu dia programação é fixe termos alguém a passar música, e era um bocadinho esse pensamento. Desde há uns anos para cá temos tido um pensamento diferente sobre o clubbing, e temos clubbing todos os dias, que não existia nos outros anos, e temos a preocupação de ser um momento que também traduza bastante a ética e a forma do festival estar.

Agora, nós também notamos uma coisa, que nós somos um festival que demora muito, tem muitas horas então o público chega ao fim da noite e está todo roto, então muitas vezes nós no clubbing, tirando no último dia perdemos sempre muita gente tendo em conta a grandeza do público que o festival tem o festival também tem muitas atividades pela manhã durante a semana, obriga-te a este constante... tem sempre coisas para fazer de manhã, de tarde, à noite, de um lado para o outro, e há dias em que nós sentimos que o público está bem cansado, está ali no clubbing, mas está assim meio a querer cochilar um bocadinho. Mas é uma parte do festival, nós todos os anos tentamos também que seja diferente, tentamos também que traga coisas diferentes e que seja entusiasmante para quem lá está, e para quem se calhar não vê as coisas da manhã e que vai às coisas da tarde. E também começámos a ter mais momentos de música eletrónica que não sejam só tarde e que sejam só à noite, ter também mais coisas durante o dia, passar também a música eletrónica e a parte do clubbing, não só do espaço das portas do mar noturno, mas ter também outras incursões durante o festival.

E a música eletrónica também em contexto exploratório, não?

Sim, sim, sim.

Eu ia fazer uma pergunta para as media artes, as artes visuais digitais e o cinema. Como é que vês a integração disto? Se é que há, se houve, vai haver, se é que é uma necessidade?

Sim, nós temos e não temos de uma forma... Ou seja, não é uma rubrica do festival que exista todos os anos e que seja assim preenchida.

Há anos em que programamos, outros anos em que não, e tem a ver com, primeiro ponto, que falei, aquela compensação, e também tem a ver com uma questão de limitação técnica de estarmos numa ilha, porque às vezes há coisas que nós gostávamos muito de programar, mas que não temos capacidade para fazer porque os equipamentos que precisamos não existem no mercado açoriano, precisávamos estar a fazer voar coisas e técnicos e é um período de tempo muito grande de aluguer e levámos com a realidade e acabámos por não poder fazer. Portanto, existem aqui... é algo que... ou seja, o território açoriano evoluiu muito a nível da oferta de equipamentos e de materiais e de qualidade das próprias pessoas que trabalham, existe cada vez mais e cada vez melhor, mas ia mentir se dissesse que ainda hoje às vezes impõe-nos limitações, que quando não há, e ainda hoje não há, algumas coisas, nós temos que recorrer ao continente para alugar e há alturas em termos de fazer contas e há coisas que não dá simplesmente para fazer. Então nessa parte das media artes que muitas vezes implicam essas condições técnicas que nós não conseguimos oferecer, acabámos por não programar tanto como se calhar poderíamos programar se estivéssemos num contexto em que não fosse tão difícil de o fazer.

Pronto, já falou de alguns, mas quais foram os maiores desafios que te moram em frente ao longo dos anos?.

Sim, a questão da insularidade é um desafio constante. É também o que torna este festival o que ele é. Então é aqui uma balança que tem um equilíbrio entre nós somos o que somos e sabemos que ocupamos este lugar pelo lugar onde estamos, mas o lugar onde estamos também nos traz muitas dificuldades, principalmente a nível de questão orçamental, de equipas em algumas áreas, ou seja, como estava a dizer, o território açoriano desenvolveu-se muito nos últimos 10 anos, mas ainda hoje existem algumas funções que nós não conseguimos encontrar, pessoas nos Açores para as fazer, porque não há mercado, não é? A pessoa pode ter toda a formação do mundo e vive nos Açores. Se só trabalha uma vez por ano, não vai trabalhar naquilo vai trabalhar noutra coisa qualquer e há áreas em que às vezes é muito difícil de ter gente e temos ainda não temos que recorrer mais ao território continental do que queríamos nós temos

uma política que tentamos impor e tentamos também formar as pessoas e dar oportunidades dentro da própria equipa para as pessoas mudarem de funções, mas para cada pessoa que nós temos, que trazemos do continente, que por algum motivo saia do festival, nós temos que contratar uma pessoa que seja residente nos Açores e tentarmos que isto seja cada vez mais assim.

Mas às vezes existem situações em que, pura e simplesmente, não existe e não temos capacidade, quando são coisas muito técnicas, às vezes também não temos capacidade para formar essas pessoas, sabe, como um afinador de pianos, por exemplo, que não há, arquipélago não tem ninguém que afine um piano, é preciso voar, alguém do continente, tem que vir, tem que dormir, ou seja, de repente um trabalho de 200 euros passa a ser um trabalho de 1000 euros, com tudo o que fica. Então, isso é uma dificuldade aliada a este... Aliado é este desenvolvimento do turismo, que faz também com que todos os serviços que são ligados à hotelaria, não é? Dos hotéis, autocarros, regiões, tudo o que é ligado. E são serviços que também atuam. Entre o mercado turístico sofrem inflações gigantes de ano após ano e que são muito difíceis de lidar porque isto sobe, mas os apoios e income que nós temos não mexe da mesma maneira e infelizmente tem de se refletir no preço do bilhete, é a única forma que nós temos de compensar e todos os anos nós temos subido o preço do bilhete ano após ano e é muito tendo em conta tentarmos mitigar esta subida de custos, que é algo que acontece ano após ano e temos que olhar para a sustentabilidade do festival. Nós temos noção que o preço do bilhete não é caro do ponto de vista de uma pessoa de fora, mas para a realidade açoriana é. Ou seja, é o festival de longe mais caro dos Açores, tipo o segundo festival mais caro o bilhete não custa metade. Então nós tentámos aqui sempre criar uma compensação para de repente não alienarmos completamente as pessoas que são residentes e estamos a fazer isso de uma forma faseada, de que não seja um impacto muito grande, mas ou irá acontecer um reforço nas estruturas de apoio que nos apoiam a nós e apoiam também outros eventos semelhantes, que é uma coisa que eu sinceramente não acredito que aconteça num futuro muito próximo, ou isto é uma tendência que vai ter que continuar, porque não queremos ser mais um daqueles casos em que era um festival altamente, porque é

tudo muito bem, mas faliu porque não conseguiram gerir e lidar com essas variáveis que são o que são.

E posso dizer, um quarto single nos Açores em 2020 custava 45 euros, hoje em dia custa 80. E é assim, esta mudança de paradigmas, e o festival nunca o soltou, também, do que custava nessa altura. E são coisas que nós temos que lidar, faz parte.

Olha, e então, como é que tu vês o futuro do Tremor? Há planos para internacionalizar ou expandir o conceito?

Nós, a nível de capacidade de abarcar gente, acreditamos que é esta que temos.

Há muitas coisas no festival que não aguentam mais gente e acreditamos também que devemos oferecer sempre um lugar confortável. Mesmo aquilo que eu estava a dizer há pouco de termos um público incrível, também tem muito a ver com o número de público que nós temos, não é?

Num universo de 1.500 a 2.000 pessoas é muito mais fácil de... Nós costumamos dizer que às vezes tu até podes ser... Nós temos o comportamento de grupo ao contrário, não é? Tu podes ter uma ideia má, mas o grupo está-se a completar de uma forma que tu acabas por esquecer completamente essa ideia má que ias ter. E se a amostra for maior, perdes um bocado desse efeito e também estas relações com a natureza e com o espaço natural é muito frágil, não é?

Nós queremos levar lá as pessoas, que as pessoas criem uma relação com aquele lugar para cuidarem dele, não é? Acho que nós achamos que quando tu vais a um lugar e o conheces acabas por te preocupar muito mais com que ele não seja destruído e que ele se mantenha como é.

E de repente nós metermos 10 mil pessoas no meio de uma lagoa não é sustentável, não dá para fazer. Então a nível do público será assim. A nível de expansão pela ilha, poderá aumentar ou diminuir, depende muito também destas relações de orçamento. Queremos que isto continue a ser para sempre um lugar de liberdade e de exploração. Se um dia o Tremor ficar óbvio, se calhar aí é o dia em que isto deve começar a pensar em acabar mas enquanto sentirmos que não é, consegue ser surpreendente e

consegue, acho que temos uma coisa também que é bastante boa até para o festival temos no público que vem, temos uma porcentagem de público fiel muito grande, mas também temos uma porcentagem de público novo todos os anos muito grande, ou seja, o público que vem com energia nova, que não conhece as coisas que acaba por criar aqui também um ambiente bastante interessante. E conseguir manter esta... ser algo que é válido, não é? E que faz sentido existir é algo que nos preocupa bastante. Porque nos preocupa não no sentido negativo, mas é algo que pensamos.

Porque neste universo da cultura, principalmente da música e dos festivais, é mesmo fácil passar de vanguarda a algo antigo, não de idade, mas da forma como é feito.

E muitas vezes é o conforto dos formatos, tu fazes um formato, dez vezes, acreditas que está tudo bem, corre bem e de repente aquele formato vira algo que já deixa de ter algum... as pessoas mudam, o público muda e nós até vemos isso muito, às vezes, no público que vai há mais anos, e dizem, ah, eu gostava muito, era dos artistas que vocês marcavam no início. Nós já não estamos em 2017, ou 2018, estamos em 2025. O festival não quer celebrar também a tradição, mas é um festival de futuro, e quer se manter atual. E é bom até que as pessoas vejam, às vezes, um lugar para conhecerem coisas que não conhecem e nunca com a premissa de que toda a gente vai gostar de tudo nós sabemos muito bem essa nem é a nossa missão é conhecer coisas, umas gostas mais outras gostas menos e está tudo bem.

Olha e então que mensagem é que tu deixarias a alguém que não conhece o festival ainda?

Que venha e venha com a cabeça aberta e com vontade de conhecer e o conhecer destes lados todos, conhecer um lugar que é incrível e vale a pena conhecê-lo com festival ou sem festival e conhecê-lo com esta banda sonora que nós vamos fazendo ao longo destes cinco dias que acreditamos que cria uma forma diferente de olhar para esta ilha. Acho que é algo que às vezes é um bocadinho difícil de explicar, as pessoas têm que experienciar.

E agora a última pergunta que é aquela pergunta ingrata. Que artistas ou projetos que passaram pelo tremor que tu destacarias?

Sei lá, há alguns momentos que foram assim bem marcantes, como sabe, um ano em que nós marcámos o Bonga e que foi talvez a primeira vez que o Bonga tocou quando ele começou a ter este momento na carreira dele, ele começou a tocar em festivais e para gente mais nova e foi muito engraçado que ele chegou lá e ele não estava a me impressionar onde é que estava e para quem é que ia tocar ele estava a fazer aquele circuito de festas de clubes e coisas assim mais para as comunidades e ele devia ter pensado que aquilo ia ser uma coisa igual. E de repente ele foi tocar e tocou no Coliseu na altura e tocou assim para uma multidão de gente, tipo malta nova, tudo a adorar e lembro-me bem dele no início estar um bocado assim naquela isto é mais um concerto, agora lá, e no final ele estava maravilhado, estava tipo foi incrível, obrigado, não sei o quê, e a partir daí ele começou a tocar em muitos lugares assim e foi muito bonito de presenciar isso, aquela vontade que ele teve. Sabe, uma... às vezes fica assim tipo meio branco, quase nem dá para lembrar. Um concerto do Colin Stetson também foi uma coisa muito marcante, da Circuit de Tézio também foi, Slambrini Girls, ano passado, também foi assim, acho que foi importante. Há muitos, depois outros já, a memória já acaba por criar um blur, mas ainda há muitos que queremos trazer e queremos que estejam lá, portanto, é um trabalho que ainda não parou, portanto, é difícil fazer assim um apanhado do que aconteceu.

Pronto, Márcio, olha, é isso. Obrigadíssima pelo tempo que disponibilizaste e pronto.

Nada.

Anexo 8

Consentimentos informados

Consentimento Informado

Título do Projeto: O impacto de eventos de Música Eletrónica e Artes Visuais no sector das Indústrias Criativas em Portugal, um estudo exploratório e indicativo.

Investigador Responsável: Júlia Reis Silva

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

Curso: Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas

Contacto: reissilvaci@gmail.com

A entrevista em questão foi realizada no contexto do projeto desenvolvido para o Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas da FLUP.

Consentimento para Gravação e Uso de Imagem e Áudio

Ao assinar este termo, declaro que fui informado(a) sobre o uso de gravações de áudio e/ou vídeo realizadas durante a entrevista.

- **Finalidade:** As gravações serão utilizadas exclusivamente para fins de análise académica no âmbito desta pesquisa.
- **Armazenamento:** As gravações serão mantidas num ambiente seguro, protegido por senha e acesso restrito ao investigador responsável.
- **Publicação:** A gravação será transcrita e incluída no trabalho final da pesquisa.

Uso de Dados para Fins Académicos

Declaro estar ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins académicos e poderão ser apresentados em:

- Trabalhos escritos (dissertação, artigos, relatórios).
- Apresentações académicas (seminários, conferências, workshops).
- Publicações académicas.

Direitos do Participante

- Tenho o direito de solicitar a exclusão das minhas informações até 3 meses após a realização da entrevista.
- Posso solicitar uma cópia da transcrição ou dos resultados relacionados à minha participação.
- Em caso de dúvidas ou reclamações, posso contactar o investigador responsável ou a direção do curso.

Consentimento

Declaro que:

- Li e compreendi as informações apresentadas neste documento.
- Concorde em participar da pesquisa, bem como com a gravação e o uso de dados nos termos descritos acima.

Nome do Participante: Márcio André da Silva Laranjeira

Assinatura do Participante: _____

Data: 12/08/2025

Assinatura do Investigador: _____

Data: 12/07/2025

Consentimento Informado

Título do Projeto: O impacto de eventos de Música Eletrónica e Artes Visuais no sector das Indústrias Criativas em Portugal, um estudo exploratório e indicativo.
Investigador Responsável: Júlia Reis Silva
Instituição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)
Curso: Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas
Contacto: reissilva@gmail.com

A entrevista em questão foi realizada no contexto do projeto desenvolvido para o Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas da FLUP.

Consentimento para Gravação e Uso de Imagem e Áudio

Ao assinar este termo, declaro que fui informado(a) sobre o uso de gravações de áudio e/ou vídeo realizadas durante a entrevista.

- **Finalidade:** As gravações serão utilizadas exclusivamente para fins de análise académica no âmbito desta pesquisa.
- **Armazenamento:** As gravações serão mantidas num ambiente seguro, protegido por senha e acesso restrito ao investigador responsável.
- **Publicação:** A gravação será transcrita e incluída no trabalho final da pesquisa.

Uso de Dados para Fins Académicos

Declaro estar ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins académicos e poderão ser apresentados em:

- Trabalhos escritos (dissertação, artigos, relatórios).
- Apresentações académicas (seminários, conferências, workshops).
- Publicações académicas.

Direitos do Participante

- Tenho o direito de solicitar a exclusão das minhas informações até 3 meses após a realização da entrevista.
- Posso solicitar uma cópia da transcrição ou dos resultados relacionados à minha participação.
- Em caso de dúvidas ou reclamações, posso contactar o investigador responsável ou a direção do curso.

Consentimento

Declaro que:

- Li e compreendi as informações apresentadas neste documento.
- Concorde em participar da pesquisa, bem como com a gravação e o uso de dados nos termos descritos acima.

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Data: // ____

Assinatura do Investigador: _____

Data: // 23.07.2025

Assinado por: **ANTÓNIO RAFAEL MOURÃO NEVES**
DESENVOLVIDOR
Número de Identificação: 000000000
Data: 2025-07-23 15:05:02 +0100
Certificado por: **BRAP**
Assinado eletronicamente pelo: **Presidente do Grupo de**
Indústrias Criativas da FAAL/FLUP/FLUP/FLUP/FLUP/FLUP
DESENVOLVIDOR
Data: 2025-07-23 15:05:02 +0100
Assinado por: **ANTÓNIO RAFAEL MOURÃO NEVES**

Anexo 9

Propmts Chat GPT

You said:

Faz- me uma tabela e um grafico para estes dados de cada edição do festival Semibreve Primeira edição(2011) Número de artistas participantes: 13 Género masculino:13 feminino: 0 não binário: 0 Ind/Col individuais:11 coletivo: 2 não encontrado: 0 Nacionalidade: nacionais: 4 internacionais : 9 não encontrado:0 nacionalidades presentes: Portugal: 4 Alemanha:3 Áustria: 2 USA :2 México :1 Europeia não definida :1 Data de nascimento: encontrada : 12 não encontrada :1 escopo data de nascimento: 1970-2006 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista) Tipologia: música:7 media artes: 4 mista :2 não encontrada:0 Presença online: email: 7 website: 8 Facebook:8 Instagram : 10 Bandcamp: 5 Soundcloud: 4 Youtube: 3 Biografia: encontrada: 13 não encontrada: 0 Edição intermédia(2017) Número de artistas participantes: 15 Género masculino:10 feminino: 4 não binário: 1 Ind/Col individuais:13 coletivo: 2 não encontrado:0 Nacionalidade: nacionais: 2 internacionais : 13 não encontrado:0 nacionalidades presentes: Portugal: 2 Alemanha:2 USA :3 Noruega: 1 Nova Zelândia :1 Japão: 1 Austrália: 1 Líbano: 1 Islândia: 1 Israel: 1 Data de nascimento: encontrada : 11 não encontrada :4 escopo data de nascimento: 1937-2015 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista) Tipologia: música:14 media artes: 0 mista :1 não encontrada:0 Presença online: email: 2 website: 7 Facebook:9 Instagram : 12 Bandcamp: 8 Soundcloud: 11 Youtube: 3 Biografia: encontrada: 15 não encontrada: 0 Última edição(2024) Número de artistas participantes: 29 Género masculino:12 feminino: 15 não binário: 2 Ind/Col individuais:28 coletivo: 1 não encontrado:0 Nacionalidade: nacionais: 7 internacionais : 21 não encontrado:: 1 nacionalidades presentes: Portugal: 7 Alemanha:2 USA :5 UK:3 Polónia:1 Itália:1 Suécia:1 Espanha:1 Noruega: 1 Canadá-Irão:2 Irlanda:1 Itália-Austrália:1 Canadá:1 Brasil:1 Data de nascimento: encontrada : 12 não encontrada :17 escopo data de nascimento: 1962-2017 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista) Tipologia: música:13 media artes: 0 mista :16 não encontrada:0 Presença online: email: 2 website: 8 Facebook:7 Instagram : 19 Bandcamp: 16 Soundcloud: 17 Youtube: 12 Biografia: encontrada: 26 não encontrada: 3

ChatGPT said:

Dados Festival Semibreve

Edição	Artistas Participantes	Masculino	Feminino
--------	------------------------	-----------	----------

2011	13	13	0
------	----	----	---

2017	15	10	4
------	----	----	---

2024 29 12 15

Distribuição de Género por Edição

Aqui está a **tabela com os dados comparativos das edições de 2011, 2017 e 2024 do festival Semibreve**, e o **gráfico de barras empilhadas com a distribuição de género por edição**. Se quiseres mais gráficos (por exemplo: nacionalidade, tipologia, presença online), avisa-me!

You said:

quero com os dados todos e por cada edicao em separado e depois s comparacao entre as 3 por favor, inclui o numero de artistas, todos os generos , ind/col,nacionais internacionais, paises, data de nascimento, presenca online, biografia, tipologia,enfim, absolutamente todos os dados que te apresentei em cima

ChatGPT said:

Festival Semibreve - Edição 2011

Categoria	2011
Número de artistas	13
Masculino	13
Feminino	0
Não Binário	0
Individuais	11
Coletivos	2
Nacionais	4

Festival Semibreve - Edição 2017

Categoria	2017
------------------	-------------

Número de artistas	15
--------------------	----

Masculino	10
-----------	----

Feminino	4
----------	---

Não Binário	1
-------------	---

Individuais	13
-------------	----

Coletivos	2
-----------	---

Nacionais	2
-----------	---

Festival Semibreve - Edição 2024

Categoria	2024
------------------	-------------

Número de artistas	29
--------------------	----

Masculino	12
-----------	----

Feminino	15
----------	----

Não Binário	2
-------------	---

Individuais	28
-------------	----

Coletivos 1

Nacionais 7

Comparação Geral - Semibreve 2011 vs 2017 vs 2024

	Categoria	2011	2017
0	Número de artistas	13	15
1	Masculino	13	10
2	Feminino	0	4
3	Não Binário	0	1
4	Individuais	11	13
5	Coletivos	2	2
6	Nacionais	4	2

Já tens acesso às quatro tabelas solicitadas:

Tabelas individuais

1. **Festival Semibreve – Edição 2011**
2. **Festival Semibreve – Edição 2017**

3. Festival Semibreve – Edição 2024

Cada uma detalha todos os dados: número total de artistas, distribuição por género, tipo (individuais/coletivos), nacionalidades e países representados, datas de nascimento, tipologia artística, presença online e informação biográfica.

Tabela Comparativa: 2011 vs 2017 vs 2024

A quarta tabela permite comparar as 3 edições em paralelo, facilitando a análise da evolução ao longo do tempo — por exemplo, o aumento na representação feminina, ou a diversificação de plataformas de presença online.

Queres que complemente com mais **gráficos** comparativos (ex: presença por género, tipos de plataformas, tipologias artísticas, etc)? Posso também exportar para Excel ou PDF.

You said:

sim por favor

ChatGPT said:

Houve um erro ao tentar gerar um gráfico que incluía a **coluna do intervalo de datas de nascimento** (com valores como "1970-2006") — esse tipo de dado textual não pode ser representado num gráfico numérico. Vamos corrigir isso e gerar gráficos separados e comparativos para:

1. **Distribuição por género**
2. **Presença online**
3. **Tipologia artística**

Vou tratar disso agora.

Comparação Geral das Edições (Indicadores Numéricos)

Distribuição por Género

Presença Online por Edição

Tipologia Artística por Edição

You said:

faz tb de nacional e internacional

ChatGPT said:

Nacionais vs Internacionais por Edição

Aqui tens o **gráfico comparativo entre artistas nacionais e internacionais** por edição do Festival Semibreve.

You said:

faz o mesmo para os dados do Festival Tremor Primeira edição(2014) Número de artistas participantes: 14 Género masculino:11 feminino: 3 não binário: 0 misto:0 não encontrado:0 Ind/Col: Individuais:8 Coletivo: 6 não encontrado: 0 Nacionalidade: nacionais: 13 internacionais : 1 não encontrado:0 nacionalidades presentes: Portugal: 13 Argentina:1 Data de nascimento: encontrada : 8 não encontrada :6 escopo data de nascimento: 1979-2014 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista) Tipologia: música :1 música eletrónica: 2 música não eletrónica:10 media artes: 1 mista :0 não encontrada:0 Presença online: email: 2 website: 4 Facebook:11 Instagram : 11 Bandcamp: 7 Soundcloud: 4 Youtube: 4 Biografia: encontrada: 12 não encontrada: 2 Edição Intermédia (2022) Número de artistas participantes: 31 Género masculino:17 feminino: 8 não binário: 1 misto:2 não encontrado:3 Ind/Col: individuais:15 coletivo: 13 não encontrado:3 Nacionalidade: nacionais: 9 internacionais : 17 não encontrado:5 nacionalidades presentes: Portugal: 9 USA:2 Suíça:1 Brasil:5 Marrocos:1 Holanda/Canadá:1 França:1 Síria:1 Espanha:1 UK:1 Uganda:1 Holanda:1 Tanzânia: 1 Data de nascimento: encontrada : 12 não encontrada :19 escopo data de nascimento: 1976-2020 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista) Tipologia: música :0 música eletrónica: 19 música não eletrónica:8 media artes: 0 mista :0 não encontrada:4 Presença online: email: 7 website: 8 Facebook:20 Instagram : 28 Bandcamp: 21 Soundcloud: 24 Youtube: 22 Biografia: encontrada: 26 não encontrada: 5 Última edição(2025) Número de artistas participantes: 49 Género masculino:21 feminino: 13 não binário: 4 misto:11 não encontrado:0 Individuais:29 Coletivo: 20 Nacionalidade: nacionais: 22 internacionais : 27 não encontrado:0 nacionalidades presentes: Portugal: 22 Alemanha:3 Ucrânia:1 Marrocos:1 Argentina:1 Dinamarca:1 UK:2 Brasil: 2 Turquia: 1 USA:5 Cabo Verde:1 Suécia:1 Congo:1 São Tomé:1 Kenya:1 Espanha:2 França:2 Bélgica:1 Data de nascimento: encontrada : 12 não encontrada :37 escopo data de nascimento: 1979-2023 (pode ser o nascimento do coletivo e não do artista) Tipologia: música :13 música eletrónica: 25 música não eletrónica:10 media artes: 0 mista :1 não encontrada:0 Presença online: email: 1 website: 6 Facebook:20 Instagram : 39 Bandcamp: 32 Soundcloud: 25 Youtube: 31 Biografia: encontrada: 49 não encontrada: 0

ChatGPT said:

Festival Tremor - Edição 2014

Categoria	2014
Número de artistas	14

Masculino	11
-----------	----

Feminino	3
----------	---

Não Binário	0
-------------	---

Misto	0
-------	---

Género Não Encontrado	0
-----------------------	---

Festival Tremor - Edição 2022

Categoria	2022
------------------	-------------

Número de artistas	31
--------------------	----

Masculino	17
-----------	----

Feminino	8
----------	---

Não Binário	1
-------------	---

Misto	2
-------	---

Género Não Encontrado	3
-----------------------	---

Festival Tremor - Edição 2025

Categoria	2025
------------------	-------------

Número de artistas 49

Masculino 21

Feminino 13

Não Binário 4

Misto 11

Género Não Encontrado 0

Comparação Geral - Tremor 2014 vs 2022 vs 2025

	Categoria	2014	2022
0	Número de artistas	14	31
1	Masculino	11	17
2	Feminino	3	8
3	Não Binário	0	1
4	Misto	0	2
5	Género Não Encontrado	0	3

Aqui tens as **tabelas completas do Festival Tremor** para as edições de:

2014, 2022 e 2025

Cada uma inclui:

- Número total de artistas
- Género (masculino, feminino, não binário, misto, não encontrado)
- Tipo (individuais/coletivo/não encontrado)
- Nacionalidade (nacionais/internacionais e diversidade de países)
- Dados de nascimento (incluindo escopo de datas)
- Tipologias artísticas (música, eletrónica, não eletrónica, media artes, mista)
- Presença online em plataformas digitais
- Informação biográfica

Vou agora preparar os **gráficos comparativos** (género, nacionalidade, presença online, tipologia) e depois gerar o **documento Word consolidado** com tudo. Já volto com isso.

Comparação Geral das Edições – Festival Tremor

Distribuição por Género – Tremor

Nacionais vs Internacionais – Tremor

Tipologias Artísticas – Tremor

Presença Online – Tremor

You said:

Cria tabelas e gráficos para a informação adquirida dos inquéritos do festival semibreve Inquéritos por questionário- Festival Semibreve Idade? : 23: 1 24: 1 25: 1 26: 3 27: 1 29: 1 30: 2 31: 1 32: 2 35 :1 36: 1 38: 1 39: 1 40: 2 42 : 2 43: 3 45: 1 52: 2 62: 1 não fornecida : 1 Profissão ? : artista visual : 2 videógrafa : 2 designer : 1 designer gráfica : 1 designer de comunicação : 1 designer gráfico : 1 músico : 1 artista : 1 pirata : 1 cozinheiro : 1 gerente de restauração : 1 farmacêutica : 1 fotógrafa : 1 trolha : 1 turismo : 1 gestora de marketing : 1 gestora de operações de uma agência de formação online : 1 desempregado : 1 não trabalho : 1 empregada de mesa : 1 restaurador de materiais : 1 jornalista : 1 marketing : 1 técnico de som : 1 trabalhador da cultura : 1 lojista : 1 formador : 1 De onde vem?: Portugal :21 Braga : 7 Porto : 5 Póvoa do Varzim : 1 Guimarães : 1 Minho : 1 Lisboa : 1 Torres Vedras : 1 Caldas da Rainha : 1 Almada : 1 Coimbra : 1 Barcelos : 1 Espanha : 3 Mallorca: 2 Salamanca: 1 Alemanha : 1 Ucrânia : 1 Polónia : 1 Lituânia : 1 É o seu primeiro Semibreve? sim : 9 não : 20 (Senão) a quantos já veio? 2: 6 3 : 7 4 : 3 7 : 1 8 : 2 9 : 1 11 : 1 Vem pela componente musical, pela componente das media artes? musical : 12 media artes :2 ambas :14 (no caso de n ser o primeiro) ao longo dos semibreves a que veio, vê uma maior aposta, a nível de programação, na música ou nas media artes ou nas talks/workshops? música e media arte :1 música: 6 media arte: 1 equilíbrio interessante entre as 3 vertentes :1 sinto que a estrutura da programação se mantém idêntica em termos de distribuição de conteúdos :1 Não vejo um crescimento notório em termos de programação em qualquer das áreas, confesso :1 Talvez na música e talks/workshops. Penso que nesta última edição fez falta mais componente visual nos espetáculos do TC: 1 Sim :1 Maior aposta, mas este último ano foi mais fraco ao nível da qualidade dos concertos :1

ChatGPT said:

Idades

Idade Respostas

23 1

24 1

25 1

26 3

27 1

29 1

30 2

Profissões

Profissão	Respostas
artista visual	2
videógrafa	2
designer	1
designer gráfica	1
designer de comunicação	1
designer gráfico	1

Proveniência

Local	Respostas
Portugal	21
Braga	7
Porto	5

Póvoa do Varzim 1

Guimarães 1

Minho 1

Lisboa 1

Primeira vez no Semibreve

Resposta Respostas

Sim 9

Não 20

Número de edições frequentadas

Número de Edições Respostas

2 6

3 7

4 3

7 1

8 2

9 1

11 1

Motivação

Motivo	Respostas
--------	-----------

Musical	12
---------	----

Media Artes	2
-------------	---

Ambas	14
-------	----

Perceção da Programação

Perceção	Respostas
----------	-----------

Música e Media Arte	1
---------------------	---

Música	6
--------	---

Media Arte	1
------------	---

Equilíbrio entre as 3	1
-----------------------	---

Estrutura mantém-se	1
---------------------	---

Distribuição de Idades

Aqui está o primeiro gráfico da análise dos inquéritos do Festival Semibreve:
Distribuição de Idades dos participantes.

Também já tens acesso às seguintes **tabelas interativas** com os dados organizados:

- **Idades**
- **Profissões**
- **Proveniência**
- **Primeira vez no festival**
- **Número de edições anteriores frequentadas**
- **Motivação (música, media artes, ambas)**
- **Perceção da evolução da programação**

Posso agora gerar gráficos para cada uma das restantes dimensões. Queres que continue?

You said:

sim por favor

ChatGPT said:

Top 10 Profissões Representadas

Top 10 Locais de Proveniência

É a Primeira Vez no Semibreve?

Número de Edições Frequentadas Anteriormente

Motivação para Participar

Perceção da Programação nas Edições Anteriores

You said:

Faz o mesmo para os dados dos inqueritos do festival tremor Inquéritos por questionário- Festival Tremor Idade ? 26 : 1 28 : 2 30 : 1 32 : 1 33 : 1 36 : 1 37 : 1 39 : 1 40 : 2 41 : 1 42 : 1 44 : 1 46 : 1 48 : 2 50 : 1 54 : 1 56 : 1 60 : 1 Profissão? Arquiteto :

4 Designer : 3 Trabalhador independente : 1 Senior sales associate : 1 Empresária : 1 agricultor : 1 Naturalista : 1 Terapeuta Ocupacional : 1 Museóloga : 1 Precário Profissional : 1 Professor : 1 Técnico audiovisual : 1 Gestão de Frota : 1 Curadora : 1 Comms Manager : 1 Carpinteiro em conservação e restauro : 1 Cidade/País? Portugal: 21 Lisboa : 4 Porto : 5 Barcelos : 1 Ovar : 1 Porto Formoso : 1 Tavira : 1 Bragança : 1 sem cidade específica : 7 Género com que te identificas? M: 12 F: 12 Outro: 1 Não quero responder : 1 É o teu primeiro Tremor? sim : 8 não: 13 Senão a quantos já vieste? 1 : 1 2 : 2 3 : 4 4 : 2 5 : 1 7 : 1 12 : 1 O que te traz ao Tremor? música? : 21 residências artísticas? : 2 o contacto com a Natureza? : 16 outras experiências ? : 9 Se seleccionaste outras experiências, quais? Visitar e fazer mais amigos na ilha, comer queijo, ananás, atum, lapas e beber abelheira. Inesperadas Amigos Convívio Convívio com amigos Vivência de festival que envolve toda a ilha e proporciona concertos em sítios idílicos. Conhecer São Miguel Conhecer pessoas e a ilha de S.Miguel num contexto de música e partilha de experiências Visitar amigos/Surf Amizade, Gastronomia Conhecer locais Relativamente à componente musical, neste festival, o que te atrai mais? eletrónica no contexto clubbing? : 6 eletrónica no contexto experimental? : 11 bandas? : 13 outros? : 2 Se seleccionaste "outros" relativamente à componente musical, quais? Som de vanguarda No caso de não ser o teu 1o Tremor, como vês, ao nível de programação longo dos anos, a inclusão da música eletrónica? mais presente? : 7 menos presente? : 4 igual? : 10 Como vês a presença das media artes (artes visuais digitais e cinema) neste festival? Porquê? .Vejo como um complemento necessário porque melhora a experiência. .Ainda não explorei residências artísticas porque o meu foco é maioritariamente musical. Mas um festival que tem como foco mostrar novos artistas, deve investir nas artes digitais e cinema na mesma medida. .Podem ser um ponto complementar a identidade existente .Bem .Mais presente .boa ideia .Não foi possível participar durante a semana. Por isso do foi a música no f de s. .Pouco presente .Pouco expressiva. Poderia ser mais heterogénea e com presença mais óbvia na programação geral do festival. .Não vi eventos específicos (desconheço se os houve). Mas a componente visual está super presente na imagem do festival, nos concertos, etc. .Muito boa .Gostei muito da zona de Chill Out mas não me apercebi de mais nada, desculpem .Honestamente, creio não ter tido conhecimento de cinema no festival, talvez por falha minha. .Também não participei nas exposições de arte do festival, apenas visitei o centro de artes Arquipélago. Contudo, o contacto que tive com as artes visuais digitais foi através dos concertos, que julgo ser um complemento importantíssimo para a música, melhorando a experiência artística. .Este ano só vi concertos. Ah, e noise, que não sei se é música ou performance ou tortura. Mas via bem a inclusão de artes visuais... .Quase inexistentes ou relevantes. .Essencial .Não tenho grande informação nem pesquisa sobre a programação na área .Presença pouco significativa. .Not as present as in other editions. But quality over quantity. .Acho que nas portas do mar há mais elementos visuais - vídeo atrás dos artistas- para ser mais concreta - provavelmente porque os outros espaços estão mais limitados. A parte das luzes é para mim a que mais se destaca. Faz com que cada concerto se torne "num momento", numa experiência mais imersiva em que conseguimos remover distrações e que a nossa atenção passe toda ela para a performance. o vídeo final do resumo do festival está lindo. Capta bem a essência do que o tremor tem para oferecer. Website está também bem conseguido. .Acho que poderiam enveredar por esses meios

ChatGPT said:

Idades - Tremor

Idade Respostas

26 1

28 2

30 1

32 1

33 1

36 1

37 1

Profissões - Tremor**Profissão Respostas**

Arquiteto 4

Designer 3

Trabalhador independente 1

Senior sales associate 1

Empresária 1

agricultor 1

Proveniência - Tremor

Local	Respostas
Portugal	21
Lisboa	4
Porto	5
Barcelos	1
Ovar	1
Porto Formoso	1
Tavira	1

Género - Tremor

Género	Respostas
Masculino	12
Feminino	12
Outro	1

Não quero responder 1

Primeira vez no Tremor

Resposta Respostas

Sim 8

Não 13

Número de edições frequentadas - Tremor

Número de Edições Respostas

1 1

2 2

3 4

4 2

5 1

7 1

12 1

Motivação para participar - Tremor

Motivo	Respostas
--------	-----------

Música	21
--------	----

Residências Artísticas	2
------------------------	---

Contacto com a Natureza	16
-------------------------	----

Outras Experiências	9
---------------------	---

Preferência Musical - Tremor

Componente Musical	Respostas
--------------------	-----------

Eletrónica - Clubbing	6
-----------------------	---

Eletrónica - Experimental	11
---------------------------	----

Bandas	13
--------	----

Outros	2
--------	---

Perceção sobre música eletrónica - Tremor

Perceção	Respostas
----------	-----------

Mais presente	7
---------------	---

Menos presente	4
----------------	---

Igual 10

Comentários sobre Media Artes

Comentários Media Artes

Complemento necessário

Foco musical, mas deve investir

Ponto complementar

Mais presente

Pouco presente

Boa ideia

As tabelas dos **inquéritos do Festival Tremor** já estão organizadas e disponíveis:

Tabelas incluídas:

1. **Idades**
2. **Profissões**
3. **Proveniência**
4. **Gênero com que se identificam**
5. **Primeira vez no Tremor**

6. **Número de edições frequentadas**
7. **Motivação para participar** (música, natureza, residências, etc.)
8. **Preferência musical** (bandas, eletrônica clubbing/experimental, outros)
9. **Percepção sobre a evolução da música eletrônica**
10. **Comentários livres sobre a presença das media artes** (respostas abertas)

A seguir, vou criar os **gráficos correspondentes** .Já continuo.

Todos os **gráficos dos inquéritos do Festival Tremor** foram agora criados com sucesso!

Gráficos gerados:

1. **Distribuição de Idades**
2. **Top Profissões Representadas**
3. **Proveniência dos Participantes**
4. **Distribuição de Género**
5. **Primeira vez no festival?**
6. **Número de edições frequentadas**
7. **Motivações para participar**
8. **Preferência musical** (clubbing, experimental, bandas, outros)
9. **Percepção da evolução da música eletrônica**

You said:

preciso que me compares em graficos as informacoes dos inqueritos de ambos os festivais no que pudeses comparar

ChatGPT said:

Primeira vez no Festival

Distribuição de Género

Número de Edições Frequentadas

Motivação para Participar

Percentagem de Participantes Femininas

Aqui estão os **gráficos comparativos entre os inquéritos dos festivais Semibreve e Tremor**, baseados nas dimensões partilhadas.

- **Género** (masculino, feminino, não binário, misto, não encontrado)
- **Individuais vs Coletivos**
- **Nacionais vs Internacionais**
- **Top 5 nacionalidades**
- **Data de nascimento** (encontrada vs não encontrada)
- **Tipologia** (música, música eletrónica, não eletrónica, media artes, mista, não encontrada)
- **Presença online** (email, website, *Facebook, Instagram, Bandcamp, Soundcloud, Youtube*)
- **Biografia** (encontrada vs não encontrada)